

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO

JÉSSICA FERNANDA MARTINS

**GAME OF THRONES E AS RELAÇÕES DE PODER: A
PRESENÇA DO REALISMO OFENSIVO NA DINÂMICA DE
WESTEROS**

BAURU
2016

JÉSSICA FERNANDA MARTINS

**GAME OF THRONES E AS RELAÇÕES DE PODER: A
PRESENÇA DO REALISMO OFENSIVO NA DINÂMICA DE
WESTEROS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas como parte dos requisitos para a obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais, sob orientação da Prof.^a M.^a Beatriz Sabia Ferreira Alves.

BAURU
2016

Martins, Jéssica Fernanda

M3865g

Game of Thrones e as Relações de Poder: A Presença do Realismo Ofensivo na Dinâmica de Westeros / Jéssica Fernanda Martins -- 2016.

103f.

Orientadora: Profa. M.^a Beatriz Sabia Ferreira Alves.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade do Sagrado Coração - Bauru - SP

1. Realismo Ofensivo. 2. Game of Thrones. 3. Poder. 4. Hegemonia. 5. Relações Internacionais. I. Alves, Beatriz Sabia Ferreira. II. Título.

JÉSSICA FERNANDA MARTINS

**GAME OF THRONES E AS RELAÇÕES DE PODER: A PRESENÇA
DO REALISMO OFENSIVO NA DINÂMICA DE WESTEROS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais sob orientação da Prof.^a M.^a Beatriz Sabia Ferreira Alves.

Banca Examinadora:

Prof.^a M.^a Beatriz Sabia Ferreira Alves
Universidade do Sagrado Coração

Prof.^o Dr. Bruno Vicente Lippe Pasquarelli
Universidade do Sagrado Coração

Prof.^o M.e Fábio José de Souza
Universidade do Sagrado Coração

Bauru, 01 de dezembro de 2016.

Dedico este trabalho aos meus pais, por todo sacrifício, apoio e amor dados em toda a minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer àqueles que estão presentes em minha vida desde o início desta jornada: Meus pais, Renato e Andréia. Obrigada por todo apoio, carinho e atenção. Sou imensamente grata pela ajuda que sempre me deram, pelas lições que me ensinaram, por todo o sacrifício que fizeram em meu nome e pelo amor incondicional que sempre demonstraram.

Aos meus irmãos, Leonardo e Juliane, que mesmo não tão próximos do processo de realização deste trabalho, proporcionaram muitas risadas que tornaram este momento mais prazeroso.

Agradeço também aos meus amigos, que estiveram sempre ao meu lado em todos os desafios impostos a nós ao longo do curso de Relações Internacionais. Foram quatro anos de várias histórias, aprendizagem, choros, risadas, momentos de desespero, mas acima de tudo, muita cumplicidade. A vocês desejo todo o sucesso em nossa profissão!

À minha orientadora, Beatriz, que além de ser uma ótima professora e de auxiliar no desenvolvimento deste trabalho de forma excepcional, também foi uma amiga com que pude contar em vários momentos.

E por fim, agradeço a Deus por ter guiado meus passos até aqui e ter me dado forças para nunca desistir do meu sonho.

“Um covarde pode ser tão bravo como qualquer homem quando não há nada a temer. E todos cumprimos o nosso dever quando ele não tem preço. Como parece fácil então seguir o caminho da honra. Mas, cedo ou tarde, na vida de todos os homens chega um dia em que não é fácil, um dia em que ele tem de escolher”. (George R. R. Martin).

RESUMO

O presente trabalho terá como objetivo analisar as premissas teóricas do Realismo Ofensivo de John Mearsheimer, atreladas ao estudo das variáveis do poder – *hard power*, *soft power* e *smart power* – e sua inserção na dinâmica internacional. A teoria realista ofensiva procura explicar os motivos pelos quais os Estados se comportam de forma hostil no cenário mundial, além de apresentar justificativas para que meios agressivos sejam empregados nas ações destes atores. Nesta configuração, os países procuram cada vez mais a maximização de seu poder em diversas esferas, visando o alcance da hegemonia. E este contexto pode ser visualizado não só em acontecimentos da sociedade internacional atual, mas também em universos fictícios, como é o caso de *Game of Thrones*. Nesta série televisiva, o poder, a desconfiança, a busca pela hegemonia e guerras se fazem presentes nas relações entre os atores inseridos no continente imaginário denominado Westeros. No estudo, primeiramente, pretende-se traçar as características do Realismo Ofensivo, assim como teóricos que explicaram o conceito de poder ao longo dos anos – Maquiavel, Hobbes, Wight e Nye. Na sequência, a teoria será relacionada a alguns eventos ocorridos durante as seis temporadas de *Game of Thrones* – objeto de estudo – como forma de ilustrar os pensamentos destes estudiosos. E além dos acontecimentos apresentados na série, as ações particulares de determinados personagens serão analisadas perante as três vertentes do poder supracitadas.

Palavras-Chave: Realismo Ofensivo. Game of Thrones. Poder. Hegemonia. Relações Internacionais.

ABSTRACT

The current work will have as goal to analyze the theoretical premises of John Mearsheimer's Offensive Realism, linked to power variables – hard power, soft power and smart power – and its entry in the international dynamics. The offensive realist theory aims to explain the reasons why States behave in such a hostile way in the international scenario, besides pointing out explanations for these aggressive means to be applied over these actors' actions. In this setting, States seek to maximize their power over and over again in miscellaneous spheres, in order to reach hegemony. This context can also be visualized not only in current international society happenings, but also in fictitious universes, like Game of Thrones. In this TV show, power, mistrust, the search for hegemony and war stand on relations among actors inserted in the imaginary continent named Westeros. In this study, first of all, it is intended to trace the Offensive Realism features, as well as theorists that overcame the power concept throughout the years – Machiavelli, Hobbes, Wight and Nye. Ahead, the theory will be related to some events attended during Game of Thrones six seasons – object of study – as a way to depict these thinkers' ideias. And, beyond happenings occurred in the show, particular characters' inward actions will be analyzed through these power variables overcited.

Keywords: Offensive Realism. Game of Thrones. Power. Hegemony. International Relations.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	O REALISMO OFENSIVO DE JOHN MEARSHEIMER	13
2.1	CONSTRUÇÃO TEÓRICA	13
2.2	O COMPORTAMENTO DOS ATORES E DO HEGEMON	17
2.3	A INSTRUMENTALIZAÇÃO DA MENTIRA NA POLÍTICA INTERNACIONAL	24
3	OS ASPECTOS DO PODER	31
3.1	O PODER NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	32
3.2	PODER DE PERSUASÃO E PODER COERCITIVO	38
3.3	O PODER ASTUTO	43
3.4	PODER DE BARGANHA E MAXIMIZAÇÃO DOS INTERESSES	47
4	GAME OF THRONES E O ESTADO	55
4.1	O USO DA ESTRATÉGIA E DA INFORMAÇÃO	58
4.2	ÉTICA, VIOLÊNCIA E INSTITUIÇÕES	62
4.3	A INFLUÊNCIA DO SISTEMA DE CRENÇAS	67
4.4	MORAL VERSUS DISPUTA PELO PODER	73
5	GAME OF THRONES E OS TIPOS DE PODER	77
5.1	O SOFT POWER DOS TYRELL	77
5.2	O SMART POWER DE TYRION LANNISTER	82
5.3	O HARD POWER EM WESTEROS	88
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
	REFERÊNCIAS	96
	APÊNDICE A – PERSONAGENS DE GAME OF THRONES	101

1 INTRODUÇÃO

O estudo e compreensão das Relações Internacionais têm como base as diversas premissas teóricas que tentam explicar a dinâmica dos atores internacionais frente à complexidade da sociedade mundial atual. Neste trabalho a vertente utilizada será o Realismo Ofensivo de John Mearsheimer, como forma de compreender a análise que será feita sobre os eventos inseridos na série *Game of Thrones*.

Esta teoria considera os Estados como principais atores do sistema internacional, afirmando que com o poder que têm em mãos, realizam ações de cunho estratégico – por serem considerados racionais – e agressivo para deterem o avanço de outras potências que possam ameaçar sua posição no cenário global.

O comportamento destes atores no sistema internacional é pautado na busca pela concretização de sua hegemonia, no entendimento de seu papel no jogo mundial e na importância de suas ações em relação à existência de outros Estados. E, na maioria das vezes, a capacidade militar e estratégica determina a força relativa de cada um destes atores.

Estas relações entre os Estados correspondem às disputas entre os mesmos pelo controle das esferas política ou econômica mundiais. Dentro dessas disputas, as capacidades militares e financeiras são mensuradas para identificar aquele que irá emanar ordens ou recomendações para o restante dos atores internacionais. Sendo assim, de acordo com a capacidade e poder de influência, identifica-se o *hegemon* do sistema global.

Ainda de acordo com a teoria, o destino de todos os Estados – sejam eles grandes potências ou não – são determinados pelas decisões e ações daqueles que têm maiores capacidades. E o poder das grandes potências é em grande parte determinado com base na capacidade militar destes países.

O autor também afirma em sua obra, *The Tragedy of Great Power Politics*, que os Estados que possuem a capacidade de tomar estas atitudes ofensivas (militares) assim o farão, para inibirem o progresso de potências rivais ou por simplesmente terem os instrumentos necessários para seguirem em frente com seus planos violentos.

Neste sentido, a análise política que será feita sobre a série *Game of Thrones* terá como base as premissas ofensivas realistas de Mearsheimer pelo fato desta teoria enfatizar a maximização do poder e a garantia da segurança como fatores que impulsionam toda e qualquer ação dos principais atores internacionais. Neste cenário, a anarquia torna-se a principal causa da competição pela sobrevivência e esta estrutura determina como os Estados pensam e agem entre si. Para melhor visualização dos objetivos dos “grandes poderes”, há três razões que provocam este comportamento no cenário internacional: A ausência de um poder soberano (autoridade central) que seja capaz de proteger um Estado do outro; o fato de os países sempre terem capacidade militar ofensiva; e a incerteza que os Estados têm a respeito das intenções de outros Estados.

A partir da instauração do medo entre estes atores, os Estados percebem que devem ser mais poderosos frente aos seus rivais, para poderem ter melhores chances de sobrevivência. Neste contexto, a melhor forma de garanti-la seria tornar-se um *hegemon*, pois nenhum outro Estado seria capaz de ameaçá-lo seriamente.

Ao visualizar as representações desta teoria na série, pode-se facilmente verificar que estas são as ambições de todos os reinos e que as relações conturbadas ou disputas entre eles são consequências destas competições.

Mesmo sendo um universo fictício, a série serve como exemplo para os estudos sobre as relações de poder e influência entre Estados. Nela ficam evidenciadas todas as manobras que os reinos fazem para garantir seu lugar no cenário em que vivem. Por isso, é bastante importante visualizar estes acontecimentos para entender o que pode acontecer ou acontece na vida política atual.

No universo estudado, chamado de Sete Reinos, os espaços abordados serão os territórios compreendidos no continente fictício denominado Westeros e a delimitação do tempo corresponde aos acontecimentos apresentados nas seis temporadas da série, exibidas até o ano de 2016.

O trabalho será focado na sociedade westerosi que compreende homens e mulheres de diferentes faixas etárias e de níveis sociais distintos. Neste sentido, haverá a avaliação das ações realizadas por algumas das grandes famílias existentes nesta realidade – Lannister, Stark, Targaryen, Baratheon, Greyjoy e

Bolton –, e, atrelados a esta análise, serão utilizados pressupostos teóricos que comprovem a dinâmica social desenvolvida neste cenário.

A busca pela maximização do poder torna-se o principal motivo pelas guerras ocorridas neste universo. E pelo fato destes acontecimentos exemplificarem grande parte das relações entre os atores globais, seu entendimento por vias acadêmicas é bastante interessante.

Esta pesquisa pode não só servir como análise geopolítica da sociedade representada na saga, como também despertar a curiosidade do público em geral pela analogia que está sendo realizada, fazendo com que um maior número de pessoas tenha interesse sobre temas globais.

A estrutura do trabalho será dividida em quatro partes. Primeiramente, será feito um estudo sobre a teoria do Realismo Ofensivo e suas variáveis. Neste capítulo, além do entendimento sobre suas premissas, será evidenciado o papel dos atores no sistema internacional, assim como o do *hegemon*. E como complemento, a mentira será tratada como instrumento das relações entre Estados. No tópico seguinte, a análise focará no estudo do poder e no seu entendimento perante as Relações Internacionais. Serão evidenciados teóricos que definiram o termo ao longo dos anos, além da explicação dos diferentes tipos de poder existente no cenário internacional. Dando sequência, a terceira parte terá como base o esclarecimento do universo de *Game of Thrones*. Nele, serão elencados os fatores que regem esta sociedade, assim como suas características. E por fim, o último tópico analisará as ações individuais de determinados personagens inseridos na série, como forma de exemplificar as premissas teóricas sobre a execução, manutenção ou detenção do poder.

Em suma, a análise a ser feita contribuirá para o entendimento de que o poder não é algo físico ou abstrato, mas sim a soma de ambos os conceitos. Ele é estabelecido a partir das relações entre partes distintas, assim como de suas capacidades. Sua mensuração se dá pelos recursos que possuem, e também pela forma como um indivíduo, Estado ou órgão exerce sua força de influência sobre o outro, que se torna submisso a uma ordem. Também mostrará como são determinados os acontecimentos na dinâmica social internacional – sendo exemplificados pelos eventos da série –, onde os atores criam redes de influência,

utilizando-se do poderio militar e econômico para criar alianças e assim, expandir sua atuação neste cenário.

Sabe-se que as teorias das Relações Internacionais não são inteiramente absolutas, mas intuito da utilização do Realismo Ofensivo neste trabalho é evidenciar aquilo que os países são capazes de fazer e como o poder interfere nas interações entre os mesmos.

2 O REALISMO OFENSIVO DE JOHN MEARSHEIMER

O estudo das Relações Internacionais compreende o entendimento de diversas vertentes teóricas que tentam explicar, segundo suas perspectivas, o cenário mundial e os fenômenos que nele ocorrem.

Dentre as teorias que são o cerne das discussões, o Realismo destaca-se na tentativa de evidenciar as ações dos Estados e o seu comportamento no sistema internacional. Esta teoria parte de princípios bastante rígidos, onde a sobrevivência e a segurança dos países tornam-se as principais preocupações destes atores.¹

De acordo com Hans Morgenthau², um dos pioneiros nos estudos das Relações Internacionais, “o realismo parte do princípio de que seu conceito chave de interesse definido como poder constitui uma categoria objetiva que é universalmente válida”. (MORGENTHAU, 2003, p. 16).

Por isso, sendo o poder um fator essencial para a condução e entendimento da teórica realista, esta vertente guiará toda a análise que se pretende fazer neste trabalho. E, além disso, as transformações pelas quais esta teoria passou ao longo dos anos, fomentaram um melhor desenvolvimento do estudo a ser realizado.

2.1 CONSTRUÇÃO TEÓRICA

Dentre as variáveis do realismo político, John Mearsheimer elabora novas premissas para a condução desta vertente com a criação do Realismo Ofensivo. Esta teoria baseia-se nas disputas de poder entre as nações, onde meios agressivos podem ser empregados caso sejam necessários, para a garantia dos interesses das grandes potências. Nela, o Estado é tido como principal ator internacional, que rege a dinâmica deste cenário.³

Outra vertente teórica existente é o Realismo Defensivo, que diferente da teoria anterior, trata o sistema internacional como anárquico, onde os Estados somente priorizam a preservação de suas posições neste cenário regido pelo equilíbrio de poder.

¹ SANTOS, Andressa de Melo. O Realismo na Teoria das Relações Internacionais. **Caderno de Relações Internacionais**, Recife, v.3, n.5, 2012, p. 86.

² Hans Joachim Morgenthau (1905-1980). Teórico do realismo político clássico.

³ MEARSHEIMER, John. **The Tragedy of Great Power Politics**. 2001, p. XV.

Tanto la vertiente del realismo ofensivo como el realismo defensivo le otorgan importancia a la estructura del sistema internacional como un factor influyente en el comportamiento del Estado, la diferencia radica en que para el realismo ofensivo la estructura del sistema internacional no necesariamente induce a que los Estados sean conservadores con respecto a la búsqueda de poder ya que en el sistema internacional, tal cual lo afirma John Mearsheimer, genera incentivos a los Estados para que estos tengan oportunidades de maximizar su poder [...] (PETROLLINI, 2007, p. 3).

Verifica-se então, que nas premissas defensivas do realismo a hegemonia não é algo essencial e não faz papel algum na garantia da segurança dos Estados (ALBERNAZ et al, 2010, p. 20). Por isso, sua base teórica vai contra aos preceitos do Realismo Ofensivo que, segundo Mearsheimer, evidencia a busca pela maximização do poder de todos os Estados.

Para o autor, “uma teoria das Relações Internacionais deve ser capaz de responder a duas questões básicas: *por que razão os Estados competem por poder? E quão poderosos os Estados desejam e buscam ser?*” (MEARSHEIMER apud MENDES, 2003, p.109). Sendo assim, para uma melhor compreensão das propostas de Mearsheimer, deve-se definir a estrutura do sistema internacional aos olhos do teórico.

O primeiro pressuposto que define este cenário é a anarquia. Isso não se deve à noção de que os Estados estão sempre em algum tipo de conflito, mas está atrelado ao fato de que não existe um governo supremo que os force a cumprir determinadas ordens, sendo que não há uma unidade autoritária central. (MEARSHEIMER, 2001, p. 30). Neste sentido, evidencia-se não só a independência dos Estados, como também a irrelevância de outros atores internacionais – organizações internacionais ou não-governamentais e empresas transnacionais –, que tentam regular o sistema mundial, no qual os países respondem somente aos seus interesses.

O segundo pressuposto diz respeito à capacidade militar ofensiva dos grandes poderes – Estados ou potências – que permitem a criação de um comportamento agressivo dos países, onde há grande possibilidade de destruição mútua.⁴ De acordo com o autor,

⁴ TOFT, Peter. **John J. Mearsheimer: An Offensive Realist Between Geopolitics and Power.** Institut for Statskundskab, 2003, p. 5.

States are potentially dangerous to each other, although some states have more military might than others and are therefore more dangerous. A state's military power is usually identified with the particular weaponry at its disposal, although even if there were no weapons, the individuals in those states could still use their feet and hands to attack the population of another state. After all, for every neck, there are two hands to choke it. (MEARSHEIMER, 2001, p. 30-31).

Fica claro que as ações dos Estados se baseiam num comportamento hostil e desconfiado. No sentido de garantir sua sobrevivência ou seus interesses, qualquer meio pode ser utilizado, inclusive o militar. Nos últimos anos percebemos que o número de conflitos aumentou inegavelmente. As guerras no Oriente Médio, as ações de cunho bélico dos Estados Unidos em diversos territórios e até mesmo a disseminação de grupos terroristas reafirmam esta premissa de Mearsheimer. Conflitos fazem parte do cotidiano do sistema internacional e, mesmo com discursos pacifistas, os países ainda priorizam o alcance de seus objetivos, independentemente do fato da vida de milhares estarem em risco.

Dando sequência a este pensamento, o terceiro pressuposto da teoria é o da sobrevivência como principal meta dos Estados. A garantia de sua segurança é primordial, sendo necessário fortalecer a autoridade e integridade territorial destes países.⁵ Neste sentido, procura-se assegurar a existência do Estado no sistema, para que após esta afirmação, ele seja capaz de buscar e alcançar novos objetivos. Frisar sua autonomia frente a outros Estados é uma das características das grandes potências. Impor-se neste cenário significa manter o adversário longe, com medo de suas ações.

Great powers fear each other. They regard each other with suspicion, and they worry that war might be in the offing. They anticipate danger. There is little room for trust among states. For sure, the level of fear varies across time and space, but it cannot be reduced to a trivial level. (MEARSHEIMER, 2001, p. 32).

Seguindo esta linha de raciocínio, verifica-se o quarto pressuposto do Realismo Ofensivo, que afirma que os grandes poderes nunca poderão ter certeza

⁵ MEARSHEIMER, 2001, p. 31.

sobre a intenção dos outros Estados.⁶ Este sentimento de medo entre os atores, muitas vezes, molda a ação ou reação agressiva que tomam nestas situações. Todos os outros Estados tornam-se inimigos potenciais. Não há como saber se estas potências se posicionarão com atitudes ofensivas ou hostis, com o intuito de desestabilizar ou até mesmo destruir outros países. Neste sentido, o medo toma conta dos Estados, influenciando diretamente suas atitudes.

Por fim, o último pressuposto da teoria realista ofensiva é de que as grandes potências são atores racionais. Tomando por base as premissas anteriores, esta racionalidade dos Estados é compreensível e, até mesmo, esperada. Nenhum país poderia agir da forma que Mearsheimer aponta, sem que houvesse uma lógica em suas atitudes. De acordo com o autor, os países consideram como o comportamento de outros Estados afetará sua sobrevivência e como sua estratégia influenciará o comportamento das outras potências. (MEARSHEIMER, 2001, p. 31).

Em todos os pilares do Realismo Ofensivo verifica-se a importância do Estado para o sistema internacional e como sua manutenção desponta como a razão fundamental para a criação de estratégias. De acordo com Mendes (2003, p. 112):

Os cinco pressupostos somados pintam o quadro da realidade essencial que se impõe aos Estados: são eles atores que possuem como objetivo supremo garantir a sua própria sobrevivência; habitam, porém, um mundo repleto de unidades semelhantes que detêm necessariamente capacidades que desafiam esse objetivo e cujas intenções nunca podem ser apuradas com certeza; para completar o quadro, inexistente um órgão central capaz de regular o comportamento dessas unidades (com ênfase ao emprego da força).

Todos estes tópicos podem ser resumidos em uma única ideia: a manutenção do poder das nações como meio para garantir seus objetivos. A busca pelo mesmo torna os países radicais em seus comportamentos. Mearsheimer faz uma comparação, afirmando que “o poder é a moeda de troca na política das grandes potências, e os Estados competem entre eles mesmos. O que o dinheiro é para a economia, o poder é para as relações internacionais”.⁷

E neste cenário, o poder nada mais é do que um artifício de defesa. Como citado anteriormente, os Estados temem uns aos outros. E o exercício do poder tem

⁶ TOFT, Peter. **John J. Mearsheimer: An Offensive Realist Between Geopolitics and Power.** Institut for Statskundskab, 2003, p. 5.

⁷ MEARSHEIMER, 2001, p. 12.

o intuito de manter a segurança de seus nacionais e seus territórios, mesmo sem a existência de uma ameaça iminente. Os países disputam pelo controle em diversas esferas e, ao deterem poderio político, econômico ou militar, eles maximizam suas capacidades com o propósito de priorizar sua hegemonia no sistema global.

Com base na teoria, há dois tipos de poder que são requeridos pelas nações. O primeiro deles é o poder potencial, mensurado pelo tamanho de sua população e pelo seu nível de riqueza. Com estes recursos, um país pode assegurar o desenvolvimento de forças militares grandiosas, protegendo-se e projetando-se contra qualquer inimigo. Já o segundo é o poder real de um Estado, mensurado pelo seu exército e pelas forças naval e aérea que o apoiam. Neste, o exército é o cerne do poder militar, pois por meio dele pode-se conquistar e controlar territórios. (MEARSHEIMER, 2001, p. 43).

Por isso, na hierarquia dos objetivos dos Estados, sua sobrevivência vem em primeiro lugar. Com o poder suficiente em mãos, eles são capazes de ações de grande magnitude. Entretanto, é válido lembrar que a segurança não deve ser o único interesse dos países na dinâmica global. A prosperidade econômica também é bastante importante, pois se entende que todo Estado busca pelo bem-estar de seus cidadãos. Além disso, a riqueza é outro artifício para adquirir novos recursos que assegurem a hegemonia no sistema.

Percebe-se que o cenário internacional protagonizado pelas grandes potências é entendido como um sistema onde os Estados atuam ofensivamente, baseados em três padrões de comportamento: medo, maximização de poder e autoajuda. E, em conjunto, estes padrões determinam as atitudes dos atores no sistema global, sendo que estas ações podem ter cunho agressivo, de acordo com as intenções e capacidades de cada Estado.

2.2 O COMPORTAMENTO DOS ATORES E DO HEGEMON

Há interpretações do sistema internacional que evidenciam o comportamento dos Estados e os justificam pela busca de ganhos de poder – econômico ou político. Entretanto, muitas das estratégias criadas são baseadas não só na maximização das potências, mas também em outros fatores que guiam o raciocínio dos governos destes países.

Como visto anteriormente, um dos principais fatores é o medo. No sentido de garantir sua própria sobrevivência, os Estados temem uns aos outros. Todos se tornam ameaças e inimigos em potencial. E essa ideia é fomentada pelo fato de não existir uma autoridade suprema que venha ao resgate dos países. Sendo assim, cada Estado cria estratégias de defesa e ataque para defender seu território, pois não há a quem recorrer para solicitar ajuda. E, por isso, ações drásticas acabam por construir um mundo onde a guerra é algo comum em diversos lugares.⁸

Talvez, se a competição entre estes atores fosse meramente econômica, as consequências destas disputas pudessem não ser tão catastróficas. Ainda de acordo com o teórico:

Great powers do not compete with each other as if international politics were merely an economic marketplace. Political competition among states is a much more dangerous business than mere economic intercourse; the former can lead to war, and war often means mass killing on the battlefield as well as mass murder of civilians. In extreme cases, war can even lead to the destruction of states. (MEARSHEIMER, 2001, p. 32-33)

Pode-se verificar que, neste cenário de busca por sobrevivência, a guerra é inevitável. E os atores protagonistas destas ações militares não parecem se importar com a destruição e o número de mortes geradas por estes conflitos. Desde que estas horríveis consequências não sejam voltadas ao seu território, população ou posses, nada mais importa. O restante dos países são vistos como inimigos mortos, e o mais importante é eliminar estas ameaças.

A base deste medo se dá na capacidade que os outros Estados têm em atacar. E, independentemente da capacidade que o Estado possui, neste cenário, ele se vê como um sujeito vulnerável e sozinho. Mesmo com alianças feitas durante períodos de guerra, cada país vai em busca de seu interesse particular.

Um exemplo bastante claro disto foi o ocorrido pouco antes da II Guerra Mundial eclodir. Na época, o Brasil era governado pelo presidente Getúlio Vargas⁹, que tinha uma política externa denominada “diplomacia pendular”¹⁰, pois, nada mais

⁸ Ibid, p. 30.

⁹ Foi presidente do Brasil em dois mandatos: 31 de janeiro de 1951 – 24 de agosto de 1954, 3 de novembro de 1930 – 29 de outubro de 1945.

¹⁰ Isso ocorre quando o governo de determinado país procura manter a mesma distância entre dois lados distintos da política global.

fazia do que manter certa proximidade com Estados Unidos e Alemanha – os dois lados opostos da guerra – de acordo com o desenvolvimento dos interesses brasileiros. Foi uma manobra bastante arriscada, porém muito inteligente. Vargas não desfez nenhuma das alianças em prol dos objetivos de seu governo, mesmo em uma época de grande instabilidade política como esta. O então presidente negociou com as duas grandes potências rivais, ao mesmo tempo, para favorecer o desenvolvimento de nosso país.¹¹

Este é um dos exemplos que ilustra a teoria de Mearsheimer. Os Estados, mesmo se mostrando pacifistas ou preocupados uns com os outros, no final, só se importam com os benefícios próprios em épocas ou situações de instabilidade.

Dando continuidade à análise comportamental dos atores, outro fator que irradia influência sobre as estratégias políticas destes países é a autoajuda. Como enfatizado anteriormente, alianças são temporárias. O aliado de hoje pode se tornar o inimigo de amanhã, ou vice-versa. “States operating in a self-help world almost always act according to their own self-interest and do not subordinate their interests to the interests of other states [...]” (MEARSHEIMER, 2001, p. 33). Neste sentido, é compreensível por parte dos Estados que, para operar em um sistema de autoajuda, o importante é ser o mais poderoso neste cenário. Assim, pode-se, mais facilmente, assegurar sua sobrevivência e seus objetivos frente aos interesses de outros atores.

O sentimento de egoísmo toma conta dos governantes. E, em alguns casos, não se pode culpá-los por isso. Quanto mais poderoso é um país, mais inimigos ele terá. Porém, quanto maior sua capacidade, menor são as chances de estes inimigos atacarem. Estados considerados fracos não irão enfrentar grandes potências, pois a derrota é certa – assim como consequências catastróficas.¹²

“Hegemony means domination of the system”. (MEARSHEIMER apud TOFT, 2003, p. 5). Entende-se então que, a dominação do sistema levará à sobrevivência. Por isso, os Estados buscam sempre por poder. Buscam aumentar sua parcela de exercício de poder, ao tentarem tornar outros países subordinados aos seus interesses.

¹¹ MAGRO, Breno Simões. **Política Pendular em Relações Internacionais na Era Vargas de 1930 a 1945** – O Comércio Exterior à Luz da Teoria Política de Ator Racional. Brasília: Instituto de Ciência Política (UnB). 2004, p. 1.

¹² MEARSHEIMER, 2001, p. 33.

No intuito de criar estas oportunidades, os Estados aprendem a analisar como o poder é distribuído entre eles. Desta forma, surge outro fator que rege o seu comportamento: A maximização de poder.

States employ a variety of means—economic, diplomatic, and military—to shift the balance of power in their favor, even if doing so makes other states suspicious or even hostile. Because one state's gain in power is another state's loss, great powers tend to have a zero-sum mentality when dealing with each other. (MEARSHEIMER, 2001, p. 34).

Essa balança de poder faz com que cada país, ao atingir seu auge, tenda a difundir sua influência em diversas áreas do mundo. Assim, a maximização de seu poder transforma-se em algo natural. E para fazer com que isso aconteça, inúmeras estratégias são empregadas na intenção de alcançar a hegemonia.

Primeiramente, as grandes potências procuram sempre construir a maior força militar em sua região. Como falado anteriormente, o exercito é o meio pelo qual os países conquistam e controlam territórios, por isso, a construção de bases militares faz-se essencial para o exercício de seu poder político em diversas terras. Segundo, os Estados procuram aumentar sua participação na riqueza mundial. Na tentativa de conquistar novos territórios, é preciso de recursos financeiros que arquem com as grandes despesas destas estratégias grandiosas. Por fim, todo Estado procura alcançar superioridade nuclear. Mesmo isso sendo algo quase impossível, cada país teme ataques nucleares, e essa vulnerabilidade faz com que eles busquem por desenvolvimento neste setor, apesar da existência de um regime de não proliferação.¹³

Neste caso, o que impede os países de desenvolverem-se neste ramo é o Tratado de Não Proliferação Nuclear¹⁴ (TNP), tido como a base para a adoção de medidas no contexto da agenda internacional. É um tema que, a partir da promulgação do acordo, tornou-se uma das prioridades das discussões entre Estados. Por isso, há grande preocupação em prevenir a proliferação de armas

¹³ TOFT, Peter. **John J. Mearsheimer: An Offensive Realist Between Geopolitics and Power.** Institut for Statskundskab, 2003, p. 7.

¹⁴ Acordo entre países assinado em 1968. Considerado pelos seus signatários como documento essencial para os esforços internacionais no intuito de evitar a disseminação de armas nucleares e para viabilizar o uso pacífico de tecnologia nuclear.

nucleares assim como a eliminação de atividades voltadas para este fim.¹⁵ Estados Unidos, Rússia, Reino Unido, França e China reconhecem serem detentores de recursos nucleares mas, ao assinarem tratado, comprometeram-se em reduzir suas atividades e não propagá-las a outros países. Mas ainda existem problemas relacionados ao tema, pois Irã e Coreia do Norte representam um perigo atômico por realizarem testes nucleares sem nenhuma autorização.

Voltando ao cerne das discussões, ainda que todas estas vantagens sejam alcançadas, a busca por poder não cessa. Esta procura para apenas quando se obtém a hegemonia no sistema internacional. Os países podem se sentir seguros somente se essa supremacia é conquistada. E, neste sentido, a melhor defesa é uma boa ação ofensiva.

Indo adiante, na maximização do poder há dois casos distintos. De um lado, existem os países que procuram aumentar seu poder relativo. Neste, os Estados se preocupam com a distribuição de suas capacidades. Para sobreviver em um mundo perigoso, a melhor estratégia é ter grandes vantagens sobre seus rivais. Do outro lado, há os países que se preocupam em maximizar seu poder absoluto. Aqui, os Estados se concentram apenas em seus próprios ganhos, sem levar em consideração os benefícios de outros Estados. Neste caso, não há a lógica da balança de poder, somente os interesses particulares.¹⁶

Ainda sobre a busca da hegemonia, os países, mesmo sabendo que nunca serão capazes de alcançá-la, tentam ganhar a maior quantidade de poder possível. Seguindo essa lógica, “[...] not only do they (states) look for opportunities to take advantage of one another, they also work to ensure that other states do not take advantage of them” (MEARSHEIMER, 2001, p. 35). Sendo assim, surge outro tópico a ser discutido, chamado de “dilema da segurança” nas relações internacionais. Nele, evidencia-se o fato de que as medidas tomadas por um Estado para garantir sua segurança, acabam diminuindo a segurança de outro Estado. A teoria de John Herz explica que os Estados sempre procurarão pela autodefesa com medo de serem destruídos. Mas ao se protegerem, criam um sentimento de insegurança geral. A partir disto, há a criação dos grupos de países soberanos, que não se

¹⁵ DESARMAMENTO Nuclear e Não Proliferação. **Relações Exteriores**, c2016. Disponível em:< <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/paz-e-seguranca-internacionais/146-desarmamento-nuclear-e-nao-proliferao-nuclear#footer>>. Acesso em: 16 set. 2016.

¹⁶ MEARSHEIMER, 2001, p. 36.

sujeitam à subordinação. E este cenário se configura a partir do caos na atual ordem mundial (RUDZIT, 2005, p. 300).

Sendo assim, a busca individual por melhores condições de segurança e a contra resposta que essa busca estimula na parte de outros estados origina num ciclo vicioso de segurança-insegurança que leva à desestabilização da arena internacional e à diminuição das condições globais de segurança dos povos. (GOMES, 2007, p. 5)

Analisando sucintamente, e levando em consideração as ações ofensivas dos países, este tópico é bastante válido ao visualizarmos a realidade internacional. Um exemplo disso é a chamada Guerra ao Terrorismo¹⁷. Este termo serve para denominar as ações de cunho militar norte-americanas no pós 11 de Setembro. Depois do atentado às Torres Gêmeas¹⁸, os EUA entraram em guerra contra o Iraque, com o objetivo de ferir a segurança daquele país, além de garantir que suas forças – no caso, as do grupo terrorista Al-Qaeda¹⁹ – nunca mais voltassem a ameaçar o território estadunidense.²⁰

Verifica-se então, mais uma vez que, para assegurar a sobrevivência e segurança de seu país, os governos sempre tomam atitudes baseadas na hostilidade, independente das consequências geradas para a outra parte. Como veremos mais adiante no trabalho, moral e ética não fazem parte das estratégias políticas adotadas por estes atores.

Dando sequência ao pensamento de Mearsheimer, no contexto da maximização do poder, o cenário internacional elege o denominado *hegemon*. Este termo é utilizado para identificar o Estado que possui a tão esperada hegemonia, o poder supremo sobre os outros Estados.

A hegemon is a state that is so powerful that it dominates all the other states in the system. No other state has the military wherewithal to put up a serious

¹⁷ Iniciativa parte de uma estratégia global – liderada pelos Estados Unidos – de combate ao terrorismo.

¹⁸ Complexo de edifícios localizado em Nova Iorque (EUA) destruídas durante os ataques de 11 de setembro de 2001.

¹⁹ Organização fundamentalista islâmica internacional, formada por terroristas e liderada durante um longo período por Osama Bin Laden.

²⁰ BARBOSA, Rubens Antônio. Os Estados Unidos pós 11 de setembro de 2001: implicações para a ordem mundial e para o Brasil. **Rev. bras. polít. int**, Brasília, v. 45, n. 1, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73292002000100003&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 21 ago. 2016.

fight against it. In essence, a hegemon is the only great power in the system. A state that is substantially more powerful than the other great powers in the system is not a hegemon, because it faces, by definition, other great powers. (MEARSHEIMER, 2001, p. 40).

A identificação do *hegemon* é feita pela mensuração de suas capacidades e poder em relação aos mesmos aspectos de outros atores internacionais. Se há um país capaz de emanar ordens a outros Estados, com poder bélico e econômico imensuráveis e estratégias políticas bastante desenvolvidas, este sim é tratado como o *hegemon* do sistema global.

O Realismo Ofensivo entende a existência deste Estado no cenário internacional. Porém, não aponta nenhum país como o *hegemon* do contexto atual. Há alguns exemplos ao longo da história que almejaram a posição de *hegemon*, como o Reino Unido durante o século XIX e, de certo modo, os Estados Unidos até a poucos anos atrás. Mas, atualmente, não existe mais um único país que seja capaz de manter o poder em todas as esferas da sociedade internacional. A multipolaridade destas relações tornou quase impossível eleger um poder supremo.

“The principal impediment to world domination is the difficulty of projecting power across the world’s oceans onto the territory of a rival great power” (MEARSHEIMER, 2001, p. 41). Ou seja, hoje é bastante difícil manter domínio sobre outras regiões devido às vastas dimensões territoriais do planeta. Mesmo com os avanços tecnológicos, não há como conservar o controle em relação a áreas bastante distintas.

Vale lembrar que esta busca por poder e afirmação no sistema internacional está diretamente atrelada à necessidade de segurança e ao sentimento de medo entre os países. A distribuição de poder afeta a relação entre os Estados e o nível de medo que os guia.

A respeito do *hegemon*, devemos entender que, devido à dificuldade de se conquistar todos os cantos do mundo, potenciais *hegemons* podem surgir em regiões específicas. Novamente, de acordo com Mearsheimer (2001, p. 44-45),

A potential hegemon is more than just the most powerful state in the system. It is a great power with so much actual military capability and so much potential power that it stands a good chance of dominating and controlling all of the other great powers in its region of the world.

Não é necessário vencer todos os seus oponentes ao mesmo tempo, mas é preciso derrotá-los. Um *hegemon* em potencial precisa manter uma lacuna entre ele e o segundo Estado mais poderoso. E, para ter capacidade de conquistar povos e territórios, precisa ter o maior poder militar na região em que se localiza. Dessa forma, esta potência não se torna um poder supremo, mas adquire uma grande área de influência que, mais tarde, irá gerar novos e maiores recursos que talvez permitam a concretização de sua hegemonia no sistema global.

2.3 A INSTRUMENTALIZAÇÃO DA MENTIRA NA POLÍTICA INTERNACIONAL

Até agora foi discutida a questão dos recursos pelos quais todos os Estados procuram afirmar sua existência, sendo o exercício do poder a peça chave para a manutenção destas relações. Contudo, as ações ofensivas dos governos não são pautadas somente em ameaças e guerras. As ações diplomáticas dos Estados também se tornam hostis quando seus líderes utilizam de um meio antiético para assegurar seus interesses: A mentira. Mas antes de entender o papel deste recurso na política internacional, deve-se delimitar alguns termos.

O primeiro conceito está relacionado à liderança. Um líder na ordem mundial já foi interpretado e compreendido de diversas formas. São tidos como indivíduos que têm habilidades em lidar com pessoas, além de dirigi-las para o caminho que for de seu interesse. Ser um líder é coordenar ações e recursos e direcioná-los para um fim vantajoso.²¹ Ou seja, é alguém que será seguido, obedecido ou, até mesmo, amado por aqueles que se subordinam às suas ordens.

Já a mentira é entendida como uma forma de manipulação de informações.

Fornecendo a B falsas informações sobre acontecimentos relevantes para a sua escolha, A pode levar ocultamente B a um certo comportamento, enquanto este toma as informações por verdadeiras e julga escolher livremente (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p.729).

John Mearsheimer trata em outra obra destes aspectos subversivos da diplomacia internacional. De acordo com o autor,

²¹ BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Tradução Carmen C. Varriale et al. 11. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1998, p. 713.

A principal razão pela qual os líderes mentem para a opinião pública estrangeira é ganhar uma vantagem estratégica para seu país. Como os Estados operam em um mundo anárquico, em que não há um vigilante noturno para protegê-los em caso de problemas graves, eles não têm escolha senão garantir sua própria segurança (MEARSHEIMER, 2011, p. 51-52).

A dificuldade de se provar a utilização da mentira como instrumento da política internacional é o fato de não haver registros sobre ela. Tudo o que se sabe fica subentendido, devido às reviravoltas ocorridas entre os governos mundiais. Mas podemos afirmar que, independente de qualquer evidência, é clara a utilização deste meio para a garantia dos objetivos dos Estados.

Entende-se que é mais provável que estes líderes mintam para sua própria população, do que para países estrangeiros. A inevitabilidade de mascarar as ações governamentais e esconder a real situação política do país de seu povo, muitas vezes, se faz mais necessária do que esconder algo de outro Estado.²²

Relacionar estas atitudes com os objetivos dos países é bastante simples. Reforçando a ideia de que os Estados buscam, primordialmente, por sua sobrevivência e segurança e estão dispostos a fazer o que for necessário para mantê-las intactas, a mentira e a trapaça nada mais são do que meios para garantir estas metas. Vivemos em um mundo sem um poder supremo ao qual possamos recorrer. É um sistema de autoajuda onde cada país está sozinho em seu percurso de desenvolvimento. E isso faz com que os Estados não meçam esforços no intuito de proteger seus interesses.

Sabe-se também que no sistema internacional a impunidade é bastante recorrente. As regras são frequentemente quebradas e as consequências são mínimas. Isso permite que os líderes mundiais mintam sem temerem qualquer tipo de penalização.

Para que seja possível a compreensão das atitudes destes governantes, é necessário entender alguns conceitos primeiramente. O ato de enganar alguém é entendido por três comportamentos distintos: Mentira, torção e omissão.²³ Estes três

²² MEARSHEIMER, John. **Por Que os Líderes Mentem: Toda a Verdade Sobre as Mentiras na Política Internacional**. 2011, p. 45-46.

²³ Ibid, p. 33.

termos são aplicados quando se há a intenção de esconder, distorcer ou inventar fatos necessários para determinado fim.

De acordo com o teórico realista, “Mentir é o que acontece quando uma pessoa faz uma afirmação que ela sabe ou suspeita ser falsa, na esperança de que os outros pensem que é verdade. A mentira é uma ação positiva com o objetivo de enganar o público-alvo”. (MEARSHEIMER, 2011, p. 33-34). A mentira de fato é utilizada para distorcer a verdade. Não só os líderes mundiais, mas as pessoas em geral, empregam este recurso para inventar uma realidade inexistente ou por medo da reação dos outros em relação à verdade.

Já a torção “é o que acontece quando, ao contar uma história, a pessoa enfatiza determinados fatos e os reúne de maneira que joguem a seu favor, ao mesmo tempo que minimiza ou ignora fatos inconvenientes”.²⁴ Este comportamento é sobre a interpretação de fatos que permita a criação de uma história favorável. O autor enfatiza determinados pontos da história para garantir um posicionamento positivo por parte do ouvinte.

Por fim, a omissão “envolve a retenção de informações que possam prejudicar ou enfraquecer a posição de alguém”.²⁵ Neste contexto, o indivíduo esconde a verdade dos outros, permanecendo em silêncio.

Estes três comportamentos podem ser visualizados facilmente nos recentes acontecimentos no Brasil, envolvendo um esquema de lavagem de dinheiro bilionário ligado à Petrobrás²⁶. A chamada Operação Lava Jato²⁷ denunciou a participação de inúmeros políticos dos principais partidos brasileiros, que em diversas declarações, mentiram a respeito de seu envolvimento no esquema formado.

Muitas vezes, as mentiras não têm o intuito de proteger os interesses do país, mas sim de particulares. Quando o grau de impunidade é alto, os governantes tendem a utilizar destes meios imorais para enganar a população e lucrarem com a “ingenuidade” dos cidadãos.

²⁴ Ibid, p. 34.

²⁵ Ibid, p. 36.

²⁶ Petróleo Brasileiro S.A. (Petrobras) é uma empresa de capital aberto (sociedade anônima), cujo acionista majoritário é o Governo do Brasil.

²⁷ Investigação em andamento pela Polícia Federal do Brasil, que visa apurar um esquema de lavagem de dinheiro suspeito de movimentar mais de R\$ 10 bilhões de reais,

Mentir, para os líderes mundiais, tem diversos significados. Há várias razões pelas quais eles enganam terceiros. Enumerando estas razões, encontramos justificativas para as atitudes destes governantes. Não que isso as torne válidas aos olhos da justiça nacional ou internacional.

Há mentiras direcionadas a países estrangeiros, com o intuito de se ganhar alguma vantagem em relação a este. Líderes também mentem para seu próprio povo sobre política externa, por acreditarem que a população não se interesse pelo assunto. Existem mentiras que acobertam políticas fracassadas ou controversas da população ou de outros países. Mentiras sobre o passado do próprio Estado. Líderes que mentem para encobrir comportamentos contraditórios de seus Estados. Mentem sobre outros países com o propósito de se promoverem no sistema internacional. E, por fim, enganam as pessoas para encobrir políticas sem sucesso, com o intuito de resguardar a si mesmos, com medo de alguma penalização.²⁸

Um exemplo atual de algumas destas ações, seria o governo ditatorial de Kim Jong Un na Coreia do Norte. Este líder é conhecido por restringir o acesso à informações externas para a população de seu país. Na internet inúmeras buscas são proibidas, a exibição de filmes e outras mídias é também bastante restrita, sem esquecer das normas criadas para que estes cidadãos vivam de acordo com as vontades deste governante. E além disso, propaga informações sobre o mundo que, na maioria das vezes, não condizem com a realidade internacional. Isso se faz para que a população seja controlada e manipulada baseando-se nos interesses de Kim Jong Un.

Nas mentiras entre os Estados, quase não há provas documentais de líderes enganando uns aos outros. Encobertar ações pode ser o que mais ocorre, já que qualquer mentira dita seria trazida à tona nos dias de hoje.

Talvez, um caso bastante conhecido, seja o do desenvolvimento de tecnologia nuclear no Irã. O país negou qualquer envolvimento com este setor, mas nenhum outro Estado, principalmente os ocidentais, acreditou em suas alegações. A Agência de Energia Atômica²⁹ foi acionada, constatando o envolvimento do país em

²⁸ MEARSHEIMER, 2011, p. 40-44.

²⁹ Organização autônoma das Nações Unidas. O seu objetivo é a promoção do uso regular da energia nuclear.

programas nucleares não autorizados – situação agravada pelo fato de o Irã ser signatário do Tratado de Não Proliferação Nuclear.

Para Mearsheimer (2011, p. 50-51),

Uma razão para não haver muita mentira em questões de low politics é que os ganhos nesse caso tendem a ser pequenos [...] Outra razão é que, se os estadistas fossem mentirosos inveterados, ninguém acreditaria em nada que dissessem, o que roubaria da mentira seu efeito.

Sendo assim, a mentira é efetiva apenas quando a “vítima” acredita que o mentiroso está dizendo a verdade. Se um líder engana pessoas e é descoberto, sua credibilidade torna-se inexistente. Por isso, se estes governantes forem inteligentes, serão capazes de compreender que mentir demasiadamente pode arruinar não só sua carreira, mas também o status do país no cenário mundial.

Não há possibilidade de manter relações entre líderes se ambas as partes mentem. Qual seria a validade de acordos, alianças, discursos e declarações se todas elas fossem baseadas em mentiras? Sabe-se que a maioria dos governantes não pensa assim. Como dito anteriormente, para assegurar seus interesses, qualquer recurso é conveniente.

Na prática, as mentiras entre Estados tendem a focar em objetivos diferentes. Primeiramente, líderes acabam por exagerar sobre suas capacidades como forma de diminuir o adversário. Eles pintam uma imagem alterada do país com a finalidade de enaltecer as qualidades dos mesmos frente a outros governos. Outro intuito destes Estados é minimizar sua capacidade militar frente aos rivais. Dessa forma, outros países não são capazes de mensurar o poder bélico uns dos outros, criando um sentimento de medo mútuo e, muitas vezes, evitando ataques.³⁰

Nestes casos, os países visam proteger a si mesmos de qualquer ataque. Não há a intenção de criar uma guerra. Por isso, fingem ser ou ter algo para impedir, de alguma forma, que seus adversários iniciem algum conflito. E, analisando deste ângulo, este tipo de mentira pode trazer benefícios, diminuindo as chances de eclodir uma guerra e evitando a morte de milhares, dependendo da proporção do conflito.

³⁰ MEARSHEIMER, 2011, p. 52-56.

Por outro lado, os Estados mentem uns para os outros com o intuito de provocar um ataque a um terceiro. Podem mentir também, para seus aliados, sobre a intenção de seu rival. E, além disso, a espionagem³¹ e a sabotagem³² transformam-se em recursos utilizados por estes países.³³

Este contexto revela as possíveis artimanhas utilizadas pelas potências para criarem um cenário instável e hostil, forçando Estados a entrarem em conflito uns contra os outros. Visando benefícios próprios, os países que mentem e trapaceiam com base neste tipo de objetivo, devem ser considerados como inescrupulosos. Mas, ainda sim, fazem isso para garantir a sua sobrevivência.

“Líderes não contam mentiras apenas para outros Estados, eles também mentem para seu próprio povo, e o fazem porque acreditam que é em nome dos melhores interesses de seu país. E por vezes, estão certos” (MEARSHEIMER, 2011, p. 135). De acordo com essa afirmação, quem julgaria um líder por mentir, se isso fosse a benefício do próprio Estado? Não há justificativas para mentiras que acobertam alguma ação ilícita ou algo que prejudique civis. Mas, se for uma manobra estratégica que favoreça sua nação, qual seria o mal, se a sua visualização fosse feita com os olhos do povo beneficiado?

De um ponto de vista neutro, é um posicionamento errôneo por parte dos países enganarem uns aos outros. Mas mentir, para benefício próprio, é algo que está presente na vida de todos. Não há uma pessoa que nunca tenha feito isso. E, a instrumentalização deste recurso faz-se cada vez mais presente no sistema internacional, infelizmente ou não.

“Os líderes por vezes concluem que o interesse nacional os obriga a agir de modo que contradiz as regras”³⁴. Estas regras, que procuram reger a vida em sociedade, são baseadas em princípios éticos. Ao optarem por agir da forma contrária, os líderes mundiais tornam a política internacional num sistema de entraves e armadilhas até mesmo para os veteranos neste contexto. Entender e

³¹ A prática de se obter informações sigilosas de outros governos ou organizações, sua autorização, com o intuito de se garantir vantagens militares, econômicas, políticas, sociais, científicas ou tecnológicas.

³² Danificação propositada de estradas, meios de transporte, instalações industriais, militares etc., para a interrupção dos serviços.

³³ MEARSHEIMER, 2011, p. 42-44.

³⁴ Ibid, p.109.

aceitar este fato é crucial não só para o desenvolvimento deste trabalho, como também para a compreensão do cenário global como um todo.

3 OS ASPECTOS DO PODER

Sendo o poder o objeto de análise deste estudo, nada mais importante do que definir este termo de acordo com os diversos pontos de vista existentes, inseridos nas relações internacionais. Ao longo dos anos, inúmeros teóricos tentaram explicar e delimitar o conceito de poder e como há o impacto de seu exercício na sociedade. Por isso, é essencial a sua compreensão, para que seja facilitada a sua aplicação ao decorrer deste trabalho.

Como foi visto anteriormente, a definição de poder de acordo com o teórico John Mearsheimer situa-se na ideia de que esta palavra pode ser dividida em diversos conceitos, de acordo com sua aplicabilidade, sendo todas as suas formas de manifestação importantes para a concretização da tão requisitada hegemonia dos países.

No intuito de aprofundar o entendimento sobre este conceito, deve-se verificar a definição da palavra.

Em seu significado mais geral, a palavra Poder designa a capacidade ou a possibilidade de agir, de produzir efeitos. Tanto pode ser referida a indivíduos e a grupos humanos como a objetos ou a fenômenos naturais (BOBBIO; MATTEUCCI. PASQUINO, 1998, p. 933).

Neste sentido, pode-se entender que nas relações de poder, como fenômeno social, o homem é o seu sujeito e objeto. O poder não é algo palpável, não reside nas coisas. Mas existe pelo fato de ter outro indivíduo ou grupo sujeitos a se comportarem de maneira induzida por um terceiro. Sim, há recursos que facilitam a execução desta indução ou controle – como, por exemplo, a riqueza e os poderes militar e bélico –, mas estes instrumentos só podem ser empregados pelo fato de existirem seres subordinados a eles.³⁵

Partindo dessas ideias, seguem-se novas compreensões sobre o tema.

³⁵ BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Tradução Carmen C. Varriale et al. 11. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1998, p. 934.

3.1 O PODER NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A diversidade que o poder traz em sua definição e aplicabilidade já evidencia a complexidade do estudo deste conceito. A detenção e exercício do poder levam em si inúmeras interpretações do que é ser poderoso dentro da sociedade internacional. Historicamente, a busca por sua posse carrega grandes tragédias e meios bastante controversos de garantir sua existência. E, até hoje, sua instrumentalização é confundida com a tirania³⁶ de alguns líderes.

Primeiramente, de acordo com Nicolau Maquiavel, o poder é algo que emana do povo. Sem este para consolidar o status do soberano, não existe poder. É necessário que o soberano atue conforme os anseios populares. E o povo é aquele que mantém o soberano em sua posição, por deter o conhecimento preciso para isso. O poder deste líder só existe se seus subordinados permitirem que isso aconteça. E é esta relação entre governante e governados que estabiliza a manutenção do exercício de poder.³⁷ Para ilustrar este pensamento, de acordo com o autor:

Deve, pois, alguém que se torne príncipe mediante o favor do povo, conservá-lo amigo, o que se lhe torna fácil, uma vez que não pede ele senão não ser oprimido. Mas quem se torne príncipe pelo favor dos grandes, contra o povo, deve antes de mais nada procurar ganhar este para si, o que se lhe torna fácil quando assume a proteção do mesmo. [...] O príncipe pode ganhar o povo por muitas maneiras que, por variarem de acordo com as circunstâncias, delas não se pode estabelecer regra certa, razão pela qual das mesmas não cogitaremos. (MAQUIAVEL, 2011, p. 60-61).

Verifica-se então, que a visão maquiavélica do poder esta contida na relação entre líderes e o povo. É necessária a existência de subordinados para que o exercício do poder seja real.

Ainda dentro deste cenário, a capacidade de um líder em obter e manter o poder é denominada Virtú. O homem virtuoso é aquele que busca pelo poder, não esperando depender da boa sorte. Ele tem o conhecimento necessário da realidade, querendo reinar e assumir o controle de um povo. Dentre suas qualidades encontram-se a coragem, eficácia política, valor e capacidade. Porém, a Virtú do

³⁶ Governar de forma cruel e injusta, sobrepondo suas vontades e autoridade em relação às leis e à justiça.

³⁷ MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. 2011, p. 58-63.

soberano não deve ser confundida com a virtude religiosa. É preciso entender que as vontades do líder prevalecem acima de tudo e todos.³⁸

Os anseios populares são essenciais na manutenção do poder do soberano. A continuidade de suas atividades é possibilitada pela permissão dos subordinados. Entretanto, mesmo que líder e governados sejam “amigos” neste contexto, é a vontade do soberano que prevalece no final.

Em certas circunstâncias, deverá ser cruel, em outras, generoso; em certas ocasiões deverá mentir, em outras, ser honrado; em certos momentos, deverá ceder à vontade dos outros, em alguns, ser inflexível. O ethos ou caráter do príncipe deve variar com as circunstâncias, para que sempre seja senhor delas. (CHAUÍ apud SOUZA, 2014, on-line).

Maquiavel é um tanto quanto controverso em sua obra. Em determinado momento dá crédito à população pela existência do poder, dizendo que é primordial a manutenção da relação deste com o soberano. Depois, afirma que o governante deve sobrepor suas vontades em relação a qualquer outro poder, seja ele civil ou religioso. E que, para este fim, qualquer meio poderia ser empregado.

O importante deste conceito é frisar a necessidade da relação entre a população e os líderes mundiais. Todo detém poder, de acordo com suas capacidades. Mas o que possibilita sua existência é o exercício deste recurso e a ampliação do conhecimento de cada uma das partes.

Indo adiante na delimitação do tema, outro autor importante no estudo desta matéria é Thomas Hobbes.³⁹ Para o teórico, o conceito de poder reside nos meios que os indivíduos possuem para a garantia de seus bens ou vantagens futuras.⁴⁰ Para a definição deste conceito, o autor delimita:

O poder natural é a eminência das faculdades do corpo ou do espírito; extraordinária força, beleza, prudência, capacidade, eloquência, liberalidade ou nobreza. Os poderes instrumentais são os que se adquirem mediante os anteriores ou pelo acaso, e constituem meios e instrumentos para adquirir mais: como a riqueza, a reputação, os amigos, e os secretos desígnios de Deus a que os homens chamam boa sorte. (HOBBS, 2003, p.75).

³⁸ SOUZA, Rubin Assis da Silveira. **Virtù e Fortuna em Maquiavel**. Revista Jus Navigandi, Teresina, ano 19, n. 3986, 31 maio 2014. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/29050>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

³⁹ Thomas Hobbes (1588-1679). Teórico político e filósofo inglês, autor de *Leviatã*.

⁴⁰ HOBBS, Thomas. **Leviatã**. 2003, p. 75.

Seguindo a linha de pensamento de Maquiavel, do qual sofreu grande influência, Hobbes, ao escrever sobre teoria política, delimita o poder como sendo absoluto. Ao defender a ideia do estado de natureza, onde todos os homens são movidos pelo instinto de sobrevivência, a manutenção da segurança individual instaura a guerra de todos contra todos. E, por terem medo da morte, abrem mão de todos os seus direitos naturais ao transferirem o poder a um soberano, que se torna inquestionável e absoluto.⁴¹

Há instrumentos que evidenciam o poder de um soberano, como por exemplo, sua riqueza, nobreza, afabilidade, reputação, eloquência, beleza, conhecimento e o amor por seu país. Porém, o mais importante poder na visão do autor, é a união dos homens. Unidos em uma só pessoa (civil ou natural) por meio de consentimento, os poderes da maioria dos homens irradiam na sociedade, para que sua vontade seja feita. Sendo assim, cada indivíduo é importante na manutenção do poder. E ainda dentro do aspecto de união, ter amigos e servidores também é entendido como poder.⁴²

Na teoria hobbesiana, o poder pode ser entendido como um instrumento obtido pela união de pessoas. Há certos recursos – como no caso da riqueza ou da reputação – que são tidos individualmente. Mas para que estes recursos se propaguem, é preciso a unificação de interesses, onde o povo se priva de seus direitos em prol de um bem maior.

Em toda cidade, diz-se que tem o poder supremo, ou o comando-em-chefe, ou o domínio, aquele homem ou conselho a cuja vontade cada particular submeteu a sua. Esse poder e direito de comando consiste em que cada cidadão transfira toda a sua força e poder àquele homem ou conselho; e fazer isso - uma vez que ninguém pode transferir seu poder de forma natural - nada mais é que abrir mão de seu direito de resistência. E diz-se que todo cidadão, assim como toda pessoa civil subordinada, é súdito daquele que detém o comando supremo (HOBBS, 1998, p. 98).

De certa forma, Hobbes e Maquiavel têm semelhanças ao definirem o conceito de poder. Ambos os pontos de vista partem do princípio da relação entre líderes e população. Mas para Hobbes, este relacionamento não é suficiente para

⁴¹ YAMAUTI, Nilson Nobuaki. **A teoria política hobbesiana**. Departamento de Ciências Sociais (UEM). ANO I. Nº 1. Paraná, 2001. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br//ru02_politica.htm#_ftn1>. Acesso em: 27 ago. 2016.

⁴² HOBBS, Thomas. **Leviatã**. 2003, p. 76.

que o poder exista. Para ele, ainda são necessários instrumentos para sua manutenção. O indivíduo é considerado poderoso quando detém os meios necessários para mantê-lo.

Em resumo, Hobbes alega que não é a religião, a moral, os interesses nacionais ou a honra que fundam o poder político, mas sim a unificação de interesses particulares – como a segurança individual e o bem-estar social (YAMAUTI, 2001, on-line).

Outro autor essencial para o estudo deste tema é Martin Wight⁴³. Em sua obra, *A Política do Poder*, o autor define o poder a partir das relações entre as potências mundiais. O poderio não está mais nas mãos dos indivíduos, mais sim dos Estados que são independentes, soberanos e interagem entre si – potências que possuem parcelas distintas de poder. E o poder é configurado como a política da força, pois se acredita que as relações internacionais se dão pelo intermédio de meios agressivos e hostis, sem consideração nenhuma pela justiça ou pelo direito.⁴⁴

Wight parte do mesmo princípio que Mearsheimer, ao entender o sistema internacional como sendo um sistema de autoajuda. A preservação de sua segurança é algo que diz respeito somente ao Estado em questão, não podendo contar com a ajuda de nenhum aliado ou organização. A sua segurança não pode ser confiada a nenhum outro ator internacional. (MAGALHÃES, 2012, p. 121).

Dando sequência à sua análise, Wight ainda traz dois tópicos de estudo. O primeiro é a configuração do poder. Para o autor, todos no sistema internacional passam por momentos de alinhamentos, sendo eles temporários ou não. Há uma constante mudança neste cenário, de acordo com os interesses dos Estados. E as coesões formadas variam com a pressão externa – sem interferência dos interesses populares. Estas alianças podem se fortalecer e, quando isso ocorre, formam linhas de força que criam a configuração do poder (WIGHT, 2002, p. 155). Em tempos de guerra isso é bastante comum, como ocorreu durante a I Guerra Mundial, com a

⁴³ Martin Wight (1913-1972). Um dos estudiosos britânicos mais importantes das relações internacionais e autor de *A Política do Poder*.

⁴⁴ WIGHT, Martin. **A Política do Poder**. 2002, p. 1-8.

formação da Tríplice Entente e da Tríplice Aliança⁴⁵. Neste caso, o poder se origina a partir da unificação de interesses entre Estados.

O exercício do poder ganha magnitude a partir do ponto de vista de Martin Wight. Diferente de Maquiavel e Hobbes, que analisaram o poder dentro de um único território, o autor amplia a concepção de poder na política internacional, trazendo como atores ativos do sistema as potências mundiais, que exercem suas vontades e criam coalisões de acordo com seus objetivos e estratégias.

Outro tópico trazido pelo autor é o equilíbrio de poder, associado à lei da autopreservação e à independência das nações. Nele, países se aliam com o intuito de se protegerem de uma ameaça externa (MAGALHÃES, 2012, 122). De acordo com Wight (2002, p. 168),

A política do equilíbrio do poder está fundamentada, como disse Hume, "no bom-senso e o raciocínio óbvio"; ela é uma aplicação da lei da autopreservação. Imaginemos a existência de três potências, das quais a primeira ataca a segunda. A terceira potência não pode assistir à segunda ser derrotada tão esmagadoramente de maneira que ela própria se sinta ameaçada; assim, se a terceira potência tem uma boa visão da situação a longo prazo, ela "jogará seu peso no prato mais leve da balança" ao apoiar a segunda potência. Esta é a maneira mais simples de compreendermos o equilíbrio do poder. De maneira mais geral, quando uma potência se torna perigosamente poderosa as outras se juntam contra ela. O equilíbrio do poder pode ser visto em plena operação sempre que uma potência dominante tenta obter o domínio da sociedade internacional, e momentaneamente "desfaz o equilíbrio".

Neste contexto, levanta-se o questionamento: "Seria então o equilíbrio do poder a garantia da independência entre as nações? Ou seria ele a causa da guerra?".⁴⁶ A pergunta de Wight traz dúvidas sobre este cenário de potências. Mas ele mesmo a responde, ao dizer que este sistema é as duas coisas. Há Estados que criam coalizões contra uma potência dominante, com o intuito de reequilibrar o poder e garantir suas respectivas independências. Entretanto, este reequilíbrio é conquistado após a declaração de guerra contra o candidato a *hegemon*.⁴⁷

⁴⁵ Coalizões formadas durante a I Guerra Mundial (1914-1918). A Tríplice Entente era formada por Inglaterra, França e Rússia, contra o pangermanismo na Europa – que mais tarde ganhou o apoio dos Estados Unidos. Já a Tríplice Aliança era formada por Alemanha, Itália e Império Austro-húngaro.

⁴⁶ WIGHT, Martin. **A Política do Poder**. 2002, p. 185.

⁴⁷ MAGALHÃES, Diego T. D. Conflict among International Relations Theories on Peace: normative implications. **Relações Internacionais**, Lisboa, n. 36, p. 119-133, dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992012000400009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 ago. 2016.

Verifica-se que a busca por poder cria uma situação de instabilidade no sistema internacional. Ao tentarem alcançar a hegemonia, os Estados disputam entre si, gerando o caos. Muitos não buscam a hegemonia de fato, mas sim sua independência em relação a outros países. Porém, isso também configura como uma maior parcela de poder neste cenário. Tornar-se independente é deter o poder de fazer escolhas próprias e, se essas escolhas interferem nos interesses de outros Estados, estes não irão apoiar os movimentos de independência de determinados territórios. No final, estas circunstâncias também criam conflitos internacionais.

Agora, trazendo uma abordagem mais recente do termo, Joseph Nye⁴⁸ trata o poder como algo essencial na condução de uma liderança. Para o autor, mensurar o poder é algo difícil. Não se deve negar sua existência, mas nas relações de poder, a força e o domínio variam de acordo com os diferentes contextos. E nestas relações, os mais poderosos têm maior capacidade de criar e resistir às mudanças, assim como a probabilidade de enxergarem as perspectivas dos outros diminui, de acordo com a “quantidade” de poder que detém (NYE, 2008, p. 27).

De acordo com o Dicionário de Política, a mensuração do poder deve ser feita em diversas dimensões. A primeira delas está ligada ao comportamento de um indivíduo em relação a outro. Quando uma pessoa é positivamente suscetível às ordens ou diretrizes de outra, a quantidade de poder deste sobre aquele é um tanto quanto maior. A segunda dimensão é mensurada pelo número de pessoas submetidas ao poder. Quanto maior o número de submissos, maior o poder do indivíduo. Já a terceira dimensão é chamada de esfera do poder. Nela, mede-se a influência que um indivíduo tem sobre um determinado setor, de acordo com a cultura de um povo. Na quarta dimensão, avalia-se o grau de modificação que um indivíduo pode provocar no comportamento de outros indivíduos ou grupos em uma esfera de atividades. Por fim, a quinta e última dimensão, ao contrário da quarta, pondera o grau que o poder de um indivíduo restringe as ações ou atividades de outros indivíduos (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 939-940).

Mas, respondendo diretamente à pergunta “O que é poder? ”, Nye (2004, p. 2) afirma:

⁴⁸ Joseph Nye (1937-). Cientista político norte-americano, o co-fundador, junto com Robert Keohane, da teoria da interdependência complexa nas relações internacionais.

[...] power is the ability to influence the behavior of others to get the outcomes one wants. But there are several ways to affect the behavior of others. You can coerce them with threats; you can induce them with payments; or you can attract and co-opt them to want what you want.

Indo mais adiante, o autor divide poder em dois conceitos: *soft power* e *hard power*. O primeiro (poder brando) se dá pelo uso da persuasão e atração, já o segundo (poder duro) é utilizado por meio da intimidação e coerção, sendo estes modos hostis de ação direta (FERREIRA, 2005, p. 2). Mas a respeito de sua mensuração, ainda declara que mesmo várias pessoas definindo o poder como a obtenção de recursos que possibilita a influência de um grupo sobre outro, Nye não acredita que esta seja a definição correta do termo. Para o autor, é um erro tornar o poder algo concreto, já que este varia sempre de acordo com o contexto de relacionamento entre atores (NYE, 2008, p. 28).

Com base em todas estas definições de diversos autores, pode-se afirmar que o poder ainda é algo muito complexo para se definir. Por meio das análises destes teóricos percebe-se que, ao longo dos anos, o que prevalece são as relações entre indivíduos ou grupos. Sendo líderes e subordinados, governantes e população unidos por um consenso, as relações de poder tornam-se reais. Mas as formas como elas são aplicadas e os recursos utilizados para que se obtenha sucesso nestas atividades, variam com o contexto em que são empregadas e de acordo com os interesses destes indivíduos.

3.2 PODER DE PERSUASÃO E PODER COERCITIVO

No estudo das relações internacionais, como visto anteriormente, nos deparamos com termos como *soft power* e *hard power* para determinar as estratégias de atuação dos Estados, sendo que eles também podem ser entendidos como poder de persuasão e poder coercitivo, respectivamente.

Joseph Nye focou seus estudos na análise destes termos. Por isso, este autor é essencial para o entendimento desses conceitos.

Primeiramente, a respeito do *hard power*, deve-se compreender que esta forma de atuação emprega meios brutos que tentam moldar o comportamento de um terceiro indivíduo, no intuito de se obter um benefício desejado. Para Nye, o *hard*

power engloba as forças militares e econômicas de um Estado. Dinheiro e exército são os dois principais meios de coerção utilizados pelos países para induzir, uns aos outros, a comportarem-se da forma que gera benefício a uma das partes. Não só a coerção e a indução, mas também a intimidação e proteção fazem parte deste universo. E ambas as esferas do “poder duro” – militar e econômica – são aplicadas por meio de ameaças, sanções ou punições. Neste contexto, a força bruta compreende os alinhamentos estratégicos com fins nada menos que hostis.⁴⁹

Sendo mais detalhista a respeito do poder militar, o autor afirma que se deve visualizá-lo de várias formas. Seu entendimento não pode ser feito simplesmente pelas guerras, armas, batalhas ou ameaças. Este meio também é empregado no intuito de assistir ou proteger um aliado. É uma forma agressiva, mas também com um objetivo limpo (NYE, 2011, p. 25).

O uso de recursos bélicos se faz bastante controverso. Em casos como o citado acima, mesmo o intuito do país sendo o de proteger as nações amigas, ainda sim há a utilização de meio agressivos para este fim, que em muitas das vezes, geram a morte de civis. Com base nos Direitos Humanos, isso é uma atitude controversa e que poderia ser julgada em tribunais internacionais. Mas o que se vê acontecer na atualidade é algo bem diferente. De acordo com Cooper (2004, p. 3),

A society based solely on hard power never existed: if it did it would not deserve the name of society. It would in the most literal sense amount to Hobbes' war of all against all. If every relationship depends on coercion or the threat of coercion even alliances would be impossible (not to mention families, religions, corporations or crime syndicates).

Por isso é importante frisar que a utilização massiva destes recursos não é benéfica nem para quem atua desta forma e muito menos para quem é vítima destas ações.

Sobre o poder de coerção, Nye explica que a indução e a ameaça estão relacionadas. A indução, bônus e recompensa são meios mais utilizados que ameaças, mas a mera sugestão da retirada destes benefícios já configura uma ameaça. Se alguém tem a capacidade de pagar um bônus, também tem o poder de ameaçar tirá-lo. (NYE, 2008, p. 39).

⁴⁹ FERREIRA, Marcos Alan Fagner dos Santos. **Definições Conceituais para o Entendimento da Política Externa dos Estados Unidos: As Noções de Poder Duro (hard power) e Poder Brando (soft power)**. San Tiago Dantas – São Paulo. 2005, p. 2.

Exemplificando de melhor maneira a aplicação do poder militar, pode-se citar três casos: Diplomacia coercitiva, guerra e alianças. O primeiro caso diz respeito às situações em que a ameaça é nítida em negociações de determinado tema. Não há a confiança entre as partes, mas sim ameaças entre ambas. Esta circunstância pode ser facilmente visualizada nos acontecimentos envolvendo EUA e Síria que geram grande instabilidade no Oriente Médio⁵⁰. Já as alianças militares, são as construídas em períodos de guerra, como o ocorrido durante a II Guerra Mundial, com a formação do Eixo e dos Aliados⁵¹ (FERREIRA, 2005, p. 2).

Após o detalhamento do poder militar, também é importante analisarmos o poder econômico utilizado pelos países. Muitos observadores políticos discutem sobre qual desses meios é mais fundamental. É claro que teóricos realistas defendem a ideia de que o poderio militar é mais eficaz em determinados casos. Porém estudiosos liberais⁵² afirmam que interdependência comercial e financeira tornariam a guerra obsoleta. A respeito dos recursos econômicos, é importante compreender que este meio pode gerar tanto um comportamento atrelado ao *soft power*, como ao *hard power*. Estes recursos são capazes de produzir tanto meios militares de ponta, como a riqueza de uma nação – que, conseqüentemente, atraem aliados ou investidores (NYE, 2011, p. 51-52).

No campo econômico a sua aplicação se dá de diferentes maneiras: Apoio financeiro, subornos e sanções.

No caso do apoio financeiro, o objetivo do Estado é obter resultados favoráveis aos seus interesses seja no plano geopolítico ou econômico. Como exemplo [...] podemos citar a compra de açúcar cubano feita pela

⁵⁰ A Guerra Civil da Síria foi instaurada após uma onda de protestos populares iniciados em 2011, que evoluíram para uma violenta revolta armada. O grande motivo do descontentamento da população está atrelado à condução do país pelo presidente Bashar al-Assad, levando os sírios a buscarem pela instauração de um governo democrático no Estado. Devido à magnitude do conflito, a atenção internacional voltou-se para a Síria e países, como os Estados Unidos tentam, de forma agressiva, instaurar a estabilidade na região.

⁵¹ A II Guerra Mundial foi um dos piores momentos vividos na história da humanidade. Com o avanço do nazismo do ditador Adolf Hitler, na Alemanha, o mundo assistiu incontáveis mortes de judeus, negros, homossexuais e outros grupos em nome do objetivo central do regime nazista: a criação e domínio da raça ariana em todo o planeta. Neste conflito, o grupo a ser combatido era chamado de Eixo, composto por Alemanha, Itália e Japão. Já o grupo de combate, denominado Aliados, era composto por Estados Unidos, União Soviética e Reino Unido, configurando a principal fonte de defesa durante este período de guerra.

⁵² A ideologia liberal é uma visão política do mundo que prega a liberdade individual e a igualdade. Nas relações internacionais, muitos teóricos liberalistas estão associados ao desenvolvimento mundial com base em fatores econômicos, pautado na liberalização comercial.

União Soviética acima da cotação internacional desta *commodity* durante os anos da Guerra Fria (FERREIRA, 2005, p. 2).

Este é o único meio pacífico de utilização de meios econômicos embutidos no *hard power*. Subornos são considerados ilegais e sanções geram certa instabilidade entre as partes envolvidas.

Explicando estes termos, os subornos são utilizados com o intuito de se ganhar algum favor em diversos contextos nas relações internacionais, sejam eles econômicos ou militares. Já as sanções configuram um meio de punição contra alguma ação que não é interesse do país de maior poder neste cenário.⁵³

Assim como o poder militar, a utilização do poder econômico varia de acordo com o contexto em que é empregado e com o intuito dos países em sua utilização.

Other economists accept the reality of economic power as “economic strength used so as to achieve domination or control”. Some see it as “the capability decisively to punish (or to reward) another party” but still remain skeptical about its utility (NYE, 2011, p. 53).

E, verifica-se que, independente de sua aplicação, o objetivo final sempre é o controle sobre determinado indivíduo ou Estado.

Partindo para a análise do *soft power*, de acordo com Cooper (2004, p. 4) “Soft power is a more elusive idea. Joe Nye – perhaps the best known authority on the subject - defines [...] soft power as the ability to do that by attraction and persuasion rather than by coercion”. Sendo assim, o “poder brando” pode ser entendido como a tentativa de fazer com que pessoas ou Estados ajam de acordo com seu interesse, fazendo com que elas queiram o mesmo que você. Evidencia-se assim, a persuasão na aplicação deste recurso.

De acordo com NYE (2004, p. 5),

Soft power rests on the ability to shape the preferences of others. At the personal level, we are all familiar with the power of attraction and seduction. In a relationship or a marriage, power does not necessarily reside with the larger partner, but in the mysterious chemistry of attraction. And in the business world, smart executives know that leadership is not just a matter of

⁵³ FERREIRA, Marcos Alan Fagner dos Santos. **Definições Conceituais para o Entendimento da Política Externa dos Estados Unidos: As Noções de Poder Duro (hard power) e Poder Brando (soft power)**. San Tiago Dantas – São Paulo. 2005, p. 2.

issuing commands, but also involves leading by example and attracting others to do what you want.

Este meio de poder compreende nada mais que as ações indiretas que convencem pessoas (ou países) ao seu redor, como forma de tê-los como aliados e, juntos, defenderem os mesmos objetivos. É mais do que persuasão ou a capacidade de mover pessoas pelo argumento. É também a capacidade de atrair outros à sua causa.

A respeito de sua aplicação, há três formas de atrair terceiros: A cultura, as instituições e as políticas governamentais. A última diz respeito às políticas compartilhadas entre atores – sendo elas estrangeiras ou não –, sobre qualquer matéria. Em relação à cultura, podemos entendê-la como a propagação de ideais, englobando arte, literatura, educação ou entretenimento. Por exemplo, pode-se citar o caso dos valores ocidentais que foram irradiados ao Leste Europeu. A visão liberal atraiu pessoas, trazendo-as mais próximas das propostas capitalistas. Por fim, as instituições, podem ser exemplificadas pela propagação das formas democráticas de condução política do Ocidente, nos quais muitos países, principalmente os árabes, se inspiram atualmente (FERREIRA, 2005, p. 4).

Sendo assim, constata-se que o *soft power* é comportamental, sutil. Não há uma regra sobre o emprego de seus recursos. Ainda sim, faz-se essencial o entendimento de ações deste cunho. “Sometimes those who write about soft power tell you that it is to do with setting the agenda, establishing norms and values, creating rules that suit you. This come closer to the idea of power. But not in every case” (COOPER, 2004, p. 6).

Novamente, de acordo com NYE (2004, p. 7),

Soft power uses a different type of currency (not force, not money) to engender cooperation-an attraction to shared values and the justness and duty of contributing to the achievement of those values. Much as Adam Smith observed that people are led by an invisible hand when making decisions in a free market, our decisions in the marketplace for ideas are often shaped by soft power-an intangible attraction that persuades us to go along with others' purposes without any explicit threat or exchange taking place.

No final, *hard* e *soft power* estão diretamente relacionados. Ambos compreendem a habilidade de alcançar o propósito de determinada pessoa ou Estado, na tentativa de afetar o comportamento de terceiros. O que há de diferente entre estes meios são a natureza e o grau de sua aplicação e a concretude dos recursos.

3.3 O PODER ASTUTO

Após relacionar o poder brando e o poder duro, percebe-se que há grande similaridade entre eles. Partindo dessa ideia, o estudo do *smart power* se faz essencial, pois este é entendido como a junção de ambos os conceitos anteriores.

“The ability to combine *hard* and *soft power* into an effective strategy is *smart power*”.⁵⁴ De acordo com esta afirmação, deve-se levar em consideração que ambas as ações – persuasivas e coercitivas – são importantes para a manutenção das relações entre Estados e também, para a garantia da efetividade de suas estratégias.

No sentido da construção do poder internacional de um Estado através da cooperação e interdependência com outros Estados no espaço internacional, o *smart power*, vai surgir como uma alternativa que irá mesclar dois tipos de poderes, o chamado *hard power* e o *soft power*. Esses dois poderes irão sustentar os recursos de poder do Estado em três categorias: a) estrutural, b) institucional e, c) situacional (PECEQUILLO apud PINTO; FREITAS, 2012, p. 225).

A parte estrutural do Estado diz respeito ao seu exército e sua economia. São ambos recursos integrantes do *hard power*, que possibilitam o desenvolvimento dos países. Já as categorias institucional e situacional correspondem ao *soft power*, ou seja, o papel diplomático do Estado, suas alianças e outras formas de integração.

Indo mais a fundo sobre a definição deste conceito, Nye (2008, p. 83) afirma que:

Smart power is the ability to combine hard and soft power with contextual intelligence. Contextual IQ is a broad political skill which involves understanding the evolving culture and needs of potential followers, as well as capitalizing on trends and adjusting style to context.

⁵⁴ NYE, Joseph. **The Powers to Lead**. Oxford University. Nova Iorque: 2008, p. 43.

Esta “inteligência contextual” pode ser entendida como a habilidade de se fazer um diagnóstico intuitivo, que ajuda um líder a alinhar seus recursos aos objetivos por meio do entendimento e distribuição de recursos de poder, utilizando o fluxo de eventos para a implementação de uma estratégia. Permite também que líderes adaptem seus respectivos estilos de governo aos seus seguidores e às situações que devem enfrentar.⁵⁵

Com base nas capacidades e objetivos dos líderes – ou Estados – a integração dos poderes militar e econômico são essenciais para desenvolver outras áreas, como por exemplo: Alianças, parcerias e instituições; desenvolvimento global; diplomacia pública; integração econômica e inovação e tecnologia (ARMITAGE; NYE apud PINTO; FREITAS, 2012, p. 226).

É importante frisar que o *smart power* não é limitado pela maximização do poder dos Estados e por sua busca à hegemonia. Ele compreende, acima de tudo, as formas que recursos são combinados para a criação de estratégias eficientes. Neste contexto, as relações com outros países são fundamentais para que o poder de determinado Estado seja alavancado no cenário internacional.

Voltando aos aspectos necessários para a construção de uma estratégia eficaz, primeiramente, a respeito das alianças, parcerias e instituições, deve-se compreender que estas são ações empregadas com o intuito de lançar o país no cenário mundial, tirando-o do isolamento e permitindo que haja a divisão tanto dos bônus como dos ônus de se tomar atitudes como estas.

Já o desenvolvimento global compreende a capacidade do Estado em promover o desenvolvimento de outros países em diversas esferas, sendo que para isso, é preciso que haja o desenvolvimento interno do Estado em questão. Na diplomacia pública encontramos a área que gera maiores dificuldades. Esta não deve ser entendida como somente a atuação transparente dos órgãos diplomáticos do Estado, mas também como o diálogo de um país com a opinião pública bastante fortalecida – interna ou internacionalmente. A integração econômica – a área mais sensível de toda uma estratégia – compreende os objetivos de produzir um cenário que atenda as necessidades comerciais de um Estado, e também se preocupe com os benefícios que serão gerados ao mundo, como um todo, principalmente aos

⁵⁵ Ibid, p. 88.

países mais pobres do globo. E, por fim, os aspectos de inovação e tecnologia são essenciais para a condução das estratégias de um Estado. Elas determinam como este país pode construir seu poder internacional por meio de investimentos relacionados às novas fontes de energia existentes, voltadas à promoção do desenvolvimento sustentável.⁵⁶

Percebe-se então que tudo o que está voltado ao *smart power* não diz respeito somente ao objetivo final de cada Estado – a concretização de sua hegemonia. O *smart power* evidencia todas as ações destes países e procura lançar formas mais complexas e completas de análises sobre suas respectivas estratégias. Não é importante somente a conquista do poder, mas também o modo como ela se dá. O caminho trilhado por cada Estado constrói sua reputação no meio internacional e, utilizando-se de manobras inteligentes, estes países podem conseguir seu prestígio por parte de outros Estados, além de mais e maiores parcerias.

Um grande exemplo de atuação internacional baseada no poder inteligente é a condução política dos Estados Unidos por Barack Obama⁵⁷ a partir do ano de 2009. Muitas mudanças ocorreram e, a partir disso, a forma pragmática de governar do presidente norte-americano tornou-se evidência em todo o mundo. Em seu mandato, a atuação dos EUA apoiou-se em três pilares: a busca pela melhoria da relação com a China; o fortalecimento das relações entre os EUA e o Oriente Médio e a fortificação da não proliferação e do desarmamento em âmbito nuclear.⁵⁸

A China tornou-se importante para o governo de Obama devido ao seu ganho de poder no cenário mundial. O país asiático já não configurava mais um Estado sem relevância, despontando até mesmo como uma potência em desenvolvimento. Por estes motivos, os EUA procuram aproximar-se da China, pois já não podiam controlá-la como antes faziam. Por isso, o intuito norte-americano era tornar a China um país responsável no meio internacional.

⁵⁶ PINTO, Danielle Jacon Ayres. FREITAS, Riva Sobrado de. **Política externa e Smart Power: uma análise a partir da visão de Democracia, Agência e Estado de Guillermo O'Donnell**. Unoesc International Legal Seminar, Chapecó, v. 1, n. 1, 2012, p. 227-230.

⁵⁷ Primeiro presidente afro-americano dos Estados Unidos por dois mandatos, estando no cargo desde 2009 até os dias de hoje.

⁵⁸ JESUS, Diego Santos Vieira de. Poder inteligente e acomodação: os EUA durante o governo Obama. **Conjuntura Internacional**. Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 9 - 17, 1o sem. 2014, p. 10-12.

Já a respeito da relação com o Oriente Médio, Obama quis dar continuidade no combate ao terrorismo, mas sem pautar suas ações na “guerra ao terror”, como na administração de George W. Bush. Obama atuou gradativamente para colocar fim à guerra no Iraque e às operações da Al-Qaeda. A expectativa do presidente era de que as ações norte-americanas inspirassem outros países no combate de grupos terroristas. “[...] a estratégia de Obama para combater o terrorismo era clara: um aparato de inteligência melhorado, uma cooperação intensificada com aliados acerca desse tema”. (LOY apud JESUS, 2014, p. 12).

E, por fim, as estratégias voltadas ao desarmamento e não proliferação nucleares, Obama sempre pregou que as relações entre países deveriam ser pautadas na paz e na segurança, o que coloca em jogo o tópico do desenvolvimento nuclear. Para colocar fim a isto, os EUA procuraram se aproximar da Rússia – país muito importante na disseminação dos ideais de não proliferação – e procurou tratar do problema que Irã e Coreia do Norte configuravam neste tema. Obama também tentou encorajar outros países a assinarem o Tratado de Não Proliferação Nuclear e desenvolveu esforços no sentido do desarmamento.

Sendo assim, nos três tópicos abordados, os Estados Unidos objetivou tornar suas ações um exemplo a ser seguido no cenário internacional em temas em evidência e de bastante preocupação entre os países do mundo. Como não havia possibilidade de controlar estes outros Estados, o governo norte-americano tentou servir de modelo, como forma de influenciar outros governos a se portarem de determinada forma.

Preponderance is not empire or hegemony. The United States can influence but not control other parts of the world. Power always depends upon context, and in the context of transnational relations (such as climate change, illegal drugs, pandemics, and terrorism), power is diffuse and chaotically distributed. [...] As Richard Haass observes, “While US remains the world’s most powerful single country, it cannot maintain, much less expand, international peace and prosperity on its own” (NYE, 2011, p. 231).

Verifica-se mais uma vez que no mundo atual não existe um único Estado que detém poder suficiente para emanar ordens a outros Estados. Nem mesmo os EUA têm esta capacidade. Por isso, em um cenário multilateral, onde existem inúmeras potências em despontamento, o *smart power* se faz presente e bastante importante na definição de suas estratégias.

Para finalizar o entendimento a respeito do poder inteligente, Nye em uma entrevista fez algumas observações a respeito do conceito.

Utilizei o termo *smart power* em 2004 para fazer ver às pessoas que o meu argumento não era o de que o *soft power* estava a substituir o *hard power*, mas sim que era necessário descobrir a melhor forma de combinar recursos de *soft* e *hard power* em estratégias eficazes – e essas estratégias constituiriam *smart power*. Portanto, utilizei o termo não com o intuito de substituir *soft power*, mas apenas para recordar que o objetivo do poder é atingir os resultados desejados. Por vezes fazemo-lo com recursos duros e outras com recursos suaves; por vezes os dois reforçam-se um ao outro, e outras vezes podem atrapalhar-se um ao outro (REIS, 2011, p. 188).

Em suma, os planos dos Estados devem conter métodos que contenham características do poder brando e do poder duro. É preciso conduzi-los de forma astuta e perspicaz. Toda a tática governamental em que se envolvem os países precisa de complexas e seguras estratégias. E são elas que irão determinar o posicionamento de cada Estado no cenário internacional.

Hoje, em um mundo interdependente, os Estados – e especialmente seus líderes – precisam ser e agir de forma inteligente. É necessária a astúcia para se ganhar uma maior parcela de poder neste contexto.

3.4 PODER DE BARGANHA E MAXIMIZAÇÃO DOS INTERESSES

Nas relações entre Estados, a busca pelo poder é entendida não somente por meios teóricos. Suas ações podem ser compreendidas de formas além do que estudiosos delimitam como sendo correto. Por isso, neste tópico será discutido como estes países mantêm relacionamentos entre si, com base em seus interesses.

Para se entender o que é o poder de barganha dos Estados, deve-se definir este termo. O conceito de “barganhar” é delimitado como o ato de se trocar uma coisa por outra. É uma negociação feita baseada em trocas que beneficiem ambas as partes de algum modo e que, muitas vezes, está relacionada com alguma operação fraudulenta.⁵⁹ Sendo assim, pode-se definir o poder de barganha dos países como os recursos que têm à sua disposição para que sejam utilizados em

⁵⁹ MINIDICIONÁRIO Gama Kury da Língua Portuguesa. São Paulo: FTD, 2002. p. 115.

trocas de favores com outros países, como forma de se conseguir determinada vantagem que seja de seu interesse.

Diante destas afirmações, pode-se levantar alguns questionamentos sobre a dinâmica internacional. Primeiramente, “no âmbito dos relacionamentos multilaterais, qual o poder de barganha de atores internacionais – Estados e organizações – diante da potência unipolar? ” (DINIZ, 2006, p. 528). Esta potência unipolar pode ser interpretada como um Estado que está isolado no sistema internacional, mas que ao mesmo tempo comanda o cenário no qual está inserido. E sobre a questão posta, há a necessidade de se compreender qual a vantagem que outros países têm frente a este ator internacional que se posiciona de forma individual. Na maioria das vezes, Estados que mantêm relações com o resto do mundo, de forma igualitária, possuem maiores vantagens frente aqueles que não têm nenhum tipo de interação com o exterior, a não ser para demandar ações ou emanar ordens.

Outro apontamento sobre o tema seria: “Na unipolaridade, aliados têm maior poder de barganha diante da potência unipolar que outros atores? ” (DINIZ, 2006, p. 528). Isto reflete o poder de barganha das coalizões. Agrupamentos de países configuram uma grande quantidade de recursos, que são combinados no intuito de se garantir benefícios para todos os Estados – ou a maior parte deles –, refletindo grandes vantagens no sistema internacional. Um exemplo desta afirmação é claramente percebido com a formação da União Europeia. Nela, são 28 Estados-membros que unem seus interesses em prol de um bem mútuo. A grande maioria dos países veem a União Europeia como um parceiro de enorme potencial, devido às grandes oportunidades que pode oferecer a outros Estados. Manter relações com este bloco significa estar bem posicionado na arena internacional. Economicamente, representa um vasto mercado consumidor, além de uma diversificada fonte de mercadorias e serviços.⁶⁰

Ao mesmo tempo que o poder de barganha define as capacidades dos Estados, pode também delimitar a vulnerabilidade destes atores. Se não há recursos a serem dispostos para a barganha mundial, o país é muito vulnerável e suscetível a ser utilizado como peão no jogo internacional. Sem ter algo a oferecer, não existe forma de se projetar neste cenário. Neste contexto, pode-se evidenciar duas

⁶⁰ SOBRE a UE. **União Europeia**. c2016. Disponível em: <https://europa.eu/european-union/about-eu_pt>. Acesso em: 17 set. 2016.

dimensões de manifestação do poder: a vulnerabilidade e a sensibilidade. Esta ideia parte da Teoria da Interdependência de Robert Keohane. Nela a sensibilidade é entendida como a capacidade de resposta dos atores, e a vulnerabilidade é a capacidade de influenciar que um ator possui sobre o outro – assim como o seu grau de influência.⁶¹ Sendo assim,

Tais dimensões influenciam os atores internacionais nos planos interno e externo: [...] a vulnerabilidade é demonstrada a partir da capacidade de um ator de enfrentar as mudanças no cenário internacional, bem como os custos provenientes dessas mudanças. Esta dimensão se destaca como elemento determinante na política internacional, pois se o ator em questão for menos vulnerável possuirá maior poder de barganha e possibilidade de estratégias nas relações internacionais [...] (ALVES apud RODRIGUES, 2014, p.112).

Por isso, percebe-se que os países barganham de acordo com as capacidades que detêm, e o fazem como forma de alcançar novas vantagens. Neste sistema o importante é sempre ter algo a oferecer. Com isso, é possível garantir a manutenção de relações entre Estados além de benefícios mútuos. Verificando esta dinâmica dentro de Organizações Internacionais – também considerados atores do sistema mundial –, os países que possuem maiores recursos também têm maior poder de barganha em fóruns inseridos nestas organizações. Estas estão mais suscetíveis a concordar ou fornecer aquilo que grandes potências solicitam. (RODRIGUES, 2014, p. 114-115). E isto pode ser facilmente verificado na Organização das Nações Unidas⁶² (ONU), onde os países-membros permanentes do Conselho de Segurança⁶³ (CS) possuem o poder de tomada de decisões sobre qualquer tema que esteja em pauta em suas reuniões. China, Estados Unidos, França, Reino Unido e Rússia – membros permanentes do CS – possuem poder de

⁶¹ RODRIGUES, Noeli. Teoria da Interdependência: os conceitos de sensibilidade e vulnerabilidade nas Organizações Internacionais. **Conjuntura Global**, Vol.3, n.2, 2014, p. 112.

⁶² A Organização das Nações Unidas é uma organização internacional formada por países que se reuniram voluntariamente para trabalhar pela paz e o desenvolvimento mundiais.

⁶³ Órgão das Nações Unidas cuja função é a condução dos assuntos relacionados à paz e à segurança internacionais. Decidir sobre medidas a serem adotadas em relação aos Estados cujas ações não se coadunem com as normas relativas a estes temas é uma das formas de atuação deste órgão. O Conselho de Segurança é composto por cinco membros permanentes (Estados Unidos, Rússia, China, França e Reino Unido) e por dez membros não permanentes, eleitos para mandatos de dois anos.

veto em qualquer votação que deva ser realizada neste órgão. E isso é justificável pelo fato de serem consideradas as grandes potências mundiais – seja em âmbito político, econômico ou bélico –, mesmo isso sendo bastante injusto com o restante dos países, sendo eles membros da ONU ou não.

“Nas negociações multilaterais de comércio, os países em desenvolvimento consolidaram a estratégia de articular coalizões com vistas a aumentar seu poder de barganha [...]” (RAMANZINI JR.; VIANA, 2012, p. 49), por isso, seja em organizações internacionais ou no cenário mundial como um todo, o importante é adquirir capacidades que possibilitem barganhas, sendo por meio de formações de blocos ou pela evolução individual de determinada potência.

Mesmo que uma negociação multilateral de comércio por si só não neutralize as desigualdades no poder de barganha ou solucione as disparidades em recursos informacionais e organizacionais, a oportunidade de negociar em um sistema institucionalizado aumenta a capacidade de barganha dos países em desenvolvimento e pode dificultar o unilateralismo das grandes potências (RAMANZINI JR.; VIANA, 2012, p. 63).

Neste sentido, baseando a atuação dos países em um sistema de relações multilaterais, a individualidade não é mais algo que possibilita ganhos consideráveis. O unilateralismo, mesmo ainda existindo, não gera recursos que possibilitem o aumento do poder de barganha dos Estados.

Com base nesta vulnerabilidade que os países estão sujeitos no sistema internacional, há a necessidade de aumentar suas respectivas capacidades. Por isso, a teoria da maximização de poder se faz tão presente neste cenário.

Como citado anteriormente neste estudo, sobre o tópico de maximização há duas vertentes teóricas que se contrapõem sobre o tema. No Realismo Defensivo de Waltz, os Estados não priorizam a maximização de seu poder. Por viverem em um sistema considerado anárquico, sua principal intenção é garantir sua segurança e sobrevivência, sem objetivos expansionistas. Porém, para Mearsheimer no Realismo Ofensivo, além destas garantias, os Estados comportam-se de forma agressiva com o intuito de aumentar suas capacidades e deter a maior parcela de poder possível – como este cenário é descrito como hierárquico, a única forma de garantir a

sobrevivência é ter grande quantidade de poder. Neste contexto, o poder é um fim. Diferente de Waltz que o considera como um meio (DUARTE, 2010, p. 25).

Segundo John Mearsheimer, um neorrealista ofensivo, a estrutura internacional não necessariamente induz que os Estados sejam conservadores a respeito da busca de poder. Ou seja, o sistema gera incentivos para os Estados maximizarem a capacidade de determinar o comportamento dos demais a fim de conseguirem vantagens em situações as quais os benefícios se sobrepõem aos custos. Em contrapartida, o neorrealismo de Waltz profere que a estrutura estabelece limites à maximização do poder por parte dos Estados. Uma das causas desse constrangimento decorre da socialização. Essa barreira implica na imposição de padrões de ação aceitáveis. Certas atitudes são aprovadas pela comunidade internacional, outras não são bem recebidas (CUNHA, 2011, p. 70).

Independente das justificativas, a maximização do poder ocorre em ambos os cenários descritos. E os Estados não medem esforços para alcançar este fim.

Pode-se exemplificar este conceito pelo contexto da Guerra Fria⁶⁴. Neste conflito ideológico entre Estados Unidos e União Soviética⁶⁵ (URSS), ambos os lados procuraram disseminar sua influência entre o restante dos países, como forma de ganhar aliados e aumentar sua parcela de poder. No final, os EUA venceram com a propagação do sistema capitalista pelo mundo e, durante algum tempo, foram considerados a grande potência mundial.

[...] se a teoria de política internacional não nos diz tudo sobre o comportamento dos Estados, certamente nos diz alguma coisa. Todos os esforços dos Estados que sejam voltados ao fortalecimento externo ou interno, visando à maximização do poder relativo do Estado no sistema, corroboram essa teoria. E ela é refutável, pois serão anômalos todos os comportamentos que, por exemplo, visarem à maximização de poder de grupos domésticos ou transnacionais em detrimento do poder do Estado (REIS, 2009, p. 42).

⁶⁴ A Guerra Fria teve início logo após a Segunda Guerra Mundial (1945). Foi um período histórico de disputas estratégicas e conflitos indiretos entre os Estados Unidos e União Soviética, que pleiteavam a hegemonia política, econômica e militar no mundo.

⁶⁵ Foi um Estado socialista que existiu entre 1922 e 1991. Uma união de várias repúblicas soviéticas subnacionais, a URSS era governada por um regime unipartidário altamente centralizado comandado pelo Partido Comunista que defendia o socialismo como ideologia. Hoje, compreende a região ocupada pela Rússia.

A partir desta afirmação, percebe-se que a busca pelo poder é entendida como unilateral. E quando essa busca ocorre por meio de coalizões, não se encaixa nas premissas teóricas realistas, nas quais o objetivo final sempre é favorecer um único país.

Pode ser que este arranjo não condiga com a teoria, mas consegue-se visualizá-lo em algumas articulações entre Estados. Um exemplo disso é a formação de blocos econômicos⁶⁶. Seja União Europeia, NAFTA⁶⁷, MERCOSUL⁶⁸ ou qualquer outro agrupamento regional, os países se aliam uns aos outros como forma de ter um maior alcance internacional, além de garantir vantagens individuais. Os Estados Unidos uniram-se ao México e Canadá para obter benefícios econômicos e políticos em relação a estes territórios, além de expandir sua área de influência e, conseqüentemente, seu poder. Assim como os norte-americanos, o Brasil tornou-se membro do MERCOSUL com o intuito de conseguir maiores vantagens no cenário mundial, por efetivamente configurar uma relação multilateral com a formação deste bloco.

Entretanto, a maximização de poder dos Estados muitas vezes não ocorre de forma pacífica como a descrita acima. Inúmeros países tentam expandir seu poder por meio de conquistas de territórios e povos, o que leva ao desenvolvimento de diversos conflitos pelo mundo.

Para ilustrar esta declaração, pode-se citar a disputa pelas Ilhas Malvinas⁶⁹. O conflito entre Argentina e Inglaterra ocorre há um longo tempo. Os argentinos têm reivindicado a região por mais de 200 anos, tendo invadido o território em 1982, quando a diplomacia foi deixada de lado. A Inglaterra reagiu rapidamente e venceu a disputa. Mas o assunto está longe de ser solucionado, já que o território é de grande

⁶⁶ Acordos entre Estados onde tarifas comerciais são reduzidas ou até mesmo eliminadas para a facilitação das relações comerciais entre os países membros. Estes blocos possuem vários níveis de integração econômica, que variam de acordo com as atividades exercidas em cada acordo.

⁶⁷ O Tratado Norte-Americano de Livre Comércio é um acordo formado por Estados Unidos, México e Canadá, tendo o Chile como associado, que visa a aproximação econômica desses países em busca de benefícios mútuos para os membros. Esse acordo trabalha com a política de comércio entre esses países, tendo taxas menores.

⁶⁸ Bloco econômico composto por Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Venezuela. Este bloco tem como meta a integração dos países, economicamente, além de também integrar seus habitantes a transitar de forma mais fácil entre os países vizinhos. Também tem o intuito de melhorar a passagem de mercadorias, serviços e capital entre os Estados-membros.

⁶⁹ Conhecidas também como Falklands pelos ingleses, as Ilhas Malvinas ficam no Atlântico Sul, a cerca de 740 km a leste da Argentina. Compreendem duas ilhas principais e, aproximadamente, 200 ilhas menores, com uma área total de 8.704 km².

importância para ambos os países devido à exploração de petróleo que é realizada na região.⁷⁰

Este é um dos inúmeros conflitos territoriais que ocorrem no mundo. E todos se justificam pela necessidade de controle por parte dos países em regiões estratégicas. Na tentativa de expandirem seus raios de influência e alavancarem seu poder, territórios e povos tornam-se meros meios para os Estados alcançarem determinados objetivos.

[...] Every state would like to be the most formidable military power in the system because this is the best way to guarantee survival in a world that can be very dangerous. This logic creates strong incentives for states to take advantage of one another, including going to war if the circumstances are right and victory seems likely (MEARSHEIMER apud PIRES, 2015, p. 30-31).

E, mais uma vez, evidencia-se que independente da forma como se garante a maximização do poder – mesmo sendo de maneiras hostis – os países estão todos dispostos a sacrificar o outro em prol de seus interesses. Ainda que no início a intenção seja a formação de grupos e de contar com aliados, os benefícios finais nunca são partilhados.

Essa ideia de ganhos e maximização individuais ainda pode ser pautada teoricamente nas premissas neorrealistas de Waltz. As ações dos Estados visam obter qualquer tipo de vantagem. Entretanto, sua mensuração é diferenciada de acordo com o cenário. Existem os ganhos absolutos, que objetivam o benefício próprio, mas que ao mesmo tempo proporcionam ganhos para todas as partes envolvidas. Já os ganhos relativos – dos quais aqui se trata –, são aqueles em que não há a possibilidade de todos os lados se beneficiarem, sendo que um dos envolvidos perderá para outro ganhar – “jogo de soma zero”. Com isso, os Estados se preocupam com a inevitável perda de poder, impossibilitando que coalizões sejam formadas (DUARTE, 2010, p. 26).

Esta configuração pode ser facilmente percebida nos exemplos supracitados. Ainda que haja um sentimento de cooperação internacional, o que irá prevalecer

⁷⁰ RIBEIRO, Ana Karoline Linhares. et al. Conflito das Ilhas Malvinas: análise da disputa diplomática Argentina-Inglaterra. **Âmbito Jurídico**. c1998-2016. Disponível em:<http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=13191&revista_caderno=16>. Acesso em: 17 set. 2016.

sempre são os interesses particulares – mesmo que isso signifique o sacrifício de alguma parte.

4 GAME OF THRONES E O ESTADO

Game of Thrones é uma série norte-americana do canal HBO, criada e produzida por David Benioff e D. B. Weiss. Sua história é baseada na obra literária intitulada *As Crônicas de Gelo e Fogo*, de George R. R. Martin, que narra as disputas violentas entre as famílias que compreendem os Sete Reinos de Westeros, para obter poder e o controle do Trono de Ferro. As locações de filmagens, em sua maioria, passam-se na Irlanda do Norte, Espanha, Marrocos, Croácia e Islândia. E além disso, a produção tornou-se neste ano a série mais premiada no Emmy Awards, somando 38 prêmios no evento.

Neste universo fictício fica evidenciado o uso de meios subversivos para se garantir a vitória em batalhas ou em outros meios de disputas entre as grandes famílias que protagonizam a dinâmica deste cenário. A grande questão que orienta as ações de alguns dos personagens, quando estão em meio a um conflito, é como se comportar para proteger sua sobrevivência e a de quem está ao seu lado. Estes personagens devem fazer escolhas entre meios antiéticos e “honrosos” sendo que, muitas vezes, acabam optando pela primeira opção, que é a forma mais fácil ou até mais garantida de que a vitória será alcançada.

“[...] a desconfiança, a luta incessante pelo poder e o desejo da hegemonia também se fazem presentes, tornando possível a comparação do contexto político [...] com a teoria realista, e em especial com o realismo ofensivo de John Mearsheimer” (PIRES, 2015, p. 36).

Este embate de ideais cria um cenário tão imprevisível quanto o próprio ser humano. E a partir das escolhas que são feitas ao longo dos caminhos destes personagens, é possível vislumbrar a capacidade destes, assim como os recursos que são empregados neste contexto de guerras.

Em um breve contexto histórico, os Sete Reinos do continente fictício Westeros, foram unificados por Aegon Targaryen I – o Conquistador. Estes territórios compreendem o Reino das Terras da Tempestade (Casa Baratheon), o Reino da Campina (Casa Tyrell), o Reino do Rochedo (Casa Lannister), o Reino do Norte (Casa Stark), o Reino das Ilhas e dos Rios (Casa Greyjoy e Tully), o Reino do Vale e do Céu (Casa Arryn), e o Principado de Dorne (Casa Martell). Todas estas famílias

correspondem aos maiores poderes na dinâmica westerosi, sendo que em Porto Real⁷¹ situa-se o centro de poder deste continente, onde uma das famílias reina e controla o que estiver a seu alcance.

A partir disso, também é importante definir a identidade de cada uma destas famílias. A Casa Baratheon, a mais nova das casas principais, ganhou destaque em Westeros com uma rebelião iniciada por de seus membros, Robert I – que neste episódio, tornou-se o Rei dos Sete Reinos. Na série, além de Robert, a história desta família gira em torno de Stannis e Renly Baratheon, irmãos mais novos de Robert. Seu símbolo é o veado coroado e seu lema é “Nossa é a fúria”. Já a Casa Tyrell sempre foi uma das mais influentes casas neste contexto, sendo que seu poder e riqueza só ficam atrás das posses da família Lannister. Os membros que se apresentam na série são Mace Tyrell – o Senhor do Jardim de Cima –, seus filhos Margaery e Loras, e sua mãe Olenna Tyrell. O símbolo desta casa é uma rosa dourada e seu lema é “Crescendo Forte”.

A família Lannister é uma das mais presentes na trama. Em todo o momento, os eventos ocorridos sempre estão atrelados às ações desta casa. Seus membros, muitas vezes, são questionados pela sua ética e moral nas ações que compreendem a política westerosi. Tywin Lannister – o Senhor do Rochedo Casterly – foi quem trouxe prestígio à família, a inserindo ativamente na dinâmica política do continente. Sua filha, Cersei, tornou-se rainha ao casar-se com Robert Baratheon. E Jaime e Tyrion são outros filhos de Tywin – o primeiro é membro da Guarda Real, o segundo um anão, calculista e perspicaz. Seu símbolo é o leão dourado e o lema, “Ouça-me rugir! ”. A família Stark, neste contexto, torna-se o oposto de tudo o que os Lannisters representam. Na série, o principal embate se dá entre estas duas casas, devido à desacordos e traições que ocorreram entre seus membros. Os Starks são conhecidos pela sua honra e por sempre optarem pelo meio correto de agir. Eddard Stark – Senhor de Winterfell – é o líder da família. No casamento com Catelyn Stark, teve cinco filhos: Robb, Sansa, Arya, Brandon e Rickon – e um filho bastardo, Jon Snow. Seu símbolo é lobo gigante e seu lema, “O Inverno está chegando”.

A Casa Greyjoy diferencia-se das demais por viver daquilo que provém dos mares. Têm as maiores e melhores frotas de Westeros e se mantém em territórios

⁷¹ Capital e maior cidade dos Sete Reinos, localizada na costa leste de Westeros.

distantes daqueles em que há a constante vigia da realeza. Tem como símbolo uma lula gigante e seu lema é “Nós não semeamos”. Na série se apresenta pelos personagens Theon e Yara Greyjoy, além de seu pai Balon, e seu tio Euron.

Já a Casa Tully é uma das casas mais antigas e nobres de Westeros. Mesmo tendo grande influência, nunca antes esta família ocupou o Trono de Ferro. Seu símbolo é a truta prateada e o lema é “Família, Dever, Honra”. Na série, a família é representada por Catelyn Tully – casada com Eddard Stark –, seu irmão Edmure, seu pai Hoster e seu tio Brynden. Por fim, a Casa Martell, compreende os personagens mais liberais deste contexto. Eles seguem suas próprias regras e têm um perfil autônomo. Sua origem é desconhecida, mas durante a unificação dos Sete Reinos, se mostraram insatisfeitos com a submissão a qual estavam sendo impostos. Na trama, sua participação se dá pelo príncipe Oberyn Martell, seu irmão Doran e seu sobrinho, Trystane.

Fora da dinâmica de Westeros, ainda existe mais uma casa muito importante para o desenrolar da história. A família Targaryen não possuía nenhum destes territórios por ter origem em outra parte do mundo. Na série é representada por Daenerys Targaryen e seu irmão, Viserys. E têm como lema a frase “Fogo e Sangue”, sendo que seu símbolo é o dragão vermelho de três cabeças. É uma casa tradicional da Antiga Valíria – outro continente que em determinado momento, chegou à sua ruína – que por alguns anos viveu nas Terras da Tempestade, até sua conquista sobre os Sete Reinos de Westeros com a ajuda de seus dragões. (MARTIN; GARCÍA JR; ANTONSSON, 2014, p. 31-45).

A partir desta configuração, criou-se o Trono de Ferro, objeto de poder para qualquer um que o possuísse.

Dada a conquista Targaryen sobre os Sete Reinos, 282 anos se passaram, até a rebelião de Robert Baratheon, que tirou a família valiriana do poder dando um formato diferenciado para o contexto de Westeros, no qual a família Targaryen foi quase extinta – assim como seus dragões –, e o poder concedido a Robert pela tomada do Trono, passou a ser contestado e não mais temido como antes. (MARTIN; GARCÍA JR; ANTONSSON apud PIRES, 2015, p. 37).

Neste contexto apresentado, surgiu uma grande instabilidade no cenário criado. As Casas já não mostravam-se confiantes umas nas outras e o temor tornou-

as instáveis. Com isso, as guerras tornaram-se mais frequentes e a busca por poder e a garantia de sobrevivência fizeram culminar relações baseadas na desconfiança.

Sendo assim, o que será explicado neste tópico são as estratégias e formas de disputa que são empregadas entre os reinos, além dos fatores que influenciam as ações tomadas por estes indivíduos.

4.1 O USO DA ESTRATÉGIA E DA INFORMAÇÃO

Em um cenário protagonizado por grandes batalhas, o uso de estratégias de guerra se faz indispensável. Em Westeros, o que rege a maioria das ações das grandes famílias – ou até de personagens singulares – é o desejo de sentar no Trono de Ferro e controlar todos os Sete Reinos. E para isso ser concretizado, táticas são empregadas objetivando o poder máximo.

É preciso, primeiramente, compreender os conceitos que regem estes comportamentos.

Assim como a **estratégia** é a técnica utilizada para alcançar um objetivo (individual ou coletivo, privado ou público, pacífico ou bélico-militar), assim a política dos armamentos representa o instrumento com que os Estados desenvolvem a sua estratégia. O uso material de uma arma é pois, a fase final de um complicado processo, iniciado com a definição de um objetivo, determinação da estratégia mais apta a alcançá-lo e escolha dos meios mais eficazes; as armas poderão ser usadas, mas, por vezes, bastará que sejam apenas exibidas para se obter a adequação da vontade do adversário ao objetivo prefixado (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 431).

Nas estratégias presentes em *Game of Thrones*, fica claro que há o uso da “política de armamentos” citada acima. A grande maioria dos contratempos é resolvida por meio de combates. E estas ações ofensivas foram vislumbradas e explicadas por Mearsheimer ao tratar os principais atores do sistema internacional como agentes agressivos que se preocupam somente com sua segurança.

No cenário existente na série, uma das mais usadas, mas imprevisíveis, estratégias é a de fazer alianças secretas. Recentemente, na última temporada lançada pela HBO, pode-se identificar esta tática em um dos episódios de maior repercussão de todo o show. Em *Batalha dos Bastardos*, todo o episódio foi focado na disputa entre Ramsay Bolton e Jon Snow. Ramsay fez uso de seu bem estruturado exército e de alianças com as famílias mais poderosas do Norte de

Westeros – Karstark e Umber. Já Jon Snow, por ser um bastardo não legitimado e não ter pretensão nenhuma ao trono nortenho, passou por um longo período tentando unir forças com famílias menores – Mormont e Hornwood –, algumas poucas pessoas que ainda apoiavam os Stark e também a força dos Selvagens. E mesmo assim, não possuía a quantidade de homens suficientes para vencer os Boltons. Durante a batalha, verificou-se a eminente derrota de Snow. O que não se esperava era que Sansa Stark – meia-irmã de Jon – tivesse se aliado a outro exército sem informar ninguém de seus planos. Com a ajuda da família Arryn, comandados por Petyr Baelish – também conhecido como Mindinho –, a vitória de Jon Snow foi esmagadora, no final. Ramsay e nem mesmo Jon contavam com este auxílio na batalha, tornando o elemento surpresa ainda mais efetivo.⁷²

Winterfell voltou a ser governado pelos Starks – ou o que restou deles – e esta família conseguiu sua tão ansiada vingança contra os Boltons. De fato, o comportamento de Sansa, ao se aliar a Petyr Baelish, foi bastante arriscado, pois este personagem se mostrou muito ardiloso e pouco confiável em episódios anteriores. Mas foi ao tomar esta decisão que Sansa garantiu a vitória de sua família sobre os Boltons.

São estratégias como estas que demonstram a dinâmica hostil de Westeros. E a partir disso, percebe-se que “qualquer Estado empenhado na sua sobrevivência deve pelo menos suspeitar de outros Estados, e ser relutante ao confiar neles”. (MEARSHEIMER, 2001, p. 32).

Baseando-se novamente nas premissas ofensivo realistas, verifica-se outro episódio que causou uma grande reviravolta nos acontecimentos em que se seguiam.

Na primeira temporada, com a morte de Eddard Stark – chefe da família Stark – ao mando de Joffrey Baratheon – na época, rei dos Sete Reinos - surgiu a disputa dos Starks contra Baratheons e Lannisters.⁷³ Daí em diante, seguiu-se uma série de embates entre estes exércitos e, até dado momento, a família Stark, liderada Robb – primogênito de Eddard – estava ganhando a guerra. Entretanto, como tudo em

⁷² BATALHA dos Bastardos. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2016. 59 min, color. Episódio da sexta temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 19 jun. 2016.

⁷³ BAELOR. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2011. 55 min, color. Episódio da primeira temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 12 jun. 2011.

Game of Thrones é imprevisível, surgiu uma nova aliança. Aliados dos Starks, a família Bolton lutava ao lado de Robb nesta guerra. Mas os Lannisters ofereceram territórios e posses aos Boltons para que estes traíssem os Starks. E no episódio *The Rains of Castamere*, a traição foi concretizada. Em um casamento entre membros da família Tully e Frey, os Boltons dizimaram todos os Starks, assim como seu exército, a mando de Tywin Lannister. Os Fries e os Boltons arquitetaram todo o evento e Tywin utilizou-se desta aliança para garantir sua vitória nesta guerra.⁷⁴

O Casamento Vermelho, como este acontecimento ficou conhecido, foi uma das maiores reviravoltas e um dos episódios mais impressionantes da série. De forma geral, a estratégia utilizada pelos Lannisters foi surpreendente e eficaz. Os objetivos almejados foram atingidos, com a menor utilização de recursos possível, poupando seu exército e causando poucas perdas. Mas ainda assim, foi uma atitude eticamente inválida e de cunho hostil. Mais uma prova de que estas famílias – ou Estados, na teoria – estão dispostos a tudo para garantir sua segurança e sobrevivência no cenário em que vivem.

Entretanto, toda estratégia criada deve ser pautada em informações concretas. Como a comunicação neste cenário ocorria de forma bastante lenta, alguns recursos deveriam ser empregados para se atingir o fim esperado.

Neste contexto, há dois principais personagens que se destacam na obtenção de informações em Westeros: Varys e Petyr Baelish. No início da série, ambos os personagens trabalhavam junto ao Rei Robert Baratheon, no Pequeno Conselho. Eram encarregados de coletar informações que fossem essenciais para as táticas que seriam criadas.

Varys utilizava de uma estratégia um tanto quanto inovadora para a época. Em Porto Real, conseguia informações por meio de seus *Little Birds* – passarinhos – , crianças espalhadas por toda a cidade que tinham a função de ouvir os rumores espalhados e contar a Varys, que unia as informações e as repassava para o Pequeno Conselho, de acordo com seus interesses. Em dado momento, estes “passarinhos” estavam espalhados por toda Westeros, nunca sendo descobertos e sempre eficazes em seu trabalho. Com o tempo, Varys foge de Porto Real para

⁷⁴ THE RAINS of Castamere. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2011. 55 min, color. Episódio da terceira temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 2 jun. 2013.

aliar-se a outra família. Atualmente, o personagem auxilia Daenerys Targaryen, outra candidata ao Trono de Ferro, da mesma forma que trabalhava com os Baratheons e Lannisters.

Já Petyr Baelish, que vem de uma Casa sem pretensão nenhuma ao poder, mostra-se um personagem ardiloso e bastante traiçoeiro. Sempre foi próximo da família real. Mas toda e qualquer atitude tomada era para beneficiar seus próprios interesses. Um fato que pode exemplificar isto, é seu casamento com Lysa Arryn. Petyr jura amor à Lady Lysa para depois matá-la e controlar o Reino do Vale e do Céu, assim como seus recursos e exército, obtendo alguma parcela de poder.⁷⁵

O personagem usa outras pessoas para conseguir alcançar o que tanto almeja: o Trono de Ferro. Com isso, faz falsas alianças com mais de uma família e torna os indivíduos um meio para o seu fim. Sobre esta atitude, há um exemplo recente a ser evidenciado. Na fuga de Sansa Stark de Porto Real, Petyr torna-se o protetor da garota, que confia nele cegamente. Tempos depois, Sansa se vê obrigada a casar com Ramsay Bolton, para concretizar a aliança que Baelish havia feito com Roose Bolton – pai de Ramsay. Sua família queria controlar o Norte, e para isso, precisaria de uma união com a Casa Stark, sendo que o objeto desta união era Sansa. Baelish usou deste casamento e colocou Sansa à mercê das torturas do sádico Ramsay a fim de ganhar maior apoio à sua causa.⁷⁶

Nos exemplos citados acima, podemos associar as ações de Varys e Petyr Baelish ao *smart power* de Joseph Nye. Lembrando que esta teoria não se limita à maximização do poder e da hegemonia, mas compreende também os recursos que são combinados para a criação de táticas eficazes. Por isso se faz importante a manutenção de relações com outros atores que vivem neste meio, como forma de aumentar sua parcela de poder neste cenário.

Estes são personagens que evidenciam suas estratégias e preferem ações inteligentes a táticas de cunho agressivo. Valendo-se dos dizeres de Petyr Baelish em um dos episódios, “conhecimento é poder” (GAME OF THRONES, 2012, episódio 1, minuto 38).

⁷⁵ MOCKINGBIRD. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2014. 55 min, color. Episódio da quarta temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 18 maio 2014.

⁷⁶ UNBOWED, Unbent, Unbroken. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2015. 55 min, color. Episódio da quinta temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 17 maio 2015.

4.2 ÉTICA, VIOLÊNCIA E INSTITUIÇÕES

Como foi visto nos fatos citados anteriormente, o contexto em que os Reinos se encontram em Westeros é bastante hostil. E, como de acordo com o Realismo Ofensivo, buscam a hegemonia e segurança acima de tudo, e isso fica cada vez mais exacerbado.

Uma das premissas da teoria é o fato do desejo de preservação da sobrevivência dos Estados guiar suas decisões no sistema internacional (MEARSHEIMER, 2001, p. 32). E esta premissa se encaixa na forma como os Reinos atuam em *Game of Thrones*. Sua segurança é a máxima que conduz seus comportamentos. E no intuito de garanti-la, muitas das ações praticadas não representam atitudes éticas.

Na definição do termo, “ética vem do grego *ethos* (eqos /hqos) e designa praticamente a mesma realidade da palavra moral, ou seja: costumes, comportamento, regras, mas além disso, caráter” (AGOSTINI, 1993, p. 30-34). Ou ainda, “em seu sentido de maior amplitude, a ética tem sido entendida como a ciência da conduta humana perante o ser e seus semelhantes” (SÁ, 2010, p. 3).

Baseando-se nestes conceitos, o continente fictício abrange uma série de relações pautadas na individualidade de interesses. Num cenário onde é preferível a morte de pessoas, se isso significar alguma vantagem, a ética é inexistente. Meios cruéis são empregados para alcançar o objetivo almejado: como matar crianças e camponeses, trair aliados ou vender o apoio a uma causa por alguma promessa de riqueza e territórios. E por isso, aqueles personagens que se atém a valores como honra e honestidade, não conseguem manter seu poder e muito menos sua segurança. Já aqueles que não orientam suas vidas pela moral ou pela ética, tornam-se “livres” para criar qualquer estratégia e colocar em prática comportamentos que não são aprovados pela sociedade, mas sim impostos à ela.

Um exemplo desta falta de ética e moral foi vislumbrado durante a primeira temporada. Com a morte do Rei Robert Baratheon, seu filho Joffrey candidatou-se ao trono. Porém, sua posse do reinado não seria legítima, pois o príncipe era na verdade fruto do relacionamento incestuoso entre Cersei e Jamie Lannister. A partir disso, Eddard Stark – até então Mão do Rei – não apoia a pretensão de Joffrey e ameaça contar a verdade a todos.

Eddard sabe que Joffrey não é o herdeiro legítimo do rei Robert Baratheon, e por isso a honra lhe diz para não dar ouvidos à recomendação de Mindinho. Ao contrário de Lorde Stark, que tem virtudes firmemente definidas, Cersei Lannister, a esposa do rei, pouco se importa com virtudes. Ela se importa apenas em como beneficiar seus filhos e a si mesma. [...] Existe uma diferença marcante entre a moral que guia as ações de Eddard e as motivações por trás dos atos de Cersei. Enquanto Eddard é virtuoso, Cersei é egoísta (JACOBY, 2012, p. 92).

No decorrer da trama, verificou-se que o erro de Stark foi pensar sempre como um homem justo e não ter uma abordagem política consistente. Ele seguia seus próprios princípios e ignorou seus efeitos na esfera política. Eddard não condizia com a realidade de Porto Real, e por isso foi eliminado de forma rápida, ao ser decapitado no Septo de Baelor, em frente à toda a população, acusado de traição ao rei.

A falta de ética neste cenário está diretamente relacionada a outro fator que rege as relações entre os atores deste sistema: A violência.

A agressão é algo que se faz presente em Westeros. E mesmo distante das terras que compreendem os Sete Reinos, recursos hostis são empregados para garantir o controle sobre determinadas coisas ou pessoas.

Daenerys Targaryen, em sua busca por reconhecimento e poder durante sua jornada à Porto Real, decide aumentar seu exército dirigindo-se à Astapor⁷⁷. Khaleesi – como é conhecida Daenerys na língua Dothraki – estava disposta a comprar o exército de Imaculados⁷⁸ existente na cidade. Na barganha, concordou em dar em troca de todos os 8.600 Imaculados, seus três navios e as mercadorias que continham neles e um de seus dragões (Drogon) aos Bons Mestres de Astapor. Contudo, após o acordo ser fechado, Daenerys recebeu o chicote que simbolizava que os Imaculados agora pertenciam a ela, e no final, traiu os termos do acordo e colocou seus dragões e seu novo exército contra os escravocratas, matando-os e libertando os escravos de Astapor. Com seu novo exército, Daenerys partiu para

⁷⁷ Uma das cidades da Baía dos Escravos, famosa por vender Imaculados, os melhores soldados de infantaria do mundo.

⁷⁸ Os Imaculados são soldados eunucos, treinados desde jovens em Astapor para ter obediência inquestionável e grande habilidade marcial.

outra cidade: Yunkai⁷⁹. E além de seu exército, ela foi acompanhada também por milhares de escravos, agora libertos, que não queriam ficar na cidade.⁸⁰

Como foi explicado anteriormente, o *hard power* é compreendido pelo emprego de meios brutos na tentativa moldar o comportamento de terceiros para se obter alguma vantagem – englobando as forças militares de uma nação –, sendo que a intimidação é um recurso utilizado neste contexto.⁸¹ Estas características se fazem presentes nas ações de Daenerys. Mesmo sendo uma boa intenção a de libertar os escravos de Astapor, o meio pelo qual alcançou seu objetivo foi a morte daqueles que regiam o território. Além disso, sua pretensão real era aumentar seu exército e ter um território sobre seu comando, o que auxiliaria na sua busca pelo poder. E na conquista destes recursos, usou de seus dragões – o poder militar – para aniquilar aqueles que representavam alguma ameaça aos seus interesses.

Outro episódio ocorrido na série, que demonstra a agressividade existente por todos os lados, é a Batalha de Castelo Negro, que também compreendeu um território distante dos Sete Reinos. Neste conflito, os selvagens vindos do Norte “para lá da muralha” atacaram o castelo para conseguirem atravessar o portão que dava passagem ao Sul, onde os membros da Patrulha da Noite viviam e protegiam o reino de ameaças externas – os Outros⁸². No embate, os selvagens – que estavam em maior número – atacaram de diversas formas e, utilizando-se de seus recursos, que incluíam gigantes e até mesmo mamutes, atravessaram o portão e invadiram Castelo Negro. No combate, muitos patrulheiros e selvagens perderam a vida. Entretanto, o êxito dos selvagens não foi alcançado, pois Stannis Baratheon – outro candidato ao Trono de Ferro – chegou com seu exército vindo de Atalaialeste⁸³ e conteve o avanço dos invasores.⁸⁴

⁷⁹ Chamada de Cidade Amarela é uma das cidades portuárias escravagistas da Baía dos Escravos em Essos.

⁸⁰ AND Now His Watch is Ended. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2013. 55 min, color. Episódio da terceira temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 21 abr. 2013.

⁸¹ FERREIRA, Marcos Alan Fagner dos Santos. **Definições Conceituais para o Entendimento da Política Externa dos Estados Unidos: As Noções de Poder Duro (hard power) e Poder Brando (soft power)**. San Tiago Dantas – São Paulo. 2005, p. 2.

⁸² Os Outros, conhecidos também como Caminhantes Brancos, são uma espécie de humanoides que existem ao norte da Muralha. Até agora seus propósitos permanecem desconhecidos.

⁸³ Atalaialeste-do-mar é o castelo mais ao leste ao longo da Muralha.

⁸⁴ THE Watchers On The Wall. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2014. 55 min, color. Episódio da quarta temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 8 jun. 2014.

Uma das premissas de Mearsheimer diz que todo Estado tem capacidade militar e que este não hesitará em usá-la quando necessário (MEARSHEIMER apud PIRES, 2015, p.38). Em todos os exemplos apresentados até o momento, de fragmentos da série, esta ideia foi comprovada. Num contexto onde o comportamento das pessoas é hostil, a utilização de meios agressivos – como a guerra – tornam-se recorrentes.

Seguindo adiante, no sistema westerosi a dinâmica entre os atores se dá pela determinação de costumes ou valores – que muitas vezes não são seguidos – e de fundações. Sendo físicas ou não, em *Game of Thrones* as instituições se fazem presentes no cotidiano das famílias.

Na delimitação do termo, pode-se entendê-lo da seguinte forma:

Institutions are durable systems of established and embedded social rules that structure social interactions. Language, money, systems of weights and measures, table manners, firms (and other organizations) are all institutions. In part, the durability of institutions stems from the fact that they can usefully create stable expectations of the behaviour of others. Generally institutions enable ordered thought, expectation and action, by imposing form and consistency on human activities. They depend upon the thoughts and activities of individuals but are not reducible to them (HODGSON apud CONCEIÇÃO, 2002, p. 125).

Sendo assim, não só organizações, mas também a estrutura comportamental das relações entre os indivíduos caracteriza-se como uma instituição. E a identificação destas instituições na série é essencial para a compreensão de sua realidade.

Primeiramente, deve-se citar os lemas das Casas em Westeros. Cada uma das famílias possui um lema diferente, que norteia seu comportamento de alguma maneira. A Casa Lannister tem o lema “Ouça-me rugir!”, como forma de mostrar às outras famílias quão poderosos os proprietários do Rochedo são. Porém, outro dizer pelo qual a Casa é reconhecida seria “Um Lannister sempre paga as suas dívidas”, uma maneira de evidenciar sua honra ao cumprir promessas. Há outros lemas, como o da Casa Stark, “O Inverno está chegando”, que seria uma forma de dizer que esta família está preparada para o pior. E o lema da Casa Martell – considerado um dos mais fortes – “Insubmissos, não curvados, não quebrados”, que demonstra a

autenticidade e autonomia desta família perante as outras, além de sua insubmissão a um poder maior.

Estes “slogans” são o que influenciam a vida destes indivíduos, mesmo que indiretamente. São dizeres que evidenciam o orgulho que cada membro possui em pertencer àquela família.

Outra instituição – de renome em Porto Real – é o Grande Septo de Baelor. Corresponde a um centro religioso da Fé dos Sete – que será tratado mais adiante –, sendo também moradia do Alto Septão. Por se tratar não somente de uma Igreja, mas de um centro de poder, o Septo pode ser identificado como uma instituição. Por meio dele, casamentos da família real são realizados, como o casamento de Joffrey Baratheon e Margaery Tyrell⁸⁵, e também é palco de julgamentos e mortes, como por exemplo a decapitação de Eddard Stark por traição⁸⁶ e o julgamento de Loras Tyrell, que acabou com uma explosão do próprio Septo, arquitetada por Cersei Lannister⁸⁷ – milhares de pessoas morreram, inclusive todos os descendentes da família Tyrell.

Foram acontecimentos que geraram grande repercussão e que, por se tratar de um local de cunho religioso, propagou-se por toda uma população. Os dogmas que estão inseridos nessa religião são disseminados pelo Septo, na figura do Alto Septão. E por estes dogmas se tratarem das crenças e doutrinas nas quais a Fé dos Sete é fundamentada, fica claro que o povo é influenciado e regido por esta instituição.

Um último exemplo é a já mencionada Patrulha da Noite, uma organização militar que se dedica à manutenção da Muralha⁸⁸ ao extremo Norte de Westeros. Sua função é fortificar a fronteira dos Sete Reinos, assim como proteger o continente da ameaça que os Outros representam. São irmãos juramentados – patrulheiros –

⁸⁵ THE Lion and The Rose. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2014. 55 min, color. Episódio da quarta temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 13 abr. 2014.

⁸⁶ BAELOR. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2011. 55 min, color. Episódio da primeira temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 12 jun. 2011.

⁸⁷ THE Winds of Winter. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2016. 55 min, color. Episódio da sexta temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 26 jun. 2016.

⁸⁸ A Muralha é uma gigantesca muralha de mais de duzentos metros de altura, feita de gelo, que se estende por quase quinhentos quilômetros na fronteira norte dos Sete Reinos, separando-os das terras selvagens de Para Lá da Muralha.

que dedicam toda sua vida na proteção dos reinos do Sul. Vestem somente negro e também são proibidos de possuir terras e família, assim como tomar partido em qualquer guerra. Na série, assim como na obra literária na qual o show é baseado, uma das passagens mais marcantes é o juramento da Patrulha da Noite⁸⁹. Neste contexto, o que se procura desenvolver na sociedade é a essencialidade da segurança para a vida em Westeros. No contexto atual, a Patrulha é posta de lado nas estratégias dos Sete Reinos e poucos recursos, assim como homens, são enviados para seu crescimento. Entretanto, durante seu auge, a ordem mais antiga deste sistema demandava respeito às suas tradições e trabalho exercido em prol do bem da sociedade como um todo.

Estes são alguns dos exemplos que orientam a vida neste cenário fictício. *Game of Thrones* tem uma infinidade de detalhes, e até mesmo novas instituições são criadas como forma de organizar a sociedade westerosi.

4.3 A INFLUÊNCIA DO SISTEMA DE CRENÇAS

Na história contada pela série, as crenças religiosas são várias. Assim como no mundo atual, a existência de diferentes religiões é algo que guia o comportamento dos indivíduos de forma distinta. Dependendo da região em que se situam, a sua fé é voltada para diferentes doutrinas – que muitas vezes implicam em acontecimentos influenciados por estas religiões.

São cinco as crenças existentes neste contexto. E primeiramente, se explanará sobre a mais primitiva, a dos Deuses Antigos. Esta crença deposita sua fé em entidades ou espíritos da natureza que não possuem nomes para serem identificados. Com o passar dos anos, sua prática tornou-se restrita somente ao Norte de Westeros, sendo uma religião que não possui organização, textos sagrados ou clero, mas partilha de alguns costumes que são praticados por seus seguidores –

⁸⁹ “Escute as minhas palavras e testemunhem os meus votos. A noite chega, e agora começa minha vigia. Não terminará até a minha morte. Não tomarei esposa, não possuirei terras, não gerarei filhos. Não usarei coroas e não conquistarei glórias. Viverei e morrerei no meu posto. Sou a espada na escuridão. Sou o vigilante nas muralhas. Sou o fogo que arde contra o frio, a luz que traz consigo a alvorada, a trombeta que acorda os que dormem, o escudo que defende os reinos dos homens. Dou minha vida e a minha honra a Patrulha da Noite. Por esta noite, e por todas as noites que estão por vir”.

como, por exemplo, considerar o incesto (algo bastante presente nesta realidade) como uma ofensa aos deuses. Existem os bosques sagrados, que cada família possui em seu território e onde se localizam as chamadas árvores coração – que têm desenhos que se assemelham aos traços de rostos humanos – onde são realizados casamentos, orações ou até juramentos.⁹⁰ Quem segue esta religião, normalmente, tende a ser um indivíduo que se conduz por preceitos honrosos em sua vida. O dever torna-se o regente de suas ações, que muitas vezes vêm antes da família. Um exemplo que pode ser elencado é Eddard Stark, seguidor dos Deuses Antigos, um homem conhecido pela sua honra e que abriu mão de sua vida em virtude de algo que era preciso ser feito – contar a verdade sobre o nascimento dos filhos de Cersei Lannister e da posse do trono de forma ilegítima, como já foi mencionado anteriormente.

Outras duas religiões existentes neste cenário – mas que não têm grandes explicações ao longo da série – são a do Deus Afogado e a do Deus de Muitas Faces. A primeira corresponde a uma divindade do mar adorada somente pelos Homens de Ferro⁹¹, que em rituais religiosos, têm o afogamento e a ressurreição como destaque de seus costumes. Recém-nascidos e reis são coroados a partir destes rituais. Isto pode ser vislumbrado na última temporada, durante o episódio de coroação de Euron Greyjoy, em que o rei do trono de sal é afogado, propositalmente, e depois só poderia governar se “voltasse à vida”.⁹² Assim, como a fé dos Deuses Antigos, é uma religião bastante primitiva, que tem como oração os dizeres "O que está morto não pode morrer, mas volta a erguer-se, mais duro e mais forte"^{93 94}, algo bastante comum entre os Homens de Ferro, seja em orações de fato, ou até mesmo em discursos de guerra.

Já o Deus de Muitas Faces traz consigo uma carga enigmática. A única personagem de destaque que tem contato com esta doutrina é Arya Stark, filha de Eddard. A partir da quinta temporada, mais especificamente o episódio “The House

⁹⁰ ARAÚJO, João Eduardo da Silva de. **ALÉM DO MAR ESTREITO: A CONSTRUÇÃO DO UNIVERSO FICCIONAL NO SERIADO TELEVISIVO GAME OF THRONES**. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2012, p. 43.

⁹¹ Homens que vivem nas Ilhas de Ferro. São imbatíveis nos mares e vivem da sua fama naval.

⁹² THE Door. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2016. 55 min, color. Episódio da sexta temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 22 maio 2016.

⁹³ Ibid.

⁹⁴ *What is dead may never die, but rises again, harder and stronger.*

of Black and White”, Arya desvenda alguns dos rituais desta religião, porém sem muita explicação sobre seu propósito. Ele é uma divindade adorada pelos Homens Sem Rosto⁹⁵, e quem adere a esta crença deve tornar-se um deles. O templo desta religião monoteísta é a Casa do Preto e Branco, e o Deus de Muitas Faces é o deus da morte, algo venerado por seus seguidores. Estes assassinos – homens sem rostos – acreditam que a morte é uma maneira de dar fim, de forma misericordiosa, ao sofrimento de um indivíduo. E estas mortes só ocorrem por meio de ordens, pois nenhum dos assassinos tem o poder de matar quem lhes convém. Acredita-se que após os assassinatos, os rostos desses homens servem como “disfarces” para os assassinos posteriormente. Isso é evidenciado quando Arya assassina Meryn Trant⁹⁶, uma morte que não foi demandada, mas foi executada para satisfazer a própria garota. Após este ato, quando retorna para a Casa do Preto e Branco, Jaqen H'ghar⁹⁷ toma um veneno e morre – *“Só a morte pode pagar pela vida”* –, e Arya “folheia as faces” do homem que está estirado em sua frente, até encontrar seu próprio rosto naquele corpo. Depois disso, sua visão fica turva, terminando na cegueira da garota – o que, mais tarde, serviu como forma de punição⁹⁸. Este ato de folhear as faces de Jaqen talvez tenha demonstrado os inúmeros rostos conseguidos por meio das matanças em nome do Deus de Muitas Faces.⁹⁹

De fato, é uma das religiões mais controversas e, talvez, menos exploradas segundo seu significado. Todas as suas práticas ainda permanecem sem uma justificativa clara, sem o evidenciamento de um propósito maior. Mas ainda sim, desperta a curiosidade da maioria dos telespectadores da série.

A quarta crença baseia-se na Fé dos Sete. Esta corresponde à religião seguida em grande parte do território westerosi, principalmente pelas famílias do Sul.

A fé mais difundida nos Sete Reinos é a chamada Fé dos Sete, que tem similaridades com o catolicismo romano, como a repentina e rápida

⁹⁵ Sociedade religiosa de assassinos.

⁹⁶ Um dos envolvidos na morte de Syrio Forel, que no início da trama foi contratado para ensinar Arya a como usar uma espada.

⁹⁷ Suposta identidade de um dos Homens Sem Rosto de Braavos.

⁹⁸ *“Os rostos são para ninguém - você ainda é alguém. E para alguém, os rostos são tão bons como veneno”*. – Waif.

⁹⁹ MOTHER'S Mercy. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2015. 55 min, color. Episódio da quinta temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 14 jun. 2015.

conversão de Westeros à Fé e a estrutura hierárquica da religião, tendo o Alto Septão como chefe da Igreja. E o mais importante: a Fé tem apenas um deus, que possui sete faces. Isso se assemelha ao dogma cristão da Trindade: um Deus, três pessoas (JACOBY, 2012, p. 155).

Seus deuses são chamados de Deuses Novos, para diferenciá-los dos Deuses Antigos do Norte. Nesta crença há sete deuses, cada um com um significado distinto. O Pai (representa o julgamento), A Mãe (maternidade e piedade), O Guerreiro (força em combate), A Donzela (inocência e castidade), O Ferreiro (dons e o trabalho), A Velha (sabedoria) e O Estranho (a morte e o desconhecido).

Esta religião representa o mais alto nível de organização. Como falado anteriormente, o Septo de Baelor corresponde ao local de culto de seus fiéis, que é regido pelo Alto Septão – figura de liderança. Seus sacerdotes são chamados de septões e septãs e a Fé Militante representa o exército desta religião, que já causou grandes problemas à nobreza e ao próprio rei.

Como forma de demonstrar esta relação bastante instável entre clero e nobreza, pode-se citar a aliança que Cersei Lannister fez com o Alto Septão, que causou graves consequências para a rainha e para sua família.

Ao conceder maiores poderes a Fé, Cersei acaba aprisionada pelo Alto Pardal, com o intuito de fazê-la confessar e se redimir de seus pecados. Não só ela, como Margaery e Loras Tyrell, acabaram tornando-se prisioneiros. E Tommen Baratheon – o filho mais novo de Cersei e rei de Westeros – não consegue tomar nenhuma atitude que livre sua família deste confinamento. A Fé Militante e o Alto Pardal obrigam Cersei a fazer uma caminhada de penitência, como forma de pagar por seus pecados. Ela foi humilhada em frente a toda a cidade de Porto Real, em seu caminho que se iniciou no Septo de Baelor e terminou nos portões da Fortaleza Vermelha.¹⁰⁰ Com isso, Cersei passa toda a sexta temporada da série planejando formas de se vingar do Alto Pardal e de seus seguidores. E como visto anteriormente também, no último episódio televisionado, a rainha explode o Septo

¹⁰⁰ MOTHER'S Mercy. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2015. 55 min, color. Episódio da quinta temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 14 jun. 2015.

de Baelor com fogovivo¹⁰¹, matando milhares, incluindo o Alto Pardal, a Fé Militante e os descendentes da família Tyrell.¹⁰²

A Fé dos Sete é a religião mais mencionada e vivenciada no cotidiano de Westeros. A série evidencia seus pilares e embates com a sociedade, como o descrito acima. Entretanto, nem mesmo as atitudes radicais do Alto Septão e de Cersei Lannister ultrapassam as praticadas pelos seguidores do Deus Vermelho.

A última crença a ser explicada corresponde aos sacerdotes de R'hllor, comumente conhecido como o Senhor da Luz. Esta religião não é baseada somente em costumes e orações. Nela há a inserção de magia e de ressurreição de pessoas, sem esquecer os estranhos rituais de sacrifício que seus sacerdotes dizem ser demandados pelo Deus Vermelho. Na série, sua presença se dá na personagem Melisandre – sacerdotisa vermelha – que segue Stannis Baratheon em sua empreitada na busca pela conquista do Trono de Ferro.

Melisandre aconselha Stannis nas ações que devem ser tomadas para que seu objetivo seja alcançado. Normalmente, a sacerdotisa justifica suas opiniões pelo fato de ter “visto nas chamas” o que o Deus Vermelho quer que seja feito. A religião baseia-se numa visão dualista do mundo. De um lado, R'hllor, o deus da luz, e do outro o deus do gelo e da morte, o Grande Outro. Acreditam que está luta só acabará quando Azor Ahai reencarnar e, empunhando a espada Luminífera, despertar os "dragões de pedra". Para os seguidores do Senhor da Luz, esta história torna-se a base de todas as suas ações. Para o resto das pessoas, não passa de uma lenda (JACOBY, 2012, p. 160).

A sacerdotisa vermelha acreditava que Stannis era Azor Ahai, e em um dos episódios mais impactantes da série, sacrificou a filha de seu rei – queimando-a viva em uma grande pira, em frente aos seus pais e exército – como forma de conseguir bençãos de R'hllor para que sua jornada pudesse continuar. Os planos de Melisandre e Stannis não lograram resultados. No final o rei acabou morto em

¹⁰¹ Líquido volátil e bastante destrutivo. Na série, apresenta-se na cor verde. Uma pequena quantidade tem grande capacidade de destruição.

¹⁰² THE Winds of Winter. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2016. 55 min, color. Episódio da sexta temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 26 jun. 2016.

combate e a sacerdotisa fugiu, procurando abrigo na Muralha.¹⁰³ A partir daí, a crença no Deus Vermelho torna-se importante em um momento que Melisandre se torna uma personagem bastante ambígua.

Após os eventos descritos anteriormente, Jon Snow é assassinado por seus companheiros de Patrulha, pelo fato de não concordarem com as atitudes do Lorde Comandante – cargo ocupado por Jon.¹⁰⁴ Na sequência de eventos, Melisandre tenta ressuscitar Jon Snow – algo que nunca havia feito antes – e para surpresa de todos, obtém êxito. Jon retorna à vida e se vinga daqueles que se voltaram contra ele.¹⁰⁵

São atitudes como esta que não tratam com clareza a índole da personagem, ou até mesmo de seus métodos como sacerdotisa do Senhor da Luz. Indo além, não se sabe se as histórias contadas por estes sacerdotes são verdadeiras. Se realmente existem Azor Ahai, Luminífera e Dragões de Pedra. E também não se conhece a fonte deste “poder mágico” concedido aos sacerdotes. Mas o grande mistério que gira em torno desta crença é sobre sua veracidade. Se há a existência de magia, por que a história contada não seria verdadeira? E quem seria Azor Ahai, o grande protetor dos Sete Reinos? Estas perguntas provocam tanto os telespectadores da série, como os leitores dos livros de George R. R. Martin. E ainda permanecem sem respostas.

Retornando ao cerne das discussões, percebe-se com a breve descrição feita sobre o sistema de crenças em Westeros, que a dinâmica nos Sete Reinos depende grandemente da fé dos homens. A religião é tida como um dos principais fatores que norteiam o comportamento dos indivíduos.

Sim, há a busca pelo poder, hegemonia, segurança e sobrevivência acima de tudo. Mas a religião interfere de forma extrema neste cenário, assim como as atitudes dos personagens tornam-se extremas. A influência que sofrem é direta,

¹⁰³ THE Dance of Dragons. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2015. 55 min, color. Episódio da quinta temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 7 jun. 2015.

¹⁰⁴ MOTHER'S Mercy. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2015. 55 min, color. Episódio da quinta temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 14 jun. 2015.

¹⁰⁵ HOME. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2016. 55 min, color. Episódio da sexta temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 1 maio 2016.

religiosos fervorosos ou não, sempre haverá algo em seu comportamento guiado pela fé.

Jon Snow ora pelos Deuses Antigos, assim como sua família. Mas foi ressuscitado pelo Deus Vermelho. Isso quer dizer que a fé nos Deuses Antigos é inválida e que R'hllor deve prevalecer? Ou que simplesmente há verdade em todas as crenças? Assim como no mundo atual, a definição dos limites clérigos é bastante árdua. Entretanto, no final, deve-se evidenciar o seu significado para a sociedade e para a dinâmica desta, sem questionar sua hierarquização, mas sim seu grau de influência sobre os indivíduos.

4.4 MORAL VERSUS DISPUTA PELO PODER

Sucintamente, pouco se faz o uso de princípios morais no cenário westerosi. Sempre irá prevalecer a busca pelo poder. Aqueles que não condizem com esta realidade, são facilmente descartados do jogo. E o maior exemplo desta afirmação é Eddard Stark e o fim que foi dado ao personagem.

Baseando-se em explicações teóricas sobre moral e ética, pode-se entender as seguintes premissas:

De acordo com a ética da virtude, uma pessoa verdadeiramente virtuosa é uma pessoa verdadeiramente boa. O tipo de traço de caráter que conta como virtude não é fácil de determinar, mas geralmente a virtude é pensada como inclinação a fazer algo. [...] Uma pessoa honesta, por exemplo, não só faz atos honestos como também leva em conta tanto os atos honestos quanto as opções possíveis. [...] A ética da virtude se preocupa principalmente com o bom caráter do agente, e não com a bondade de suas ações (JACOBY, 2012, p. 93).

Em *Game of Thrones* há muito tempo não se vê um indivíduo que tenha traços virtuosos. Até mesmo Eddard Stark, minutos antes de ser morto, rendeu-se às mentiras para tentar salvar sua família e a si mesmo.

“Eu sou Eddard Stark. Lorde de Winterfell. E a Mão do Rei. Venho diante de vocês confessar minha traição, à vista dos deuses e dos homens. Traí a confiança de meu rei e de meu amigo Robert. Jurei proteger e defender seus filhos, mas antes que seu sangue resfriasse, espirei para assassinar seu filho, e tomar o trono para mim. Que o Alto Septão e Baelor, O Abençoado, testemunhem o que digo. Joffrey Baratheon é o herdeiro

legítimo ao Trono de Ferro, pela graça de todos os deuses. Senhor dos Sete Reinos e Protetor do Reino” (GAME OF THRONES, 2011, episódio 9, minuto 51).

Fica claro que, em prol da sobrevivência e segurança, as ações são tomadas de forma desesperada, ignorando princípios morais. Mas o que isso significa para a consolidação do poder?

Como já foi comprovado, a série gira em torno de métodos desonrosos para a garantia do poder e sua maximização. E o embate de ideais se dá, constantemente, entre Starks e Lannisters.

Cersei é o grande pilar imoral da família do Rochedo. Toda ordem que emana da rainha, não leva em consideração o que é realmente certo, mas sim o que é favorável a ela e a seus filhos. Em um dos diálogos com Petyr Baelish, sua tática ofensiva é evidenciada.

“– Mas famílias proeminentes esquecem uma simples verdade, eu percebi”.
“ – E qual verdade é essa?”. “– Conhecimento é poder”. “– Prendam-no. Cortem a garganta dele. Parem. Esperem. Mudei de ideia. Libertem-no. Deem três passos para trás. Virem-se. Fechem os olhos. Poder é poder” (GAME OF THRONES, 2012, episódio 1, minuto 38).

Para a personagem, o simples fato de estar acima de outras pessoas, por ser rainha, significa possuir o poder. O que, mais adiante na série, mostra-se uma visão errônea da dinâmica de Westeros. “Se é verdade que Cersei tende a se livrar de pessoas “inconvenientes” para seus planos mandando matá-las, então ela, obviamente, não é uma pessoa virtuosa” (JACOBY, 2012, p. 98). Estas ações de Cersei não são somente utilizadas para garantir o poder, mas também sua segurança.

Em um dos episódios, a frota de Stannis Baratheon ataca Porto Real e, durante o embate, mulheres e crianças escondem-se em uma sala secreta da Fortaleza Vermelha. Lá, em uma conversa com Sansa, Cersei revela o que pretende fazer caso a guerra seja perdida.

“– E se a cidade cair?”. “– Você gostaria disso, não? A Fortaleza Vermelha deverá aguentar um tempo, o suficiente para que eu vá ao muro e me renda ao lorde Stannis pessoalmente. Se fosse outro fora destes portões, eu poderia pedir uma audiência particular, mas é Stannis Baratheon. Eu teria

mais chance de seduzir o cavalo dele. Eu a choquei, pombinha? Lágrimas não são a única arma de uma mulher. A melhor arma fica entre as suas pernas. Aprenda a usá-las. ” (GAME OF THRONES, 2012 episódio 9, minuto 29).

Essa dualidade entre moral e poder rege o comportamento dos indivíduos. Para eles é impossível entrar em uma guerra e defender sua parcela de poder neste cenário, priorizando atos idôneos no decorrer dos acontecimentos. Jon Snow é outro exemplo que evidencia a impossibilidade de junção destes dois fatores. Ao permitir que os Selvagens se abrigassem dentro do Castelo Negro, o Lorde Comandante age contra a vontade de grande parte de seus irmãos patrulheiros. Para ele, o correto era defender e proteger seus colegas vindos do Norte, mas isso não condizia com os ideais da Patrulha. Por isso, foi morto a facadas pelos guardas e tido como traidor.¹⁰⁶

Nas Crônicas de Gelo e Fogo, George R. R. Martin nos apresenta a um mundo repleto de assassinatos, brutalidades e morte, um mundo aparentemente cheio de insanidade. Num momento ou outro da saga, mais de uma dúzia de personagens importantes têm a sanidade questionada [...] (JACOBY, 2012, p. 246).

Esta insanidade marca a grande maioria dos personagens. Muitos deles, como Joffrey Baratheon e Walder Frey se divertem com o sofrimento alheio e não sentem remorso em empregar meios hostis para alcançarem seus objetivos. Em meio às guerras, o importante é seu status, poder e posses. O que acontece a terceiros não faz diferença. Saindo um pouco da linha de pensamento deste trabalho e valendo-se das premissas kantianas, em *Game of Thrones* é inexistente o conceito do Imperativo Prático. Segundo Kant (2004, p. 69), este é definido como o fato de agir “de tal maneira que uses a humanidade tanto em tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim, e nunca como meio”.

Em Westeros, todas as pessoas são meios umas para as outras. É difícil encontrar aliados nos quais se pode confiar. E mesmo que aliados sejam encontrados, esta parceria pode ser alterada rapidamente dependendo dos interesses particulares de uma das partes. Este fato, relacionado às medidas de

¹⁰⁶ MOTHER'S Mercy. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2015. 55 min, color. Episódio da quinta temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 14 jun. 2015.

segurança, pode se estabelecer como a teoria já citada de John Herz a respeito do “dilema de segurança”. Esta alteração de configuração é efetivada nas ações dos reinos em se protegerem cada vez mais pela incerteza que têm em relação uns aos outros. E isso traz como consequência uma maior situação de insegurança.

Mais uma vez falando sobre o Casamento Vermelho, pode-se dizer que este foi o maior ato de traição da série. Algo inesperado – pelo menos para aqueles que não leram os livros – que configurou uma das maiores reviravoltas na trama. Robb Stark teve sua causa traída pelos Boltons, que se aliaram aos Lannisters, e foi assassinado junto de sua mãe e esposa, como forma de parar seu avanço contra a família real.¹⁰⁷

É evidente que não há limites quando se tratar de proteger seus interesses e maximizar seu poder ou área de influência. Estas famílias, mesmo tornando-se parceiras em desenvolver suas capacidades, não se preocupam com a outra parte. Isso é algo que se visualiza até mesmo na atual dinâmica internacional, onde há a formação de coalizões que permitem o avanço de vários Estados, mas que também não significam que estes se importam uns com os outros.

E voltando às premissas ofensivas realistas, percebe-se que estas se apresentam no cenário westerosi e na dinâmica entre os reinos. Todos eles possuem alguma capacidade militar e tendem a usá-la. São estratégicos (racionais) e são guiados por sua sobrevivência. E por fim, são atores que nunca têm certeza das intenções dos demais, fator que agrava ainda mais o contexto no qual Westeros está inserido. São características que reafirmam o embasamento deste trabalho, ao unir *Game of Thrones* com a teoria de Mearsheimer.

¹⁰⁷ THE RAINS of Castamere. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2013. 55 min, color. Episódio da terceira temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 2 jun. 2013.

5 GAME OF THRONES E OS TIPOS DE PODER

Todos os aspectos analisados até o momento, foram explanados de forma geral. Isso foi feito para compreender o cenário e sociedade de Westeros como um todo, sendo necessária a familiarização com suas características para captar o contexto teórico em que a série se encaixa.

Adiante, serão elencados fatos específicos que determinam e exemplificam as diferentes relações de poder existentes neste universo. Analisá-los de forma mais próxima, faz com que sua interpretação perante as premissas realistas seja facilitada. Por isso, três tópicos específicos auxiliarão neste sentido. Primeiramente, a atuação diplomática da família Tyrell será analisada, seguida da compreensão das ações de Tyrion Lannister e suas astutas estratégias. Por fim, o continente westerosi entrará mais uma vez em discussão para que outros exemplos de atitudes hostis se tornem formas de exemplificar o *hard power* inserido neste cenário.

5.1 O SOFT POWER DOS TYRELL

A família Tyrell está entre as Grandes Casas dos Sete Reinos. Seu reino situa-se na Campina, ao Sul de Westeros, território denominado Jardim de Cima. E seu poder reside nas riquezas da família, assim como em seu exército – que corresponde à maior força militar entre todas as Casas.

Na série, o envolvimento desta família inicia-se na segunda temporada, quando Catelyn Stark, após ter seu esposo morto pelos Lannisters, procura aliados para a guerra que se instaura. Com isso, vai até Renly Baratheon que, ao invés de ajudar Lady Catelyn, proclama-se rei. E sua campanha tem total apoio dos Tyrell, que trouxeram até mesmo seus vassalos para servir à causa de Renly.¹⁰⁸

A atuação desta família configura-se como *soft power* pois, em todo o momento sua intenção é servir aqueles que estão no poder e fazer alianças para garantir sua sobrevivência. Suas atitudes são pautadas em diálogos concisos e certa adulação

¹⁰⁸ WHAT is Dead May Never Die. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2012. 55 min, color. Episódio da segunda temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 15 abr. 2012.

por parte de alguns de seus integrantes, representando as vias diplomáticas das relações de poder.

Sua análise deve ser iniciada pelo líder desta Casa, Mace Tyrell. O Senhor do Jardim de Cima nunca foi considerado um grande estrategista. Sua atuação baseia-se na bajulação e na troca de favores, podendo mudar de posicionamento se isto significar um aumento de seu poder e influência. No início, como supracitado, Mace apoiou a candidatura de Renly Baratheon ao Trono de Ferro. Durante a Guerra dos Cinco Reis¹⁰⁹, seus recursos foram empregados na defesa desta causa. O que não o livrava de nenhum ganho, já que em troca destes favores, sua filha Margaery teve que se casar com Renly – como forma de garantir prestígio à família Tyrell.¹¹⁰ Entretanto, esta aliança teve fim com a morte de seu rei. E após o assassinato de Renly, os Tyrell unem suas forças com a família Lannister, no sentido de continuarem obtendo ganhos desta disputa, já que seus recursos eram essenciais para aqueles que procuravam garantir a vitória nesta guerra.

Mais uma vez, na tentativa de manter o status de sua Casa, após a Batalha de Blackwater – que será explorada mais adiante –, Mace subordina-se ao Rei Joffrey e promete ajudá-lo na manutenção de seu reinado. E novamente, sua filha é prometida em casamento ao Rei, em troca dos favores que prestará à Coroa. Neste contexto, Mace é recompensado com um lugar no Pequeno Conselho, representando a influência Tyrell na atuação da nobreza.¹¹¹ No desenvolvimento da trama, com a morte de Joffrey, os Tyrell se mantêm ao lado dos Lannisters, mesmo quando Tommen assume o poder. Margaery finalmente torna-se rainha e faz com que sua família esteja diretamente relacionada aos acontecimentos em Porto Real.¹¹²

¹⁰⁹ Um grande conflito, travado em diversas frentes de batalha nos Sete Reinos. Como o nome indica, cinco reis foram coroados durante a guerra: Joffrey Baratheon, Stannis Baratheon e Renly Baratheon que reivindicavam o Trono de Ferro; e os separatistas Robb Stark e Balon Greyjoy sendo proclamados, respectivamente, Rei do Norte e Rei das Ilhas de Ferro, ambos com intenção de emancipar suas terras da suserania do Trono de Ferro.

¹¹⁰ WHAT is Dead May Never Die. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2012. 55 min, color. Episódio da segunda temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 15 abr. 2012.

¹¹¹ VALAR Morghulis. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2012. 55 min, color. Episódio da segunda temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 3 jun. 2012.

¹¹² HIGH Sparrow. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2015. 55 min, color. Episódio da quinta temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 26 abr. 2015.

A atuação de Mace pode ser entendida como uma tentativa de usar seus recursos para aumentar o interesse de terceiros sobre uma aliança com sua Casa. E, ao oferecer estes recursos, consegue recompensas que favoreçam sua situação. Não é uma estratégia ardilosa, mas eficiente até determinado momento.

Outro membro da família que difere de Mace por ter uma atitude mais agressiva é sua mãe, Lady Olenna. A Rainha dos Espinhos é inserida na trama a partir da terceira temporada, e logo em sua primeira aparição mostrou quais eram suas intenções. Em um diálogo com Sansa Stark e Margaery, fez questionamentos sobre o que ocorria na Fortaleza Vermelha.

Olenna: “– Agora, me diga a verdade sobre este garoto real, Joffrey”. Sansa: “– Eu... Eu...”. Olenna: “– Você... Você... Quem mais saberia melhor? Nós ouvimos sobre algumas histórias problemáticas. Há alguma verdade nelas? Este garoto maltratou você, ele arrancou sua língua? ”. Sansa: “– Joff... Rei Joffrey, Sua Graça é bastante justo e bonito e é corajoso com um leão”. Olenna: “– Sim, todos os Lannisters são leões. Mas quão gentil ele é? Quão inteligente? Ele tem bom coração? ”. Margaery: “– Eu serei a esposa dele. Só quero saber o que isto significa”. (GAME OF THRONES, 2013, episódio 2, minuto 17).

Neste momento, as Tyrell tentam se aproximar de Sansa, demonstrando certa preocupação com a jovem. Entretanto, o que importa realmente é o futuro que Margaery terá ao lado de Joffrey.

Olenna: “- Você está com medo, criança? Não precisa ter. Estamos entre mulheres aqui. Diga-nos a verdade. Você não será prejudicada”. Sansa: “ – Meu pai sempre disse a verdade”. Olenna: “ – Sim, ele tinha esta reputação. Mas nomearam ele como traidor e tiraram sua cabeça”. Sansa: “ – Joffrey. Joffrey fez isso. Ele me prometeu que seria misericórdia. Ele me levou até aos muros e me fez olhar para aquilo”. Margaery: “ – Continue”. Sansa: “ – Eu não posso... Eu nunca quis dizer isso... Meu pai era um traidor, assim como meu irmão. Eu tenho sangue de traidores. Por favor, não me façam dizer...”. Margaery: “ – Ela está aterrorizada, avó”. Olenna: “ – Fale livremente, criança. Nós nunca iremos trair sua confiança. Eu juro”. Sansa: “ – Ele é um monstro”. Olenna: “ – Isso é ótimo”. Sansa: “ – Por favor, não parem o casamento”. Olenna: “ – Não tenha medo. O Senhor do Jardim de Cima está determinado em tornar Margaery rainha. Mas ainda sim agradecemos pela verdade” (GAME OF THRONES, 2013, episódio 2, minuto 18).

Desde o início, Olenna se mostra bastante persuasiva e insistente. Suas disputas são ganhas pelos argumentos que tem, enfrentando até mesmo Cersei

Lannister por diversas vezes. A matriarca da família Tyrell demonstra sua preocupação somente com o bem-estar de seu filho e netos, e não teme nem mesmo a família real.

A sequência de acontecimentos mostra estas características de Olenna. Por temer pelo futuro de sua neta, a Rainha dos Espinhos planeja a morte de Joffrey Baratheon, junto de Petyr Baelish. Durante as festividades do casamento do Rei com Margaery, o copo de vinho de Joffrey é envenenado, matando o rapaz.¹¹³ Após isso, Tommen, irmão mais novo de Joffrey torna-se rei, livrando Margaery de sofrer qualquer abuso.

Olenna chega a confessar sua participação na morte do rapaz para sua neta.

“ – Para sua sorte, a Rainha Regente está distraída no momento de luto pelo seu querido filho, acusando seu irmão de ter cometido o assassinato, mesmo ele não tendo o cometido”. “ – Mas ele poderia ter feito isso”. “ – Ele poderia, mas não fez”. “ – Você não sabe disso”. “ – Mas eu sei. Você não achou que eu deixaria você casar com aquele monstro, achou? ”. “ – O que? Eu não entendo...”. “ – Não se preocupe com nada disso. Só faça o que é preciso ser feito” (GAME OF THRONES, 2014, episódio 4, minuto 19).

Dados os fatos, evidencia-se que esta personagem tem uma participação mais ativa nesta dinâmica. Ainda que sua atitude tenha sido assassinar o jovem rei, a forma como se deu a ação foi ardilosa, sem criar uma guerra para alcançar seu objetivo final. Ela colheu informações sobre Joffrey em uma reunião com Sansa e planejou a morte de forma ainda mais discreta, não deixando nenhuma prova de seu envolvimento.

As ações de Olenna assemelham-se ao *soft power* por esta personagem ser capaz de persuadir terceiros, por meio do diálogo, para que estejam do mesmo lado que ela. Ela adota estratégias sutis que passam despercebidas aos olhos daqueles que estão no centro das disputas de poder. E isso, muitas vezes, é mais vantajoso que qualquer ação ou estratégia de cunho agressivo.

Por fim, o membro da família Tyrell que exerceu maior influência sobre o contexto apresentado na série foi Margaery. E ela aceitou se casar com três diferentes reis, para se tornar rainha. Casou-se com Renly, mesmo sendo uma farsa

¹¹³ THE Lion and The Rose. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2014. 55 min, color. Episódio da quarta temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 13 abr. 2014.

– já que o Baratheon estava envolvido com Loras Tyrell, irmão de Margaery -, e até mesmo com Joffrey, que já havia sido descrito como um rapaz problemático. O único casamento no qual conseguiu exercer suas habilidades, foi com Tommen Baratheon.

Antes de se tornar rainha, Margaery procurou ganhar o apoio da população de Porto Real, assim que chegou à cidade. Ela distribuiu comida aos famintos e visitou um orfanato como forma de demonstrar apreço pelos mais necessitados – que não era verdadeiro.¹¹⁴ Sua estratégia era criar uma máscara e construir uma pessoa que fosse amada por todos, mesmo que ela não fosse nada do que aparentava.

Após o casamento com Tommen, começou a jogar seu esposo contra sua mãe, Cersei, para que ela perdesse o poder de influência que tinha sobre o garoto, fazendo com que Tommen atuasse de forma a favorecer somente à ela.

Porém, quando Cersei faz uma aliança com o Alto Parda, a Fé Militante ganha força na cidade, e a Lannister denuncia Margaery e seu irmão – que acabaram aprisionados pelos septões e septãs – para que não tivesse mais que se preocupar com sua presença. Contudo, mesmo tendo seus pecados revelados, Margaery continuou com sua estratégia. Assumiu seus erros e mostrou-se arrependida. Além disso, deixava clara a sua vontade de se redimir pelos erros cometidos. Entretanto, não havia arrependimento. E sua encenação era parte de seu plano para ganhar a confiança do Alto Parda, com o intuito de ser sair ilesa da prisão.

“ – Por anos eu fingi amar os pobres, os aflitos. Eu tenho pena, mas eu nunca os amei. Eu tenho nojo deles”. “ – Eles são difíceis de amar. Temos nojo dos pobres porque eles nos mostram uma ilusão. Eles nos mostram como ficamos sem nossas boas roupas, ou como cheiramos sem perfume. Posso te fazer uma pergunta pessoal? “. “ – Claro”. “ – O Rei mencionou que desde que vocês se reuniram, você não se juntou a ele na cama”. “ – Não”. “ – Você tem um dever, Sua Graça. Com seu esposo, com seu Rei, com o país e com os Deuses”. “ – É que o desejo que antes me guiava, não existe mais”. “ – O casamento não requer o desejo pela parte da mulher, somente paciência. O Rei deve ter um herdeiro, se vamos continuar com nosso bom trabalho”. “ – Me dê algum tempo” (GAME OF THRONES, 2016, episódio 7, minuto 9).

¹¹⁴ VALAR Dohaeris. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2013. 55 min, color. Episódio da terceira temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 31 mar. 2013.

Margaery é, em *Game of Thrones*, o sinônimo do poder de persuasão. É agradável com todos e se mostra prestativa e preocupada com tudo ao seu redor. Consegue influenciar facilmente as pessoas e também atua de forma ardilosa. Contudo, toda a atuação e esforços dos Tyrell foram paralisados. Na trama, a única pessoa que não foi convencida pela adulação da família do Jardim de Cima foi Cersei Lannister. E ela foi quem, no final, ganhou a disputa. Como já citado, os descendentes desta Casa morreram na explosão do Septo de Baelor, colocando fim a qualquer avanço dos senhores da Campina.

5.2 O SMART POWER DE TYRION LANNISTER

Um dos personagens que mais se desenvolveram durante toda a série foi Tyrion Lannister. Mesmo não havendo um personagem principal na trama – somente coadjuvantes –, muitos o consideram como o centro dos eventos que ocorrem nesta história.

Tyrion é o filho mais novo de Tywin Lannister, tendo Jaime e Cersei como irmãos. Seu relacionamento com o irmão é bastante tranquilo, mas com Cersei não é tão saudável. A Rainha o culpa pela morte de sua mãe – que morreu no parto de Tyrion – e nunca demonstrou confiança no irmão, tendo aversão à sua aparência e personalidade. Por ser um anão, Tyrion é satirizado por sua deformidade, inclusive pelo próprio pai. E mesmo depois de adulto, sofreu com estas rejeições.

Independente de todos os infortúnios, Tyrion é incrivelmente perspicaz e calculista. Um dos melhores estrategistas de *Game of Thrones*, se não o melhor. Durante sua trajetória, por várias vezes, surgiram problemas que uma pessoa comum não saberia solucionar a questão. E mesmo depois destas provações, Tyrion ocupa lugar de destaque na trama, partilhando de suas estratégias e inteligência com aqueles que considera como seus aliados.

No início da série, este personagem é introduzido mostrando sua preferência sobre meios astutos de se resolverem conflitos. Para ele, a importância da instrução das pessoas é muito maior do que a do treinamento para combate. E em um dos poucos diálogos com Jon Snow, suas prioridades são evidenciadas.

“ – Por que lê tanto? ”. “ – Olhe para mim e diga o que vê”. “ – É um truque? ”. “ – O que você vê é um anão. Se eu tivesse nascido um camponês, poderiam ter me deixado na floresta para morrer. Infelizmente, eu nasci um Lannister do Rochedo Casterly. As coisas são esperadas de mim. Meu pai foi Mão do Rei por vinte anos” “ – Até que seu irmão matou aquele rei”. “ – Sim, até meu irmão matá-lo. A vida é cheia dessas pequenas ironias. Minha irmã casou-se com o novo rei, e meu repulsivo sobrinho será rei depois dele. Devo fazer a minha parte para honrar a minha casa. Você não concorda? Mas como? Bem, meu irmão tem uma espada e eu tenho minha mente. E a mente precisa de livros como uma espada precisa de pedras para afiar. É por isso que eu leio tanto, Jon Snow” (GAME OF THRONES, 2011, episódio 2, minuto 26).

Devido às suas limitações físicas, Tyrion aprendeu a participar desta dinâmica utilizando seu conhecimento. E como sua atuação é pautada na criação de estratégias eficientes e combinação de recursos, sem se preocupar com a maximização de poder ou com a conquista da hegemonia, pode-se dizer que é um comportamento baseado no *smart power*.

Quando Rei Robert morreu e seu filho, Joffrey, assumiu o Trono, Tyrion foi nomeado por seu pai a nova Mão do Rei – no lugar do também falecido Eddard Stark. Neste momento, o personagem iniciou de fato um papel ativo no contexto da guerra dos tronos.

Como forma de descobrir qual dos conselheiros do rei estava passando informações sobre as reuniões do Pequeno Conselho à Cersei, Tyrion disseminou planos diferente de casamento para sua sobrinha, Myrcella. Ele conversou sobre o assunto com Pycelle, Varys e Petyr Baelish. E quando Cersei foi confrontá-lo, soube que Pycelle era o informante, já que o que havia falado ao Grande Mestre foi o que chegou aos ouvidos de sua irmã.¹¹⁵

“ – Há quanto tempo você tem espionado para minha irmã? ”. “ – Tudo o que fiz, foi feito para a Casa Lannister. O senhor seu pai sempre me pediu isso. Eu sempre servi desde os dias do Rei Louco”. “ – Eu não gosto da barba dele”. “ – O que? Não! Não! ”. “ – Quantas Mãos você traiu, Pycelle? Ned Stark? Jon Arryn? ”. “ – Não! Ele sabia. Ele sabia a verdade sobre a Rainha e a maneira que era planejava agir para enganar o Rei Robert”. “ – Então você o envenenou? ”. “ – Não! Nunca! ”. “ – Então você deixou ele morrer, fez com quem ele não se recuperasse”. “ – Eu sempre servi os

¹¹⁵ WHAT is Dead May Never Die. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2012. 55 min, color. Episódio da segunda temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 15 abr. 2012.

Lannisters! ”. “ – Tire-o da minha frente! Jogue-o em uma das celas” (GAME OF THRONES, 2012, episódio 3, minuto 39).

De forma astuta, Tyrion eliminou a ameaça presente no Pequeno Conselho, podendo atuar livremente como Mão do Rei, sem que sua irmã soubesse de seus planos. E a forma como se deu isso demonstra ainda mais a perspicácia do anão, em lidar com as adversidades impostas ao seu cargo.

Ainda se tratando de sua irmã, Tyrion mostrou-se bem mais inteligente que Cersei na arte de governar. A Rainha Regente não se preocupava com as adversidades vindas da população, achando que problemas de cunho social não abalariam sua posição ou poder. Entretanto, Tyrion tinha uma visão muito diferente disto.

“- Ouça-me, Rainha Regente, você está perdendo o povo. Você está me ouvindo? ”. “ – O povo? Você acha que eu me importo? ”. “- Você pode achar difícil governar milhões de pessoas que querem você morta. Metade da cidade irá morrer de fome antes do inverno chegar. A outra metade vai conspirar para derrubar você. E seus capangas banhados de ouro só servirão para dar seu grito de guerra” (GAME OF THRONES, 2012, episódio 2, minuto 43).

De fato, Tyrion estava ciente da necessidade de ter o apoio do povo para que um governo obtivesse êxito em sua atuação. Apesar de serem reis e rainhas, se não houver o apoio ou submissão da população, nenhum reinado se mantém, e facilmente chega ao seu fim. Tyrion sabia disso, ao contrário da irmã. E enquanto Mão do Rei, trabalhou para garantir o bem-estar de ambos os lados, mesmo não simpatizando com os governantes ou com o povo, já que não sabia em quem podia confiar.

Ainda neste cargo, foi dado a Tyrion o trabalho de coordenar a Batalha de Blackwater, contra o exército de Stannis Baratheon. Neste conflito, Stannis tentou invadir Porto Real por vias marítimas, para tentar tomar o Trono de Ferro para si. Porém, Tyrion havia preparado um recurso com o qual nenhum dos lados do conflito contavam. O anão fez uso do fogo-vivo para eliminar toda a frota Baratheon em um único ataque, tentando evitar a necessidade de um combate mais violento,

garantindo a vitória do exército Lannister.¹¹⁶ O ataque foi liderado por Tyrion, já que seu sobrinho, o rei, não foi corajoso o suficiente para permanecer no campo de batalha.

“ – Não lutem pelo seu Rei. Não lutem pelos seus reinos. Não lutem por honra, não lutem por glória, não lutem por riquezas, porque vocês não terão nada disso! Esta é a sua cidade e Stannis é a razão de seus portões estarem caindo. É sua casa que ele queima. Seu ouro que ele rouba. Suas mulheres que ele irá estuprar. Há homens corajosos batendo em nossa porta. Vamos matá-los! ” (GAME OF THRONES, 2012, episódio 9, minuto 43).

Tyrion não tinha nenhuma experiência em guerras. Além disso, não possuía condições de estar presente em um combate corpo a corpo. Ainda assim, após o Rei ter deixado seu exército sem um líder, Tyrion foi capaz de dar aos combatentes um motivo para lutar. Por meio da oratória e da persuasão, convenceu vários homens a lutarem ao seu lado. E mesmo não sendo adepto de conflitos armados, solucionou o litígio por meio da utilização de um recurso, até então desconhecido – fogo-vivo –, além de motivar o exército a ganhar esta batalha.

Percebe-se então que neste episódio houve a combinação do poder de persuasão e do poder coercitivo – *soft e hard power* –, que seriam respectivamente a influência sobre os homens do rei e o fogo-vivo (recurso utilizado de forma hostil). Essa combinação de fatores, como visto anteriormente, configura a formação do *smart power*. Tyrion soube dosar ambos os elementos para alcançar um resultado eficaz.

No final, obteve êxito na batalha. Mas por ter sido gravemente ferido, durante o período que estava sob cuidados do Grande Mestre, teve seu cargo de Mão do Rei ocupado por seu pai, Tywin Lannister.¹¹⁷ Isso fez com que Tyrion perdesse grande parte do poder que tinha em Porto Real, principalmente no que diz respeito ao relacionamento com Cersei.

¹¹⁶ BLACKWATER. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2012. 55 min, color. Episódio da segunda temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 27 maio 2012.

¹¹⁷ VALAR Morghulis. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2012. 55 min, color. Episódio da segunda temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 3 jun. 2012.

Mais adiante, Tyrion passou por um dos piores desafios que teve de enfrentar. Quando o Rei Joffrey morreu em seu casamento, Cersei acusou seu irmão de ter cometido o assassinato, aprisionando-o e demandando sua morte.¹¹⁸ Tyrion exige que seu destino seja decidido por um julgamento por combate¹¹⁹, que acaba perdendo e sendo sentenciado à morte¹²⁰. Logo após estes eventos, seu irmão Jaime o ajuda a fugir de Porto Real, junto de Varys. Mas antes de ir, o anão mata sua amante – que testemunhou contra ele no julgamento – e seu pai que, em seus minutos finais, disse a Tyrion que ele nunca foi seu filho.¹²¹

Após esta reviravolta na vida do Lannister, seus caminhos se direcionam para um lugar muito distante de Porto Real. Com Varys ao seu lado, Tyrion toma conhecimento da existência de Daenerys Targaryen. A partir daí o anão vai ao encontro da Mãe dos Dragões, para oferecer apoio à sua causa, culminando em uma das alianças mais esperadas em *Game of Thrones*.

“ – A pessoa mais bem informada que conheço me disse que esta garota sem terras, riqueza ou exército tinha adquirido, de alguma forma, todos os três em um curto período de tempo, juntamente com seus três dragões. Pensei que ela fosse a melhor última chance de construir um mundo melhor. Pensei que você fosse tentar, no mínimo”. “ – E qual é o valor desta reunião? Por que eu deveria passar meu tempo o escutando? ”. “ – Porque você não pode construir um mundo melhor em seu próprio país. Você não tem como compreender a terra que quer governar. Os pontos fortes e fracos, as Casas com as quais se aliar ou não”. “ – Eu terei o exército muito grande, assim como três grandes dragões”. “ – Morte e política não costumam mais ser a mesma coisa. Quando fui Mão do Rei, e o fiz muito

¹¹⁸ THE Lion and The Rose. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2014. 55 min, color. Episódio da quarta temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 13 abr. 2014.

¹¹⁹ “ – Pai, eu quero confessar. Eu desejo confessar. Eu salvei vocês. Eu salvei essa cidade e todas as suas vidas inúteis. Devia ter deixado Stannis matar todos vocês. Sim, pai. Sou culpado. Culpado. É isso o que quer ouvir? ”. “ – Admite ter envenenado o Rei? ”. “ – Não, disso sou inocente. Sou culpado por um crime muito mais monstruoso. Sou culpado por ser um anão”. “ – Você não está sob julgamento por ser um anão”. “ – Sim, estou. Eu tenha estado sob julgamento por isso minha vida toda”. “ – Não tem nada a dizer em sua defesa? ”. “ – Nada além disso: Eu não o matei. Eu não matei Joffrey! Mas gostaria de ter matado. Ver seu bastardo morrer me deu mais alívio que mil putas mentirosas. Gostaria de ser o monstro que pensam que sou. Gostaria de ter veneno suficiente para todos vocês. Eu daria a minha vida com prazer para ver todos vocês o engolindo. Eu não darei minha vida pelo assassinato de Joffrey! E sei que não receberei justiça aqui. Então deixarei que os Deuses decidam meu destino. Eu exijo um julgamento por combate! ” (GAME OF THRONES, 2014, episódio 6, minuto 46).

¹²⁰ THE Mountain and The Viper. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2014. 55 min, color. Episódio da quarta temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 1 jun. 2014.

¹²¹ THE Children. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2014. 55 min, color. Episódio da quarta temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 15 jun. 2014.

bem considerando que o rei preferia torturar animais do que liderar seu povo, eu poderia fazer um trabalho ainda melhor com uma governante com o nome, se assim você quiser” (GAME OF THRONES, 2015, episódio 8, minuto 3).

Tyrion não se deixa intimidar nesta situação. Apesar de saber que está em desvantagem, utiliza de seu conhecimento para convencer Daenerys a aceitar seu apoio, o que deu um novo rumo para sua atuação na dinâmica westerosi.

Em Meereen – onde Daenerys estava alocada – Tyrion tem a árdua tarefa de comandar a cidade durante o período de ausência da Rainha. Em um evento nas arenas de Meereen, Daenerys monta em Drogon (um de seus dragões) e voa para longe, sem deixar rastros de seu paradeiro. Enquanto algumas pessoas vão à sua procura, Tyrion fica na cidade para tentar manter a ordem.

Com o caos instaurado em Astapor e Yunkai – cidades libertas por Daenerys antes de se instalar em Meereen –, os mestres de escravos voltam a ameaçar o reinado na região. Entretanto, com Tyrion no comando, um acordo é feito no intuito de amenizar as consequências da ausência da Rainha. Tyrion joga de ambos os lados, fazendo-se de amigo dos mestres escravagistas e dos homens livres. Mesmo não tendo apoio do Conselho da Rainha, a única opção seria a de agradar os dois lados, sem tomar algum partido no conflito, pelo menos até o retorno de Daenerys.¹²²

Além deste “acordo de paz”, Tyrion procura manter intacta a imagem de Daenerys, ao aliar-se com uma sacerdotisa vermelha, Kinvara. Neste caso, o Lannister usa dos discursos fanáticos da sacerdotisa para que a população acredite que a profecia do Príncipe Prometido, Azor Ahai – já explicada anteriormente – é sobre Daenerys, trazendo ela como a salvadora deste mundo. Quando foi explanada esta religião, a do Deus Vermelho, percebeu-se os perigos que ela traz consigo. E mesmo sabendo disso, Tyrion arriscou-se em criar esta parceria com Kinvara para acalmar a situação na cidade.¹²³

¹²² BOOK of The Stranger. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2016. 55 min, color. Episódio da sexta temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 15 maio 2016.

¹²³ THE Door. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2016. 55 min, color. Episódio da sexta temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 22 maio 2016.

Pouco tempo depois, Daenerys volta à Meereen, instaurando a paz de fato e colocando fim a rebeldia dos mestres de escravos. E em uma das últimas cenas televisionadas entre Tyrion e Daenerys, a Mãe dos Dragões o nomeia como Mão da Rainha, cargo pelo qual Tyrion tem grande apreço.¹²⁴

“ – Se ajuda em algo, eu sempre fui cínico. Todos me pedem para acreditar nas coisas. Na família, nos deuses, nos reis, em mim mesmo. Era tentador, até eu ver o que as crenças fazem com as pessoas. Então, disse não às crenças. Mas aqui estou eu. Acredito em você. É até embaraçoso... Eu juraria minha espada a você, mas não tenho uma”. “ – É dos seus conselhos que preciso”. “ – São seus para sempre”. “ – Ótimo. Eu mandei fazer algo para você. Não sei se está certo. Tyrion Lannister, eu o nomeio Mão da Rainha” (GAME OF THRONES, 2016, episódio 10, minuto 46).

Ainda não se sabe qual será o fim do personagem. Mas fica claro que depois de todos os seus feitos e de sua extrema perspicácia, ele terá um futuro brilhante, assim como sua mente. Para um universo onde predomina a guerra, Tyrion obteve muitos ganhos por meio de suas estratégias. E isto torna-se o diferencial do personagem.

5.3 O HARD POWER EM WESTEROS

Neste estudo, muito foi explorado acerca do comportamento agressivo dos atores em *Game of Thrones*. É inegável a crescente busca por poder e status e o predomínio dos interesses particulares. Além disso, as divergências entre os pensamentos dos membros das Grandes Casas dos Sete Reinos, tornam crescente a instabilidade no cenário que se apresenta.

Westeros é um continente bastante diversificado. Suas múltiplas crenças, costumes e ideais culminam nestes inúmeros embates entre as famílias apresentadas. E sua complexidade é facilmente percebida, podendo ser comparada com a diversidade que se presencia no mundo atual. O caos, a violência e a fragilidade são elementos fundamentais deste contexto, sendo que momentos de paz são praticamente utópicos.

¹²⁴ THE Winds of Winter. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2016. 55 min, color. Episódio da sexta temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 26 jun. 2016.

“ – O caos não é um abismo. O caos é uma escada. Muitos que tentam escalar falham e nunca podem tentar outra vez. A queda quebra-os. Outros têm a oportunidade de subir, mas se recusam. Eles se agarram ao reino, ou aos deuses, ou ao amor. Ilusões. Apenas a escalada é real. A escalada é tudo o que existe” (GAME OF THRONES, 2013, episódio 6, minuto 48).

Até mesmo a unificação destes reinos deu-se de forma agressiva. Quando os Targaryen, mais precisamente Aegon I, montado em seu dragão Balerion, decidiram sair da Antiga Valíria para conquistar Westeros, culminou a Guerra da Conquista. Com a ajuda de suas duas irmãs e três dragões, Aegon I conquistou seis dos Sete Reinos – a Casa Martell se submeteu ao poder Targaryen anos mais tarde. As famílias foram forçadas a ajoelhar-se e jurarem lealdade ou novo rei, tornando-se todos submissos ao governo de Aegon I.¹²⁵ Esta dinastia perdurou por anos, até a revolta de Robert Baratheon, que tomou o poder ao matar toda a família valiriana, inclusive seu rei – deixando vivos somente Daenerys e seu irmão, Viserys, que fugiram do exército Baratheon.¹²⁶

Até mesmo sua origem se deu de forma violenta. Não houve diálogo, somente a guerra. E esta instabilidade em meio às relações entre os reinos, moldou a atual situação de Westeros, onde cada uma das famílias luta por seus objetivos individuais.

Diversas batalhas já foram mencionadas, como a Batalha dos Bastardos, a Batalha de Blackwater, e situações ainda mais incompreensíveis, como o caso do Casamento Vermelho. Sem esquecer, claro, da explosão do Septo de Baelor por Cersei Lannister – que a livrou de problemas como a Fé Militante e a interferência Tyrell em seus planos –, culminando na morte de milhares apenas para atender os interesses próprios.

Todos estes exemplos trazem consigo a carga violenta na qual esta sociedade está alocada. E ainda sim, há outros acontecimentos bárbaros que podem ser usados para elucidar estas características.

¹²⁵ A VINDA de Aegon e a Guerra da Conquista. **Game of Thrones BR**, 2011. Disponível em: <<http://www.gameofthronesbr.com/2011/05/vinda-de-aegon-e-guerra-da-conquista.html>>. Acesso em 23 out. 2016.

¹²⁶ O REINADO de Robert Baratheon. **Game of Thrones BR**, 2010. Disponível em: <<http://www.gameofthronesbr.com/2010/10/o-reinado-de-robert-baratheon.html>>. Acesso em: 23 out. 2016.

Ramsay Bolton é um dos personagens que causam maior aversão no público. Além das atrocidades feitas com Sansa e de seu papel na Batalha dos Bastardos, Ramsay traiu a própria família para conseguir o que queria. No início da série, ele era somente um bastardo de Roose Bolton, sendo que seu sobrenome era Snow. Após a aliança entre Boltons e Lannisters, Roose conseguiu que o próprio Rei legitimasse seu filho, passando a chamar Ramsay Bolton e podendo assim, herdar qualquer posse de seu pai, inclusive ser seu sucessor no governo do Norte.

No decorrer da trama, seu pai se casa e tem um filho legítimo. E com medo de perder sua herança, Ramsay mata Roose Bolton a facadas e assassina sua madrasta e seu irmão recém-nascido.¹²⁷ Em nome do poder, algumas vezes, nem mesmo a família prevalece. Não há preocupação com o bem-estar do próximo, somente com o seu próprio.

Por outro lado, a família pode se tornar o motivo pelo qual há disputas neste meio. Na Casa Martell, quando Oberyne se ofereceu para ser o campeão de Tyrion Lannister e lutar em seu julgamento por combate, o príncipe dornês acabou não sobrevivendo.¹²⁸ Com isso, sua companheira, Ellaria Sand, buscava por vingança contra a família real. Entretanto o irmão de Oberyne e governante de Dorne, Doran Martell, não ousou enfrentar os Lannisters. No final, Ellaria assassina Doran e seu filho, para que Dorne ficasse sob seu comando, dando o poder à Ellaria de se vingar e fazer alianças em nome da família Martell.

Na série, a morte de Doran é repentina e, talvez, justificável, devido à sua inércia como governante.

“ – Você não conhece seu próprio povo. A repulsa dele por você. Elia Martell, estuprada e assassinada e você não fez nada. Oberyne Martell massacrado, e você não fez nada. Você não é um homem dornês. Você não é seu príncipe”. “ – Meu filho... Trystane”. “ – Seu filho é fraco, assim como você. E homens fracos não governaram Dorne novamente” (GAME OF THRONES, 2016, episódio 1, minuto 27).

¹²⁷ HOME. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2016. 55 min, color. Episódio da sexta temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 1 maio. 2016.

¹²⁸ THE Mountain and The Viper. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2014. 55 min, color. Episódio da quarta temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 1 jun. 2014.

E a partir disto, Ellaria cria uma estratégia para que sua vingança seja alcançada. Outra Casa que perdeu seus membros para as mãos dos Lannisters, foi a Casa Tyrell. A única sobrevivente, Lady Olenna, é convidada a Dorne para uma reunião com Ellaria e com isso, unem suas forças para apoiar a causa de Daenerys Targaryen e destruírem o poderio de Cersei Lannister.¹²⁹

“ – A última vez que um Tyrell veio a Dorne, ele foi assassinado por cem serpentes vermelhas, não é mesmo? ”. “ – Você não tem nada a temer de nós, Lady Olenna”. “ – Você matou seu próprio príncipe, mas espera que eu confie em você? ”. “ – Nós a convidamos a Dorne porque precisamos de sua ajuda. Os Lannisters declararam guerra contra a Casa Tyrell. Declararam guerra a Dorne. Devemos ser aliados se quisermos sobreviver”. “ – Cersei roubou o futuro de mim. Ela matou meu filho, meu neto e minha neta. Sobrevivência não é o que eu quero agora”. “ – Você está absolutamente certa. Eu escolhi as palavras erradas. Não é sobrevivência que eu ofereço, mas sim o desejo de seu coração”. “ – E qual é o desejo do meu coração? ”. “ – Vingança. Justiça” (GAME OF THRONES, 2016, episódio 10, minuto 38).

Nesta ocasião, Varys é apresentado à Rainha dos Espinhos. Com isso, uma grande aliança entre as três Casas é formada, possibilitando a ida de Daenerys para Porto Real.

Verifica-se também o poder que as mulheres exercem em Westeros. Cersei em Porto Real, Daenerys nas terras mais distantes de Westeros. Sansa durante sua estratégia na Batalha dos Bastardos e até mesmo Olenna e Ellaria, por serem capazes de tomarem iniciativas em busca seus objetivos.

Neste contexto, desde o início é notado o despontamento da Rainha dos Dragões no exercício do poder. Daenerys tem como único objetivo de tomar para si o que foi tirado de sua família, e em uma das passagens mais marcantes da série, explicita seus planos para os Sete Reinos, em um diálogo com Tyrion Lannister.

“ – Lannister, Targaryen, Baratheon, Stark, Tyrell. Todos eles são raios em uma roda. Uma hora um está por cima, em seguida, não está mais. E a roda gira, esmagando aqueles sobre o chão”. “ – É um belo sonho, parar a roda. Você não é a primeira a tentar fazer isto”. “ – Eu não vou parar a roda. Eu vou quebrar a roda” (GAME OF THRONES, 2015, episódio 8, minuto 24).

¹²⁹ THE Winds of Winter. IN.: GAME of Thrones. Produção de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin. Nova Iorque: HBO Inc; 2016. 55 min, color. Episódio da sexta temporada da série exibida pela HBO. Exibição em 26 jun. 2016.

Talvez, o futuro reservado para Westeros seja o fim do sistema monárquico, pois de todos os lados, há a intenção de se desvincular da submissão ao Trono de Ferro. Contudo, ainda que isso seja possível, para se alcançar este objetivo, muitos recursos agressivos e estratégias hostis serão empregadas. E isso permitirá a contínua análise por meio das premissas realistas deste contexto.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na observação feita em torno das premissas do Realismo Ofensivo, verifica-se que as afirmações de John Mearsheimer sobre a dinâmica internacional são verdadeiras, em sua maioria, e aplicáveis às relações entre Estados soberanos. Além disso, as mesmas premissas podem ser visualizadas no universo fictício apresentado em *Game of Thrones*, que compreende uma sociedade medieval onde a busca e manutenção do poder tornaram-se os principais objetivos dos reinos envolvidos na trama.

No primeiro capítulo deste trabalho, analisou-se os argumentos de Mearsheimer, elucidando alguns acontecimentos ao longo da história mundial que comprovassem as suas premissas teóricas. Em adição ao Realismo Ofensivo, estudou-se a mentira como instrumento das Relações Internacionais, mostrando sua relevância no contexto social atual. Vislumbrando esta análise, foi comprovado que os países, na formulação de suas políticas e estratégias, tendem a escolher por medidas agressivas, pelo poder de coerção e pelo uso da guerra como resolução de um determinado problema – sem levar em consideração as consequências geradas à sociedade internacional por este tipo de conflito. Estes Estados se consideram inimigos potenciais e por isso, a desconfiança – mesmo em um período que preza pela cooperação e integração – paira no cenário internacional.

Dando sequência, no segundo capítulo apresentou-se as diversas faces do poder e as formas como este é empregado entre os atores do sistema mundial. Além de sua definição por uma gama de autores, houve a exemplificação de suas formas de manifestação por meio do levantamento de eventos que trouxessem consigo as variáveis do poder – *hard*, *soft* e *smart power* e o poder de barganha – Pautados nestes exemplos, fica claro que nas relações entre os Estados há uma grande diversificação de estratégias e que a maioria deles, principalmente as grandes potências, já utilizaram-se de todos os tipos de poder em determinados períodos, de acordo com suas necessidades naquele momento. Observou-se também que não há uma face do poder que seja a principal ou a melhor dentre as demais, mas existe uma relação entre essas variáveis que possibilita o emprego das mesmas de acordo com o resultado que se espera.

No terceiro capítulo, foi feita uma aproximação em relação ao mundo de *Game of Thrones*. Verificou-se que nele se apresenta uma sociedade governada por um sistema monárquico onde diferentes reinos buscam a fortificação do poder que possuem, assim como uma quantidade ainda maior do mesmo. Com este objetivo, a questão de hegemonia se faz presente, assim como o emprego de meios hostis para a garantia dos interesses individuais destas famílias. Neste cenário, não há espaço para ações pautadas na ética e na moral. A grande maioria dos personagens tomam atitudes que não são consideradas corretas. Mesmo se tratando de ações em que era evidente que terceiros seriam prejudicados, determinados personagens continuavam com seus planos sem se importarem com as consequências. A violência sempre existiu nesta realidade, assim como a desconfiança entre os reinos e em adição a isto, diversas guerras foram travadas em nome de objetivos individuais. Nesta dinâmica agressiva, até mesmo as religiões foram evidenciadas como instrumentos pela busca de poder. Seu emprego, na maioria das vezes, foi feito de forma ofensiva, trazendo resultados tão trágicos quanto os das guerras.

Por estas características brevemente citadas, percebeu-se que a comparação em relação às premissas do Realismo Ofensivo é válida. Comprovou-se que a análise proposta por Mearsheimer é assertiva sobre a sociedade internacional e a sociedade westerosi. A realidade e a ficção se unem como forma de reafirmarem que o mundo, na maioria das vezes, não presa pelo bem-estar alheio, pela segurança do próximo ou por sua prosperidade. Somente as vantagens e ganhos particulares interessam para a atuação dos Estados em grande parte de sua atuação. Mesmo que haja discursos de defesa aos Direitos Humanos, de motivação à cooperação e integração, ou até mesmo do respeito a terceiros em diversas esferas, o contexto no qual estamos inseridos só valoriza a segurança e sobrevivência individuais dos Estados – mesmo que isto signifique o sacrifício de outros.

No quarto e último tópico as variáveis do poder foram vislumbradas por meio de acontecimentos da série, assim como ações particulares de alguns personagens. Ainda que no universo de *Game of Thrones* predomine o uso da violência, o *soft* e o *smart power* estão presentes nesta dinâmica. Como supracitado, dependendo dos interesses dos Estados, o emprego das relações de poder se dá de forma distinta. E isto acontece também em Westeros, onde os reinos executam ações que podem

não ser de cunho hostil por não precisarem da violência para alcançarem seus objetivos. Mesmo que a guerra seja o meio mais óbvio de solucionar problemas para esta sociedade, a inteligência e a diplomacia fizeram-se indispensáveis em diversas ocasiões, como as verificadas no capítulo em questão.

Portanto, após este diversificado estudo realizado por meio de uma analogia entre a real situação da sociedade internacional e o contexto criado por *Game of Thrones*, averiguou-se que as premissas realistas ofensivas de fato estão representadas no mundo atual, assim como no universo fictício que foi objeto de estudo deste trabalho.

Verificou-se que a imprevisibilidade nas relações de poder entre Estados soberanos também existe nas relações entre os Sete Reinos de Westeros. Além disso, as ações dos governantes, em ambos os contextos, priorizam somente seus interesses, muitas vezes não se preocupando com seu próprio povo. E a mentira, nestes cenários, é tida como uma ferramenta da política internacional, não institucionalizada, porém de grande eficácia na maioria dos casos.

Infelizmente, a sociedade está inserida em uma realidade que permite a impunidade para ações deste caráter. Ademais, não só há impunidade, como também certo apreço por parte dos indivíduos e Estados em relação a estes meios agressivos. Pode-se dizer que o mundo está doente, assim como as pessoas que vivem nele. E Westeros está fadado à ruína enquanto cada um dos Sete Reinos priorizarem sua hegemonia.

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Nilo. **Ética e Evangelização**: A dinâmica da alteridade na criação da moral. Petrópolis: Vozes 1993. p. 30-34.

ALBERNAZ, Bia et al. O aumento dos gastos militares da Venezuela. Realismo ofensivo e defensivo. **Intellector**, Rio de Janeiro, ano 6, v. 7, n. 13, 2010, p. 20. Disponível em: <<http://www.revistaintellector.cenegri.org.br/ed2010-13/albernaz-luz-2010-13.pdf>>. Acesso em 01 set. 2016.

BARBOSA, Rubens Antônio. Os Estados Unidos pós 11 de setembro de 2001: implicações para a ordem mundial e para o Brasil. **Rev. bras. polít. int**, Brasília, v. 45, n. 1, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73292002000100003&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 21 ago. 2016.

BARGANHAR. In: MINIDICIONÁRIO Gama Kury da Língua Portuguesa. São Paulo: FTD, 2002. p. 115.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Tradução Carmen C. Varriale et al. 11. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1998, p. 431-940.

COOPER, Robert. HARD POWER, SOFT POWER AND THE GOALS OF DIPLOMACY. **American Power in the 21st Century**, 2004, p. 3-6.

CUNHA, Daylhane Michely Aguiar. Estabilidade e os meios para alcançá-la: uma abordagem neo-realista. Faculdade Damas – **Caderno de Relações Internacionais** – V.2, N.3, 2011, p. 70.

DESARMAMENTO Nuclear e Não Proliferação. **Relações Exteriores**, c2016. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/paz-e-seguranca-internacionais/146-desarmamento-nuclear-e-nao-proliferao-nuclear#footer>>. Acesso em: 16 set. 2016.

DINIZ, Eugenio. Relacionamentos Multilaterais na Unipolaridade – Uma Discussão Teórica Realista. **CONTEXTO INTERNACIONAL**, Rio de Janeiro, vol. 28, no 2, julho/dezembro 2006, p. 528.

DUARTE, João Paulo Gusmão P. Poder e cooperação nas relações internacionais: a análise entre neorrealistas e neoliberais. **Inter Relações**, Santa Marcelina, ano 10, n. 31, 2010, p. 25-26.

FERREIRA, Marcos Alan Fagner dos Santos. **Definições Conceituais para o Entendimento da Política Externa dos Estados Unidos**: As Noções de Poder Duro (hard power) e Poder Brando (soft power). San Tiago Dantas – São Paulo. 2005, p. 2-4.

GAME OF THRONES, **Seis Temporadas Completas**. Produção: de Bernadette Caulfield, Frank Doelger, David Benioff, D. B. Weiss, Lynn Styles e George R. R. Martin [S.I.]: HBO Entertainment. 12 DVDs (3300 min).

George R. R.; GARCÍA JR., Elio M.; ANTONSSON, Linda. **O Mundo de Gelo e Fogo**: A história não contada de Westeros e As Crônicas de Gelo e Fogo. Leya, 2014.

GOMES, Francisco Manuel. SEGURANÇA E DEFESA: UM ÚNICO DOMÍNIO? **Jornal de Defesa e Relações Internacionais**, c2016. Disponível em:<
http://database.jornaldefesa.pt/assuntos_diversos_defesa/Seguran%C3%A7a%20e%20Defesa%20Um%20%C3%A9Anico%20Dom%C3%ADnio.pdf>. Acesso em: 05 set. 2016.

HOBBS, Thomas. **Do Cidadão**. Tradução Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes. 2. ed. 1998, p. 98.

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de uma República Eclesiástica e Civil**. Tradução João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Martins Fontes. 1. ed. 2003, p. 75-76.

JACOBY, Henry. **A Guerra dos Tronos e a Filosofia**. Tradução Patrícia Azeredo. 1. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012, p. 92-246.

JESUS, Diego Santos Vieira de. Poder inteligente e acomodação: os EUA durante o governo Obama. **Conjuntura Internacional**. Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 9 - 17, 10 sem. 2014, p. 10-12.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes e outros escritos**. Tradução Leopoldo Holzbach. São Paulo: Martin Claret, 2004.

MAGALHAES, Diego T. D. Conflict among International Relations Theories on Peace: normative implications. **Relações Internacionais**, Lisboa, n. 36, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992012000400009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 ago. 2016.

MAGRO, Breno Simões. **Política Pendular em Relações Internacionais na Era Vargas de 1930 a 1945** – O Comércio Exterior à Luz da Teoria Política de Ator Racional. Brasília: Instituto de Ciência Política (UnB). 2004, p. 1.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Tradução Antonio Caruccio-Caporale. São Paulo: L&PM Editores: Porto Alegre, 2011.

MEARSHEIMER, John. **Por Que os Líderes Mentem: Toda a Verdade Sobre as Mentiras na Política Internacional**. Tradução Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar. 2011, p. 33-109.

MEARSHEIMER, John. **The Tragedy of Great Power Politics**. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 2001, p. 12-43.

MENDES, Flávio Pedroso. **Lakatos, o Realismo Ofensivo e o Programa de Pesquisa Científico do Realismo Estrutural**. São Paulo: Instituto de Relações Internacionais. 2003, p. 109-112.

MORGENTHAU, Hans. **A Política Entre as Nações: A Luta pelo Poder e pela Paz**. Tradução Oswaldo Biato. 3. ed. São Paulo: Editora UnB. 2003, p. 16.

NYE JR., Joseph S. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. Nova Iorque: PublicAffairs. 2004, p. 2-7.

NYE JR., Joseph S. **The Future of Power**. Nova Iorque: PublicAffairs. 2011, p. 25-231.

NYE JR., Joseph S. **The Powers to Lead..** Nova Iorque: Oxford University. 2008, p. 27-88.

PETROLLINI, Darío Damían. **Realismo Ofensivo y Realismo Defensivo: El debate Intrarrealista**. Argentina: Centro Argentino de Estudios Internacionales. 2001, p.3. Disponível em:<http://www.caei.com.ar/sites/default/files/29_2.pdf>. Acesso em 27 ago. 2016.

PINTO, Danielle Jacon Ayres. FREITAS, Riva Sobrado de. Política externa e Smart Power: uma análise a partir da visão de Democracia, Agência e Estado de Guillermo O'Donnell. **Unoesc International Legal Seminar**, Chapecó, v. 1, n. 1, 2012, p. 227-230.

PIRES, Julia. **Westeros e o Sistema Internacional: A Aplicabilidade do Realismo Ofensivo em A Guerra dos Tronos**. 2015. 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Relações Internacionais) – Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2015.

RAMANZINI JR., Haroldo; VIANA, Manuela Trindade. Países em desenvolvimento em uma ordem internacional em transformação: coalizões e soluções de disputas na OMC. **Rev. Bras. Polít. Int.** 55 (2): 48-69, 2012, p. 49-63.

REIS, Bruno Cardoso. O Poder e as Relações Internacionais: Entrevista com Joseph Nye. **Relações Internacionais**. Setembro: 2011, p. 188.

REIS, Cristina Vinciprova dos. **Intervenções: Influência da política doméstica em decisões de política externa**. 2009, 159 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

RIBEIRO, Ana Karoline Linhares et al. Conflito das Ilhas Malvinas: análise da disputa diplomática Argentina-Inglaterra. **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XVI, n. 112, maio 2013. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=13191&revista_caderno=16>. Acesso em: 17 set. 2016.

RODRIGUES, Noeli. Teoria da Interdependência: os conceitos de sensibilidade e vulnerabilidade nas Organizações Internacionais. **Conjuntura Global**, Vol.3, n.2, 2014, p. 112-115.

RUDZIT, Gunther. O debate teórico em segurança internacional: Mudanças frente ao terrorismo? **Civitas**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, 2005, p. 300. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/viewFile/5/1598>>. Acesso em 03 nov. 2016.
SÁ, Antônio Lopes. **Ética profissional**. 9. ed. São Paulo: Atlas S. A. 2010, p. 3.

SANTOS, Andressa de Melo. O Realismo na Teoria das Relações Internacionais. **Caderno de Relações Internacionais**, Recife, v.3, n.5, 2012, p. 86.

TOFT, Peter. **John J. Mearsheimer: An Offensive Realist Between Geopolitics and Power**. Copenhagen: Institut for Statskundskab, 2003, p. 5-7.

SOBRE a UE. **União Europeia**. c2016. Disponível em: <https://europa.eu/european-union/about-eu_pt>. Acesso em: 17 set. 2016.

SOUZA, Rubin Assis da Silveira. Virtù e Fortuna em Maquiavel. **Jus Navigandi**, Teresina, ano 19, n. 3986, 2014. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/29050>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

TOFT, Peter. **John J. Mearsheimer: An Offensive Realist Between Geopolitics and Power**. Copenhagen: Institut for Statskundskab, 2003, p. 5-7.

WIGHT, Martin. **A Política do Poder**. Tradução Carlos Sérgio Duarte. São Paulo: Editora UnB, 2. ed. 2002, p. 1-185.

YAMAUTI, Nilson Nobuaki. A teoria política hobbesiana. **Departamento de Ciências Sociais** (UEM). Paraná, Ano 1, n. 1., 2001. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br//ru02_politica.htm#_ftn1>. Acesso em: 27 ago. 2016.

APÊNDICE A – PERSONAGENS DE GAME OF THRONES

- **AEGON TARGARYEN I:** Também conhecido como Aegon, o Conquistador. Foi responsável pela conquista e unificação dos Sete Reinos, fundando a dinastia Targaryen em Westeros.
- **ANTIGA VALÍRIA:** Uma cidade em ruínas em Essos. Está morta há mais de 400 anos e já foi a capital de um grande império.
- **ARYA STARK:** A terceira filha de Eddard e Catelyn Stark. É uma menina que se interessa por combates e exploração. Sempre desejou aprender a lutar com espadas e participar de torneios.
- **CATELYN STARK:** Esposa de Lorde Eddard e Senhora de Winterfell. É bastante orgulhosa, mas também é forte e generosa. É vista como honrada e justa por muitos. E considera o dever como um princípio de comportamento.
- **CERSEI LANNISTER:** Filha mais velha de Lorde Tywin Lannister e a irmã gêmea de Jaime. Depois da Rebelião de Robert Baratheon, se casou com o novo rei, tornando-se a rainha dos Sete Reinos. É ambiciosa e tem baixa astúcia, se ofende quando questionam suas ordens e não possui nenhum tipo de escrúpulo quando se trata de defender seus interesses – principalmente o que está relacionado aos seus três filhos.
- **DAENERYS TARGARYEN:** Também chamada Daenerys Nascida da Tormenta, é a última descendente confirmada da Casa Targaryen. Uma jovem muito bonita, com cabelos loiro-platinados e olhos violeta, comuns aos membros da sua família. Suas experiências traumatizantes durante sua infância contribuíram para que ela se tornasse uma conquistadora um tanto quanto piedosa. Além disso, possui três dragões – Drogon, Viserion e Rhaegal –, fato que a diferencia de todos os outros governantes de Westeros.
- **EDDARD STARK:** Chefe da Casa Stark, Senhor de Winterfell, e Protetor do Norte. Tinha por volta de trinta anos, com uma reputação de ter olhos frios, que muitos pensavam refletir seu coração gelado. Ned – como também é conhecido – tem um grande senso de justiça e sua família o considera bondoso.

- **ELLARIA SAND:** Amante do Príncipe Oberyn Martell. Mesmo não sendo descrita como uma mulher bela, é considerada atraente e de capturar olhares, com um ar sensual e exótico.
- **ESSOS:** Continente localizado a leste de Westeros. A região também é chamada de "Além do Mar Estreito", onde situam-se as Cidades Livres e o Mar Dothraki.
- **JOFFREY BARATHEON:** Filho mais velho e herdeiro do Rei Robert e da Rainha Cersei Lannister. Seu verdadeiro pai, porém, é Jaime Lannister, sendo fruto de um relacionamento incestuoso. Tem um gênio muito forte e um temperamento incontrolável, além de ter impulsos sádicos e pouco senso de certo e errado.
- **JON SNOW:** Foi criado como filho bastardo de Eddard Stark. Porém, recentemente foi revelado seu real parentesco. Jon é filho de Lyanna Stark (irmã de Eddard) com Rheagar Targaryen. Jon foi criado por Ned e juntou-se à Patrulha da Noite quando atingiu a idade adulta.
- **MARGAERY TYRELL:** Filha de Lorde Mace Tyrell e irmã de Loras Tyrell. É muito bonita, possui suaves olhos de corça e cabelos castanhos encaracolados. Também é bastante inteligente e muito persuasiva.
- **MELISANDRE:** Conhecida como a Sacerdotisa Vermelha, é uma sacerdotisa de R'hllor a serviço de Stannis Baratheon. Melisandre tem poderes proféticos que lhe dão uma parcial interpretação sobre acontecimentos futuros.
- **OBERYN MARTELL:** Príncipe Oberyn, também chamado de A Víbora Vermelha. Foi um homem destemido e luxurioso. Muito inteligente e perspicaz.
- **OLENNA TYRELL:** Mãe do Lorde da Campina, Mace Tyrell. É mais conhecida como Rainha dos Espinhos por causa de sua língua afiada.
- **PYCELLE:** Grande Mestre (curador) que estava a serviço da família real por mais de 40 anos. Também foi membro do Pequeno Conselho, servindo a seis reis.
- **PETYR BAELISH:** Chamado de Mindinho, foi Mestre da Moeda no pequeno conselho durante o reinado de Robert Baratheon. Possui consideráveis habilidades em comércio e finanças, e é mestre em intrigas na nobreza. É muito ambicioso e sabe lidar com adversidades políticas.
- **RAMSAY BOLTON:** Bastardo legitimado, filho do Lorde Roose Bolton. Originalmente, chamava-se Ramsay Snow. É cruel, feroz e sádico, e delicia-se em torturar outros.

- **ROBB STARK:** Primeiro filho de Eddard e Catelyn Stark, herdeiro de Winterfell e do Norte. Tinha um senso apurado de honra e justiça, compartilhando a devoção de seu pai pela honra.
- **ROBERT BARATHEON:** Foi coroado rei dos Sete Reinos após vencer a rebelião por ele iniciada, destituindo a dinastia Targaryen do Trono de Ferro. Embora não particularmente inteligente, Robert foi um guerreiro renomado.
- **ROOSE BOLTON:** Chefe da Casa Bolton e Senhor do Forte do Pavor. Embora seja bem-educado, ele é frio, calculista, e capaz de grande crueldade.
- **SANSA STARK:** Filha mais velha de Catelyn e Eddard Stark. Foi criada para ser uma dama, mas ao longo de sua trajetória, passou por momentos de dificuldade, o que transformou sua personalidade e a tornou mais fria.
- **STANNIS BARATHEON:** Irmão do meio entre os Baratheon. Ele serviu no pequeno conselho do Rei Robert como Mestre dos Navios. Foi Lorde de Pedra do Dragão. E após a morte do irmão, se declarou o herdeiro legítimo e passou a reivindicar o Trono de Ferro – embora tivesse pouco apoio à sua pretensão.
- **TYWIN LANNISTER:** Senhor de Rochedo Casterly, Protetor do Oeste e, por grande parte de sua vida, foi a Mão do Rei. Extremamente calculista, controlador e muitas vezes cruel, Tywin foi um dos senhores mais poderosos nos Sete Reinos.
- **VARYS:** Também conhecido como a "Aranha", foi um membro enigmático do pequeno conselho que ocupava o cargo de mestre dos segredos. Foi um excelente espião do Trono de Ferro e por muito tempo sua lealdade era incerta. Muitas vezes escondeu suas verdadeiras motivações e usou suas habilidades de espionagem de acordo com os seus interesses.
- **WESTEROS:** Um dos quatro continentes conhecidos neste universo. A maior parte de sua área corresponde aos Sete Reinos. Os outros dois continentes conhecidos são Essos e Sothoryos.